

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL  
MESTRADO**

**CRISTIANE VEECK**

**HORTAS COMUNITÁRIAS URBANAS E RELAÇÕES HUMANOS E NÃO  
HUMANOS: HABITAR RUÍNAS ENTRE O CAMPO E A CIDADE**

**Porto Alegre  
2022**

**CRISTIANE VEECK**

**HORTAS COMUNITÁRIAS URBANAS E RELAÇÕES HUMANOS E NÃO  
HUMANOS: HABITAR RUÍNAS ENTRE O CAMPO E A CIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Rural.

Orientadora: Renata Menasche

Co-orientadora: Nicole Weber Bennemann

**Porto Alegre**

**2022**

### CIP - Catalogação na Publicação

Veeck, Cristiane  
Hortas comunitárias urbanas e relações humanos e não humanos: habitar ruínas entre o campo e a cidade / Cristiane Veeck. -- 2022.  
169 f.  
Orientadora: Renata Menasche.

Coorientadora: Nicole Weber Bennemann.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Desenvolvimento rural. 2. Estudos multiespécie. 3. Etnografia. 4. Agricultura urbana. 5. Êxodo rural. I. Menasche, Renata, orient. II. Bennemann, Nicole Weber, coorient. III. Título.

**CRISTIANE VEECK**

**HORTAS COMUNITÁRIAS URBANAS E RELAÇÕES HUMANOS E NÃO  
HUMANOS: HABITAR RUÍNAS ENTRE O CAMPO E A CIDADE**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Desenvolvimento Rural.

**Aprovada em: Porto Alegre,.**

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Profa. Dra. Renata Menasche - Orientadora  
PPGAnt/UFPel e PGDR/UFRGS

---

Profa. Dra. Gabriela Peixoto Coelho de Souza - PGDR/UFRGS

---

Profa. Dra. Aline Reis Calvo Hernández - PGDR/UFRGS

---

Profa. Dra. Zoy Anastassakis - PPDESDI/UERJ

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço à Bebel, minha cachorra, aquela que divide o teto comigo e que esteve presente em todos os momentos da minha vida, nos últimos dez anos. Bebel, que por vezes assistiu minha dança de dedos no teclado enquanto eu escrevia, curiosa sobre os meus movimentos, e que, em outras, apenas me ouviu, enquanto dormia um sono profundo, sonhando, talvez, com a vida dos cheiros de outros cachorros. Ainda, é ela quem lambe as lágrimas quando as coisas ficam difíceis. Obrigada.

Agradeço, também, ao universo que tem feito um trabalho gracioso, agradeço a essa dança que o acaso vai forjando e que vamos chamando de vida. Obrigada.

À Lurdes pela sua dedicação em transmitir o seu conhecimento, por me abraçar quando sentimos que faz sentido, por entender que nem sempre a vida é fácil pra mim, por me deixar aprender com ela a cada dia em que estamos juntas, por termos criado esse laço. Obrigada.

Ao Benjamin pela nossa conexão, pelo seu abraço querido, sincero e demorado, por me perguntar sempre, “como está, minha filha?”, por me fazer rir com suas histórias. Obrigada.

À minha mãe, sem a qual eu não seria, definitivamente, quem eu sou, que, pelas suas deficiências, me fez um ser atento e, deveras, sensível às oscilações que se passam ao meu redor. Obrigada.

À memória da minha avó, que me fez acreditar que eu era uma pessoa amável e inteligente e que não mediu esforços para que eu estudasse. Obrigada.

À Renata Menasche, minha orientadora, que aceitou amorosamente o que eu pretendia pesquisar e que esteve atentamente presente no meu caminhar acadêmico, sempre acreditando no meu potencial. Obrigada.

À Nicole Bennemann, minha co-orientadora, pelas leituras atentas e pelos esforços em me mostrar aquilo que eu não estava enxergar.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Alimentação, Consumo e Cultura (GEPAC) por ser um espaço de troca e de fermentação de ideias.

À Associação de Práticas e Pesquisa em Humanidades pelos cursos que muito fizeram sentido em todo o meu percurso de pesquisa.

Ao grupo de estudos Humusidades e a Zoy Anastassakis pela oportunidade de olhar profundamente para alguns textos das autoras que embasam essa dissertação.

Ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural e à Universidade Federal do Rio Grande do Sul pela oportunidade de cursar um mestrado de forma gratuita e com qualidade ímpar, com um corpo docente incrível, do qual eu me orgulho muito. Obrigada.

Aos colegas do mestrado com entrada em 2020/1, que, como eu, fizeram esse percurso de forma turbulenta durante a pandemia de COVID-19, em especial à Júlia Gonçalves, Tábata Silveira e Lilith Schneider Bizarro, que seguraram minha mão em momentos difíceis.

A todas as pessoas humanas e não humanas que fazem parte do projeto da Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro, local potente, capaz de produção de diferenças em um mundo contaminado.

## RESUMO

Situada no campo de estudos entre o desenvolvimento rural e suas problemáticas e os estudos multiespécie, esta dissertação teve como recorte de pesquisa a Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro, uma horta comunitária urbana, regida pelos princípios da agroecologia, aberta ao público, situada no bairro Lomba do Pinheiro, na Zona Leste de Porto Alegre/RS. A pesquisa de campo ocorreu do período de junho de 2021 a julho de 2022, período em que atuei como pesquisadora e trabalhadora do local. Em termos metodológicos, a pesquisa está alicerçada no método etnográfico, na observação participante, na elaboração dos diários de campo, por meio de gravações em áudio e fotografias, que foram as formas de apreensão das dinâmicas colocadas no campo. No que se refere ao conteúdo e aos objetivos deste trabalho, são apresentadas a relação rural e urbano e a possibilidade de abertura do campo dos estudos rurais para o estudo de relações que ultrapassam os humanos, bem como encontros e de narrativas que podem nos colocar a formular respostas mais interessantes ao que hoje é conceituado como Antropoceno. Este trabalho trata ainda sobre as formas de alimentação que se dão na Horta e como a produção de alimentos e do ato de alimentar-se está enredado com as formas de ser e estar no mundo dos humanos e que leva em conta o que os não humanos produzem nos humanos e com os humanos. Transversalmente a toda discussão usou-se como balizadores das análises os conceitos de atenção, cuidado e relacionalidade para a reflexão sobre as aberturas à diferença práticas e discursivas que a agricultura urbana agroecológica que o contexto local é capaz de produzir.

**Palavras-Chave:** Desenvolvimento rural. Estudos multiespécie. Etnografia. Agricultura urbana. Êxodo rural.

## ABSTRACT

Situated in the field of studies between rural development and its problems and multi-species studies, this dissertation had as its ethnographic field the Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro, an urban community garden, ruled by the principles of agroecology, open to the public, located in the Lomba do Pinheiro neighborhood, in the East Zone of Porto Alegre. The ethnography took place from June 2021 to July 2022, period in which I acted as a researcher and worker at the site. Using the ethnographic method, participant observation, field diaries, audio recorded conversations, and photographs were the ways of apprehending the dynamics placed in the field. The first chapter contextualizes the rural-urban relationship and the need to open the field of rural studies to relationships that go beyond humans. It tells the story of Lurdes and Benjamin, farmers who migrated to Porto Alegre and are the founders of the Vegetable Garden project. In the second chapter, we thought about how urban agriculture and the Community Garden of Lomba do Pinheiro open possibilities of encounters and narratives that can help us formulate more interesting answers to what today is called the Anthropocene. In the last chapter we reflected on the ways of feeding that take place in the Horta and how the production of food and the act of feeding is entangled with the ways of being and being in the human world and that takes into account what non-humans produce in humans and with humans. Transversely to all the discussion, the concepts of attention, care, and relationality were used as a guide for the analysis to reflect on the openings to practical and discursive differences that agroecological urban agriculture and, locally, the Community Garden of Lomba do Pinheiro are able to produce.

**Keywords:** Rural development. Multispecies studies; Ethnography; Urban agriculture;.Rural exodus.



## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Meus pés molhados e meus tênis sujos em um dia chuvoso na Horta .....	17
Imagem 2 - Desenho feito no diário de campo após o primeiro dia na Horta .....	34
Imagem 3 - Benjamin cuidando da manutenção da horta.....	42
Imagem 4 - vista do terreno da horta pelo Google Maps .....	43
Imagem 5 - Encontro do Fórum Municipal de Agricultura Urbana, na escola Miguel Dario .....	44
Imagem 6 - Visita de professora e alunos de graduação da UFRGS. À esquerda está Lurdes. A criança é filho de uma voluntária da horta, moradora da comunidade da Lomba do Pinheiro .....	46
Imagem 7 - Visitantes no curso de formação sobre agricultura urbana, realizado em parceria com EMATER, Segurança alimentar do município, FASC, Secretaria municipal de Desenvolvimento econômico. Maio de 2022 .....	46
Imagem 8 - Estufa .....	48
Imagem 9 - Mulheres fazendo mudas na estufa .....	48
Imagem 10 - Área externa da casa em uma reunião do grupo que organiza os cursos de formação sobre agricultura urbana.....	49
Imagem 11 - Estética da mistura entre plantas que compõe a Horta.....	69
Imagem 12 - Silvia com a colheita de berinjelas, que foi dividida entre os voluntários.....	77
Imagem 13 - Uma terça-feira de almoço coletivo .....	78
Imagem 14 - Exemplo da forma como a sucessão ecológica acontece .....	84
Imagem 15 - Baraço de abóbora .....	97
Imagem 16 - Abóbora escondida entre baraços .....	97
Imagem 17 - Flor da Alcachofra .....	101
Imagem 18 - Simba dormindo entre plantas que foram coletadas para retirada de sementes.....	103
Imagem 19 - Secagem de sementes de mostarda e de camomila.....	106
Imagem 20 - Tartaruga em meio ao lixo, no Arroio Dilúvio, Avenida Ipiranga .....	111
Imagem 21 - Caramujo e eu interagindo através da minha mão .....	113
Imagem 23 - Caramujo e eu interagindo através do meu dedo .....	114
Imagem 24 - Oficina de Sabão 1 .....	121
Imagem 25 - Oficina de sabão 2.....	122
Imagem 26 - Jovens na horta.....	122
Imagem 27 - Jovens na horta 2.....	123
Imagem 28 - Melão de São Caetano .....	127
Imagem 29 - Maxixe, um dos frutos curiosos .....	128
Imagem 30 - Farofa com diversas PANC, decorada com flores e folha de ora-pro-nóbis .....	132
Imagem 31 - Salada com ora-pro-nóbis, alface, ervilha, caruru, hibisco, moranga ....	133
Imagem 32 - Hibiscos maduros .....	142
Imagem 33 - separação das sementes da fruta do hibisco.....	144
Imagem 34 - Chá de hibisco feito na Horta .....	145
Imagem 35 - Dona Neli mexendo com colher de pau a preparação da geleia .....	147
Imagem 36 - mãos de Dona Teresa lavando os hibiscos.....	148
Imagem 37 - Mão da Dona Celnira colhendo hibisco .....	148
Imagem 38 - Dona Celnira mexendo com colher de pau a preparação da geleia.....	149
Imagem 39 - PrintScreen retirado do site Casa Vogue, em agosto de 2022 .....	156

<b>Imagem 40 - Farmacinha e seus elixires .....</b>	<b>158</b>
<b>Imagem 41 - Picão preto.....</b>	<b>160</b>

## LISTA DE VÍDEO

Vídeo 1 - Caramujo caminhando na Horta após a chuva113

## LISTA DE ABREVIações E SIGLAS

APP	Áreas de preservação permanente
CRAS	Centro de Referência em Assistência Social
CREAS	Centros de Referência Especializados em Assistência Social
CPCA	Centro de Promoção da Criança e do Adolescente
CPCA	Centro de Promoção da Criança e do Adolescente São Francisco de Assis
DMLU	Departamento Municipal de Limpeza Urbana
EMATER	Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MST	Movimento dos Trabalhadores Sem Terra
OGM	Organismos Geneticamente Modificados
ONG's	Organizações Não Governamentais
ONU	Organização das Nações Unidas
PANC	Plantas Alimentícias Não Convencionais
PIC's	Práticas Integrativas e Complementares
Pré - ERGA	Pré-encontro regional de grupos de agroecologia
SMC/ PMPA	Secretaria Municipal de Cultura / Prefeitura Municipal de Porto Alegre
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**LISTA DAS PLANTAS COMO POPULARMENTE SÃO CONHECIDAS E  
RESPECTIVOS NOMES CIENTÍFICOS**

Alcachofra	<i>Cynara cardunculus var. scolymus</i>
Alface	<i>Lactuca sativa</i>
Batata cará	<i>Dioscorea bulbifera</i>
Batata crem	<i>Armoracia rusticana</i>
Batata doce	<i>Ipomoea batatas</i>
Batata doce roxa	<i>Ipomoea Batatas</i>
Batata inglesa	<i>Solanum tuberosum</i>
Batata Yacon	<i>Smallanthus sonchifolius</i>
Camomila	<i>Matricaria recutita</i>
Capuchinha	<i>Tropaeolum majus</i>
Caruru	<i>Amaranthus viridis</i>
Dente de Leão	<i>Taraxacum officinale</i>
Ervilha	<i>Pisum sativum</i>
Feijão borboleta	<i>Clitoria ternatea</i>
Hibisco	<i>Hibiscus sp</i>
Inhame	<i>Dioscorea trifida</i>
Margaridão	<i>Sphagneticola trilobata</i>
Mastruz	<i>Dysphania ambrosioides</i>
Maxixe	<i>Cucumis anguria</i>
Melão de São Caetano	<i>Momordica sp</i>
Moranga	<i>Cucurbita pepo</i>
Mostarda	<i>Brassica nigra</i>
Ora-pro-nóbis	<i>Pereskia aculeata</i>
Peixinho da Horta	<i>Stachys byzantina</i>
Picão - preto	<i>Bidens pilosa</i>
Tiririca	<i>Cyperus rotundus</i>
Tomate de árvore	<i>Solanum lycopersicum</i>
Tripa de galinha	<i>Stellaria media</i>

# SUMÁRIO

**PRELÚDIO**13

**1. INTRODUÇÃO**16

**2. METODOLOGIA E CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO**25

2.1 CAMINHOS PARA A CONSTRUÇÃO DO TEMA E PROBLEMA DE PESQUISA25

2.2 IMPLICAÇÕES COM O MÉTODO28

2.3 O PROBLEMA DA LINGUAGEM33

2.4 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO: O BAIRRO LOMBA DO PINHEIRO36

2.5 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO: A HORTA COMUNITÁRIA DA LOMBA DO PINHEIRO38

2.6 APRESENTANDO ALGUNS INTERLOCUTORES DA PESQUISA47

**3. RELAÇÕES CAMPO E CIDADE**52

3.1 PARA COMEÇAR SITUANDO: AGRICULTURA URBANA E DESENVOLVIMENTO RURAL53

3.2 IDENTIDADES E TERRITÓRIOS55

3.4 COMPOR COM A TERRA: AGROECOLOGIA COMO RELAÇÃO INTERESPECÍFICA61

3.5 A LÓGICA DA NÃO EXPLORAÇÃO DA TERRA70

3.6 AGROECOLOGIA NAS CIDADES72

3.7 CIDADES COMO RUÍNAS DO PENSAMENTO MODERNO77

**4. ANTROPOCENO E A SUA INCOMPLETUDE: POSSIBILIDADES DE IMAGINAR FUTUROS E CONSTRUIR REFÚGIOS**89

4.1 A AGRESSIVIDADE DAS FORMIGAS FALA SOBRE VIVER EM UM TEMPO DIFÍCIL89

4.2 ENCONTROS INTERESPECÍFICOS: A HORTA E SEUS EMARANHADOS97

4.4 REFUGIADOS106

4.4.1 Caramujos na horta109

4.4.2 As jovens na horta116

**5. COMER NA HORTA: RELACIONALIDADES A PARTIR DA ALIMENTAÇÃO**122

5.1 ESPÉCIES COMPANHEIRAS COMO COMIDA133

5.2 HIBISCO COMO ESPÉCIE COMPANHEIRA DOS HUMANOS DA HORTA137

5.3 COMER NA HORTA E DA HORTA: DISCURSOS SOBRE A POLITIZAÇÃO DO COMER E A VALORIZAÇÃO DO RURAL147

5.4 OCUPAR A COMIDA: PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS NO FIM DO MUNDO150

**6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**160

**REFERÊNCIAS**163

## PRELÚDIO

O texto desta dissertação é comprometido com a ética de um modo de fazer pesquisa que não é limpo e, menos ainda, neutro. A “sujeira” desta dissertação não está em um comprometimento moral, mas antes, em uma sujeira material. Desde as mãos e os pés sujos de terra, durante os três anos em que esta pesquisa foi desenvolvida, não houve como ser agricultora urbana em horta comunitária sem me sujar, sem ficar com as unhas pretas e quebradiças, sem ter terra pelo rosto, por enxugar o suor que escorria com as mãos, sem ter sujado tênis e sandálias. Não teria tido pesquisa se não tivesse sido picada por escorpião, se não visse cobra atravessar meu caminho, se não tivesse ficado com o rosto queimado do sol, ou se não tivesse “perdido” horas me confundindo entre as folhas ásperas do chuchuzeiro. Assim como não haveria pesquisa, tampouco, se não tivesse enfrentado os percalços que se colocaram no caminho. Para mim, pesquisa tem a ver com poder ser afetado e que, segundo Favret Saada (2005), responde ao apelo de investir no campo os problemas de minha existência; afeto, em mim, contudo, passa pela materialidade do meu corpo, pelos cheiros, pelo tato, pela dor, pelo risco, pelo choro, pelos gostos. Essa pesquisa é suja, também, porque não esconde o que foge, não pretende esconder o que no caminho se desencaminhou, saiu do controle, escapou. Aqui, acredita-se que justamente aquilo que escapa é o que é capaz de guardar maior potência de criação. Nesse percurso, fui pesquisadora, mas fui também pesquisada e transformada, silencieei e ouvi e me recriei com interlocutores e interlocutoras e com os campos. Ao lembrar que esse é um recorte localizado temporalmente, espero, neste pequeno fragmento que é a dissertação, poder sujar também um pouco o leitor e conduzi-lo pelo exercício de um estar em um mundo comum que agricultura urbana agroecológica e situada guarda a potência de proporcionar.

Para dar conta do que proponho aqui, esta dissertação será composta por cinco capítulos. O primeiro deles é a introdução, ou seja, o texto que apresenta a problemática pesquisada e a situa em um contexto amplo, dentro da abordagem do antropoceno e da etnografia multiespécie. O segundo capítulo diz respeito aos caminhos da pesquisa, as escolhas metodológicas e a descrição do campo estudado, a Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro. No terceiro capítulo trarei o

que os relatos de campo me apresentaram para pensar a relação entre campo e cidade e como a horta estudada tenciona esses conceitos, a partir das histórias que são nela contadas. Para tal, será narrada, em um primeiro momento, a história pessoal de Lurdes e Benjamin, em sua migração do campo para a cidade, história que acaba por se misturar com a história da criação da Horta Comunitária estudada.

No quarto capítulo a escrita versará sobre as relações e os encontros entre humanos e não humanos que acontecem na Horta, e o que isso implica em exercício de imaginação de criação de futuros possíveis e de lugares de habitabilidade, refúgios nas ruínas que são as cidades, nesse caso a cidade de Porto Alegre.

O quinto capítulo versará sobre a alimentação que acontece na horta e a partir dos cultivos da horta, e como as práticas com as plantas e outros não humanos traz diferenças para as relacionalidades colocadas pelas práticas alimentares das pessoas que ali circulam, e ainda, como as práticas alimentares se relacionam com o momento que vivenciamos, de marcas antrópicas na formação geológica da terra.



**Imagem 1 - Meus pés molhados e meus tênis sujos em um dia chuvoso na Horta**



Fonte: Acervo de imagens da autora (2022).

## 1. INTRODUÇÃO

*Como é possível nutrir conhecimento geral em mundos pós coloniais comprometidos em levar as diferenças à sério? (HARAWAY, 2019).*

Vivemos um tempo marcado por catástrofes. Um tempo em que Gaia, uma natureza que não é inerte nem intocável, mas que é viva e se coloca, precisa intervir. Intervenção essa que vem como algo com que nós, humanos, teremos que aprender a conviver (STENGERS, 2015). Cabe a nós também aprender a responder a essa intrusão de maneiras não bárbaras (STENGERS, 2015).

Ressaltarei que minha questão não é “o que fazer diante da intrusão de Gaia?” – questão cuja resposta excede as forças de qualquer um de nós –, e sim “o que é preciso para tentar responder a ela de um modo que não seja bárbaro? (STENGERS, 2015, p. 111).

A história moderna do mundo ocidental se fundamenta na confiança humana no desenvolvimento como sinônimo de crescimento econômico e, por conseguinte, nas reverberações que essa confiança vem acarretando para o planeta: mudanças climáticas, extinção de espécies e apagamento de outros mundos que não o mundo dos modernos.

A modernidade separou a natureza da cultura, separando, também, o humano de tudo o que, além dele, faz parte da vida na terra. Considerou que havia “uma natureza” da qual muito pouco sabíamos e que era exterior à espécie humana. Tudo o que é exterior ao humano ou que não foi criação sua (humana), na modernidade, foi chamado de natureza. Segundo Debaise (2019), dizer que existe uma natureza, foi a forma como os modernos encontraram para habitar a terra. Segundo Cançado:

Se convencionamos em algum momento chamar tudo isso de Natureza, foi em grande medida para que pudéssemos manter a “distância crítica” necessária para subjugar-la aos desígnios humanos, e uma vez desanimado o mundo, redesenhá-lo como um grande repositório de recursos naturais e provedor inesgotável e benevolente de matérias-primas (CANÇADO, 2019, p. 24).

A ciência moderna isolou as espécies para estudá-las e, no isolamento, esqueceu-se que tudo que existe, existe pela relação que estabelece. A taxonomia ocupou-se de descrever e classificar, sem ocupar-se do que se produz no entre as espécies. Sobre a taxonomia, reflete Rocha: “há uma tipologia taxonômica que

agrupa entidades pelas similaridades na mesma medida que as separa pelas diferenças. Com isso não são percebidos os agenciamentos subjacentes às relações, fluxo e trocas” (ROCHA, 2020, p. 900).

A modernidade, ainda, estabeleceu sistemas de pensamento e classificação social que diferenciam o sujeito, tido por excelência - aquele que conhece, o protótipo do cientista cartesiano - e as demais entidades ou organismos em estado de sujeição que, supostamente, não compartilham com os humanos os elementos de singularidade (inteligência, racionalidade, linguagem, moralidade, senso de justiça, etc.). A diferenciação que categoriza humano e não humano também prestou-se a estruturação do modo de operar moderno-colonial que animalizou humanos não desejados (LUGONES, 2014).

Se existe um grande símbolo da modernidade e de suas pretensões, esse símbolo são as cidades. As cidades encarnaram a divisão moderna entre natureza e cultura, fazendo com suas edificações, desaparecer, aos olhos humanos, aquilo que vivia nesse espaço antes da sua invenção . Segundo Cançado:

Se a cidade – habitat por excelência dos Modernos – muito mais do que uma configuração espacial específica, é uma relação de determinados humanos com o mundo, um ponto de vista dos humanos-urbanos (hurbanos) sobre o mundo, um projeto dessa humanidade para o mundo, esta também acaba por ser o modo hegemônico das relações modernas com o mundo (CANÇADO, 2019, p. 29).

O acontecimento histórico que alguns nomeiam como o início do Antropoceno, a saber, a Revolução Industrial, é o mesmo marco temporal que marca o início da urbanização como concebida hoje. A urbanização e os impactos humanos sobre o ambiente têm relação direta. A concentração de pessoas em espaços restritos, bem como a concentração de serviços e indústrias nas áreas urbanas, gera impactos degradadores para o ambiente. Embora atividades como mineração e agropecuária mereçam análises profundas sobre seus impactos sociais e ambientais, não podemos deixar de pensar nas cidades, nas atividades de construção civil, no mercado imobiliário e nos serviços prestados nas cidades como produtores de danos sociais e ambientais (JATOBÁ, 2011).

Haraway (2009) sugere que para que esse tempo, o das catástrofes, seja tênue, precisamos nos reaver com a nossa humanidade que vem da terra, do húmus, que nos coloca com os pés no chão. As cidades, por sua vez, fazem com

que, por vezes, esqueçamos que por baixo do concreto existe terra. Cançado relembra Ingold, coloca que:

Para Ingold, é exatamente através da pavimentação das ruas nas cidades modernas, que é inventada a ilusão para os seus habitantes de uma vida sem solo. De forma que estes podem atravessá-la, percorrendo com seus pés os diversos tipos de pavimentos sem que haja nenhum contato, nenhuma experiência com a terra (CANÇADO, 2019, p. 16).

Para Haraway (2009) pensar com os pés na terra, faz com que não nos livremos do incômodo rapidamente, mas que sigamos com ele para a possibilidade de construir respostas mais comprometidas com a criação de futuros possíveis, respostas não bárbaras (STENGERS, 2015).

Baseada nas proposições de Haraway (2019), Stengers (2015), Tsing (2019), Cançado (2019), coloco-me a pensar sobre a agricultura urbana e como ela é colocada em prática na Horta comunitária da Lomba do Pinheiro como uma forma de retomada do contato com a terra para os humanos que vivem na cidade de Porto Alegre e, ainda, como forma de apresentar respostas diante de um tempo marcado por catástrofes. Ressignificando a relação das pessoas com a paisagem da cidade e com a dicotomia produzida entre rural e urbano, além de a Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro ser espaço de encontros intra espécies e entre espécies, o ato de plantar pode despertar novas sensibilidades e *atenções* nas pessoas envolvidas. Ainda, a prática da agricultura urbana envolve inúmeras pautas como especulação imobiliária, saúde, lazer e segurança alimentar. Segundo Machini:

As conexões trazidas pelo plantio, na mesma medida que são minúcias entre semente e terra em um pequeno vaso, podem expandir para preocupações mais amplas que vão se conformando em buscas por mudanças nas cidades (MACHINI, 2018, p. 26).

A minha proposição nesta dissertação é pensar as cidades e o arruinamento que elas provocam para as relações formadoras de mundos diferentes do moderno. Trago no título o termo ruínas, pois ele tem sido bastante importante para pensar a degradação para a vida multiespécie que está colocada nas cidades. A Horta traz proposições de como habitar essas ruínas e nelas poder contar outras histórias, mais agregadoras e, quem sabe, que recriam ressurgências holocênicas.

Ruínas, para Tsing (2019), são modificações nas paisagens para a extração de ativos e que, quando a fonte do ativo se esgota, a paisagem é abandonada, deixando a perturbação (por exemplo, o caso da *plantation* de cana-de-açúcar).

Nessas modificações nas paisagens, sempre há um projeto, um *design* pensado por humanos, e, como todo projeto, tenta ser previsível e minimizar a imprevisibilidade, ou seja, simplifica os agenciamentos entre seres e, inclusive, tenta banir tais agenciamentos (uso de agrotóxicos em monocultivos de maneira a combater todas as demais vidas que poderiam surgir naquele espaço). Segundo Tsing, sobre a lógica da simplificação nas *plantations*:

A simplificação intencional das *plantations* priva os organismos de seus parceiros ecológicos comuns, já que estes últimos são considerados como obstáculos à produção de ativos. Por um lado, então, organismos quase idênticos são empacotados juntos; por outro lado, eles são alienados de todos os outros (TSING, 2019, p. 235).

O que seriam as cidades modernas, então, se não ruínas, já que seu *design*, seus projetos, apontam em grande medida para o isolamento, para a simplificação e precarização dos agenciamentos entre seres? Para Cançado, *design* é:

Método hegemônico de produção dos artefatos modernos, a cidade como o produto espacial desse processo, a urbanização como a acumulação extensiva do modo de existência Ocidental, e o Antropoceno, como a era na qual o projeto humano se tornou uma força geológica (CANÇADO, 2019, p. 34).

As cidades, em geral, foram pensadas e projetadas para humanos, o resto, os não humanos, foram banidos dos projetos. Toda a vida do solo, insetos e plantas, por exemplo, não entram nos projetos da arquitetura moderna. Ou, ainda, em um exemplo que trarei no corpo da dissertação, sobre um projeto urbanístico da cidade de Porto Alegre, que é da retificação do curso do Arroio Dilúvio. Um arroio em que centenas de espécies viviam, e que foi retificado por um projeto urbanístico e, hoje, recebe esgoto da cidade e que, podemos dizer, é apenas ruína. Muitos habitantes não sabem ou não lembram que o Dilúvio é de fato um curso d'água. Hoje, com alguns sobreviventes, vivendo em paisagem precarizada.

Tsing coloca que “para estudar as ruínas não é preciso se afastar de casa: a vida nas ruínas está em toda parte à nossa volta” (TSING, 2019, p. 87). Pensando na sua proposição, de que para estudar as ruínas não precisamos nos afastar de casa, passo a considerar os espaços urbanos, em geral, como ruínas do capitalismo. Nas cidades, a paisagem foi modificada de forma radical e dela extraem-se ativos (mercado imobiliário, mercado de serviços, indústria).

Mayers (2017) retoma o termo ruínas de Tsing (2019) para falar sobre o pensamento, apontando que existe uma ruína do pensamento moderno

antropocêntrico que pode ser, potencialmente, desconstruído quando se formam emaranhamentos entre plantas e pessoas, quando pessoas aprendem a conspirar junto com as plantas.

Aqui, estou entendendo ruínas como a intervenção humana que empobrece os agenciamentos entre seres, não diferente do que Mayers (2017) coloca, e que está calcado numa forma de pensamento antropocêntrico. As cidades são, nesse texto, uma expressão desse empobrecimento de agenciamentos multiespecíficos, que produz isolamento e que, pelo isolamento, produz também vícios de pensamento. No isolamento e dentro da lógica capitalista, não conseguimos imaginar saídas possíveis para o nosso tempo, apenas reproduzimos um cotidiano, com pouco espaço para a criação. Nas cidades, somos levados a manter modos de vida que, muitas vezes, nos alijam da relação com a terra e com seres não humanos, e, ainda, da relação com a comunidade, os vizinhos, o bairro. As hortas comunitárias podem ser geradoras da expansão da *atenção* para as *relações* que estão no dia a dia urbano, mas que acabam encobertas por um modo de vida que privilegia algumas relações em detrimento de outras (MACHINI, 2018).

Para Mayers (2017) uma horta (ou um jardim) bem cuidado, seja num pequeno vaso ou numa estação espacial, nas cidades grandes ou pequenas, fornece um palco para que humanos e plantas possam desempenhar poderes que estão emaranhados. O que acontece quando plantas e pessoas se envolvem nas vidas umas das outras?

A proposição desta dissertação é de uma etnografia multiespécie que busca pensar e descrever como uma horta comunitária urbana se faz capaz de produzir diferença nas cidades, e no que tange às formas de *relacionalidade*, *cuidado* e *atenção* de humanos para com outros que não humanos e para com o que se coloca no contexto estudado e opera a vida emaranhada, que está para além do apenas humano. Pensar na produção de diferenças nas cidades significa poder “criar espaço de hesitação” (STENGERS, 2018, p. 446) sobre os modos de pensar e agir que a modernidade nos implicou: o direito de não prestar atenção e não cuidar do que está para além de nós mesmos. Ainda, segundo Rocha, multiespécie compreende:

[...] o complexo de relações estabelecidas pela multidão de entes que habitam o imaginário e a realidade mundana. Essas relações permitem trocas, fluxos, representações, compreensões e constituições recíprocas

dos sujeitos imbricados, da paisagem e dos modos de ser e estar (ROCHA, 2020, p. 894).

Nesse caso, refletir-se-á, nesta dissertação, sobre alguns desses entes que habitam a cidade e as relações que estabelecem na Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro. Os conceitos de *relacionalidade*, *atenção* e *cuidado*, serão balizadores para a análise.

Para pensarmos tais conceitos, ainda, à guisa de introdução proponho a seguinte questão: o que uma horta precisa para viver? A ação humana se faz necessária, pois sem essa, uma horta não seria uma horta. Seria um lugar na cidade em que talvez houvesse um prédio, uma rua, ou outro dispositivo urbano. A força de trabalho humana é fundamental para a manutenção de um espaço de cultivos diversos. No entanto, outras forças são necessárias, a força da própria vida dos vegetais cultivados, as sementes que germinam, a dinâmica do solo e de todos seus habitantes, os insetos que realizam a polinização, a água que permite a vida das plantas, o carbono, o oxigênio e o nitrogênio, o sol e a escuridão da noite, o orvalho, o tempo que é necessário entre germinação, crescimento, maturação, colheita. Uma horta não é possível apenas com a força de trabalho humana, é nos encontros entre vários existentes que uma horta acontece. Neste trabalho, descreverei sobre esses encontros, emaranhados de *relacionalidade*, *atenções* e *cuidados* presentes em campo e que apontam para uma prática de mundificação que diverge da lógica moderna de contar histórias sobre o mundo. Segundo Silva:

Cuidar e estar atento à construção de um mundo comum ainda possível – embora essa janela de possibilidades se feche mais todos os dias – significa se opor às práticas que busariam reduzir a heterogeneidade dos mundos ao homogêneo, sua multiplicidade ao unívoco (SILVA, 2022, p. 56).

Compreender o mundo como múltiplo guarda a potência da desconstrução do antropocentrismo que nos colocou diante da intrusão de Gaia. Sobre *relacionalidade*, *atenção* e *cuidado*, parto do entendimento que esses conceitos são fundamentais para pensarmos a forma como humanos se colocam diante do mundo e como produz-se diferença quando humanos engajam-se no mundo de maneira *atenta* e, por consequência, *cuidadosa*, levando em conta que estamos permanentemente nos relacionando com outros seres. *Relacionalidade*, *atenção* e *cuidado* guiaram a forma como fui me colocando em campo e como tratei de descrever o que eu via. Não haverá, no entanto, uma parte ou capítulo específico para tratar desses conceitos, mas todo o escrito será permeado pelo que operam na

prática situada da Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro. Por vezes, voltaremos para elucidar uma coisa ou outra, mas eles não ocuparão o centro da narrativa, mesmo que a compondo.

Para entendermos melhor, trago algumas elucidações: autoras e autores que teorizam a abordagem multiespécie, com elaborações inseridas na produção de conhecimento científico, colocam a *atenção* em um lugar importante de suas formulações. Tomando a modernidade como um período em que houve o direito de não prestar *atenção* e em que o *cuidado* foi escoado para as margens da sociedade, nesta virada ontológica, a *atenção* e, por conseguinte, o *cuidado* são resgatados como pressupostos éticos para o fazer científico e, assim, também para possibilidades de imaginar outros mundos. Enquanto Stengers (2015) fala das *artes do cuidado*, Tsing (2019) traz o conceito de *arte de notar* e Van Dooren, Kirskey e Le Münster (2016) conceituam *atentividade*.

Isabelle Stengers (2015) usa a expressão “*faire attention*” para falar dessa *atenção*, que na versão em português do livro “No Tempo das Catástrofes” está traduzido como “*artes do cuidado*”, deixando claro como *atenção* e *cuidado*, no pensamento da autora, estão intimamente conectados. Contudo, nas palavras da autora:

Ter cuidado é aparentemente senso comum. Sabemos tomar cuidado com todo tipo de coisas, até mesmo aqueles mais aferrados às virtudes da racionalidade ocidental não recusarão esse saber aos povos que eles consideram supersticiosos. Aliás, até mesmo os animais à espreita têm essa capacidade (STENGERS, 2015, p. 74).

Para Stengers (2015) cuidar não significa um ato de bondade ou amor, por vezes cuidamos de modo a perpetuar a vida dos nossos “inimigos”. Stengers (2015) fala que o tempo do progresso, entregue nas mãos dos empresários, aliados às Ciências e ao Estado (Com C e E maiúsculos, conforme Stengers, 2015), foi um tempo em que era imperativo não ter *atenção/cuidado* com as consequências dos atos em nome desse progresso. Stengers (2015) traz o exemplo da Monsanto e da produção de Organismos Geneticamente Modificados (OGM). A vida dos agricultores e seus modos de fazer, não entraram em pauta na aprovação dos OGM, ou seja, teve-se o direito de não prestar *atenção* aos pontos que não interessavam ao lucro dos Empresários - Com E maiúsculo, conforme Stengers (2015). Nas palavras da autora:



O que fomos obrigados a esquecer não foi a capacidade de ter cuidado, e sim a arte de ter cuidado. Se há arte, e não apenas capacidade, é por ser importante aprender e cultivar o cuidado, cultivar no sentido em que ele não diz respeito aqui ao que se define a priori como digno de cuidado, mas em que ele obriga a imaginar, sondar, atentar para consequências que estabeleçam conexões entre o que estamos acostumados a considerar separadamente. Em suma, ter cuidado no sentido em que o cuidado exige que se saiba resistir à tentação de julgar (STENGERS, 2015, p. 30).

Nas palavras de Silva (2022), Stengers entende que para a construção de mundos comuns é preciso “estar atento às constrições, obrigações e exigências, que produzem o modo de existência do outro e daquilo com o qual ele divide seu mundo” (SILVA, 2022, p. 165). Além disso, Stengers (2015) fala em arte porque a *atenção* (e o *cuidado*) não estão em um lugar onde podem ser acessados, mas é necessário cultivá-los, sendo possíveis apenas através do cultivo.

Prestar *atenção* é admitir que nós, humanos, não somos centrais no mundo: nem tudo é sobre nós (TSING, 2019). E, além de não sermos o centro, devemos admitir que só existimos porque estamos em relação. O que seria de nós sem os milhões de bactérias que habitam nosso corpo, sem as plantas que produzem o oxigênio, nos alimentam e nos curam? Para Haraway (2009), a relação é a menor partícula da vida, nada existe fora de relação.

É a partir do exercício da *atenção* que podemos passar a considerar as relações que são constitutivas da possibilidade de vida na terra, vidas que são diferentes da nossa. Assim, os dois conceitos, *atenção* e *relacionalidade*, são, aqui, entendidos como inteiramente implicados um com o outro. O *cuidado* também é implicado pela *atenção*: quando desviamos nosso olhar para o outro de maneira ética, algo nasce na direção de uma resposta igualmente ética em relação a esse outro. As respostas éticas, chamo aqui de *cuidado*. Para Bellacasa (2017) *cuidado* é tudo o que é feito para manter, continuar e re-emparelhar o mundo para que todos possam viver nele da melhor forma possível. Esse mundo inclui tudo o que procuramos entrelaçar em uma teia complexa e heterogênea de sustentação da vida. Nas palavras de Bellacasa:

Genericamente falando, a afirmação de que o cuidado é importante no saber, é apoiada pelo apelo de Haraway para prestar atenção ao funcionamento e às consequências das nossas 'tecnologias semióticas' - isto é, às práticas e artes de fabricar sentido com sinais, palavras, ideias, descrições, teorias (BELLACASA, 2017, p. 200).

Em um pensamento que faz corpo com o pensamento de Stengers (2015), Tsing (2019), Haraway (2009) e La Bellacasa (2017), Van Doren et al. (2016) vão

escrever sobre as artes da atentividade. Trazendo atentividade e relacionalidade como conceitos que estão intimamente ligados. Segundo Van Doren et al. “A relacionalidade multiespécies, atenta aos registros temporais e semióticos, evidencia um mundo animado em que o ser é sempre tornar-se, em que tornar-se é sempre um tornar-se-com” (VAN DOREN, 2016, p. 41). Para esses autores, contar histórias apenas sobre humanos não serve nos tempos que estamos vivenciando, o que esses tempos exigem são práticas de atentividade para como os mundos dos outros se formam e se colocam em relação.

No mesmo sentido em que propõem Van Dooren, Kirskey e Le Münster (2016), tentarei aqui contar as histórias da Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro que não são histórias apenas humanas, mas são histórias de plantas, gente, cachorro, caramujos, senhoras, aranhas, enxadas, minhocas, jovens, formigas, bactérias. Histórias que, talvez, nos façam experimentar ou, de repente, imaginar mundos comuns. Mundos em que não se queira aniquilar a diferença, mas compor com ela. O passado não está terminado, ele está sempre sendo transformado pelo presente, narrar histórias no presente pode alterar as percepções sobre passados. Quando damos novos significados ao passado, abrimos novas possibilidades de interpretações para o presente e para o futuro. E, ainda, contar histórias não apenas humanas, cria outras possibilidades da realidade e composição. Segundo Krenak: “a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim” (KRENAK, 2020, p. 14). Dessa forma, o presente trabalho tentará atender aos seguintes objetivos:

- a) Problematizar, a partir da Horta estudada, as categorias urbano e rural;
- b) Pensar as cidades e o arruinamento que elas provocam para as relações formadoras de mundos diferentes do moderno;
- c) Narrar e analisar alguns encontros que acontecem na Horta entre humanos e não humanos;
- d) Pensar e analisar a alimentação que é praticada na Horta estudada e como ela se constitui como relacionalidade entre humanos e não humanos.

## 2. METODOLOGIA E CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO

### 2.1 CAMINHOS PARA A CONSTRUÇÃO DO TEMA E PROBLEMA DE PESQUISA

Como separar uma trajetória de vida da escolha de um tema de pesquisa? Como disse no prelúdio, os problemas que guiam a pesquisa são problemas que estão intimamente para mim colocados, não apenas como pesquisadora, mas como ser existente nesse mundo. Graduei-me em psicologia em 2010 e, desde então, venho traçando uma trajetória que me trouxe ao tema desta pesquisa. Trabalhei muitos anos no Sistema Único de Saúde, fiz residência multiprofissional em Saúde da Família e Comunidade e em Gestão em Saúde. Trabalhei como psicóloga concursada nos municípios de Sapucaia do Sul e Venâncio Aires. Tive oportunidade de percorrer muitos caminhos dentro do SUS, tendo trabalhado na atenção básica, saúde mental, gestão hospitalar, passando pela construção, com os usuários do sistema, de espaços de participação popular e controle social, e, ainda, com inserções no campo das Práticas Integrativas e Complementares (PIC's). Atenta às dimensões éticas do trabalho, busquei a escuta sensível de sujeitos e coletivos, tentando criar espaços de produção e defesa das diferentes expressões de vida.

Ao longo da minha caminhada venho procurando construir um projeto de vida em que a prática diária caminhe pela defesa das diferenças, pela autonomia dos povos e pelo respeito para com seus modos de ser e estar no mundo. Entre 2016 e 2018 morei e trabalhei em Venâncio Aires, acolhi essa oportunidade de trabalho para aproximar a minha realidade do modo de vida rural e, por meio da vivência cotidiana, apreender suas nuances.

Venâncio Aires é um município de 70 mil habitantes, predominantemente rural, tendo como produção principal a fumicultura. Eu trabalhei na saúde mental da cidade e atendia pessoas que moravam tanto no campo como no ambiente urbano. A vivência de escutar agricultores em seus sofrimentos pessoais e começar a perceber que muitas vezes o sofrimento está ligado ao trabalho e, no caso, à forma como se davam as relações dentro da produção de fumo, foi me colocando a refletir sobre modos de fazer agricultura e o que eles implicam. Em geral, os agricultores com quem mantinha diálogo eram pequenos agricultores familiares que, muitas vezes (quase sempre), estavam enredados em dívidas com grandes corporações e com o uso intensivo de agrotóxicos, o que trazia danos às suas saúdes física e

mental. Os discursos que eu ouvia narravam, muitas vezes, insatisfação com a vida e *vontade de morrer*.

Foi nesse contexto em que pude ter os primeiros contatos com a agricultura urbana. No meu local de trabalho havia bastante espaço e, assim, junto com Seu Nelson, o vigilante que ali trabalhava, começamos uma horta urbana no CAPS. Em um primeiro momento, para consumo próprio, depois, envolvemos na horta alguns usuários da política de saúde. Acredito que esse impulso de praticar alguma forma de agricultura foi ativado pelas narrativas que eu ouvia dos agricultores, foi como se eu quisesse colocar meu próprio corpo a experimentar uma relação com a terra, e produzir algo a partir dessa relação. Nesse momento, interessei-me em pesquisar, de forma independente, sobre agroecologia e tentar compreender um pouco esse universo tão diferente daquele narrado pelos agricultores que eu escutava, em que havia uso intenso de agrotóxicos, dependência das empresas, bem como o monocultivo do fumo, etc.

Quando eu vim trabalhar na prefeitura de Porto Alegre, fui lotada na política de Assistência Social, em um CRAS (Centro de Referência em Assistência Social) localizado no bairro Lomba do Pinheiro, na zona leste da cidade. Coincidentemente, no CRAS, já havia em curso um projeto de horta comunitária urbana. O que eu fiz foi inserir-me no que já acontecia, trazendo minhas ideias e vivências anteriores para aquele espaço. Constituiu-se ali um grupo de pessoas da comunidade, usuários da política de assistência social, interessados nas atividades da horta. Com a minha chegada o grupo se ampliou, se fortaleceu e diversificou as atividades. Em alguns momentos, íamos, inclusive, até a casa de algumas pessoas para ajudar a implantar uma horta doméstica. Discutíamos muitos assuntos, víamos filmes, estudávamos juntos. Foi nesse momento em que entrei no mestrado em Desenvolvimento Rural e entendia que meu campo de pesquisa seria esse grupo de pessoas envolvidas com essa horta urbana. Ali, no CRAS, aprendi muitas coisas, me experimentei sendo uma agricultora urbana junto com essas pessoas. Ao mesmo tempo em que eu trazia conhecimentos e temas para a discussão do grupo, eu fui aprendendo, principalmente com as mulheres mais velhas, sobre usos das plantas, épocas do ano para plantar, regimes de luz etc.

Depois de algum tempo fui convidada a compor a equipe da Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro e o CRAS, de certa forma, ficou para trás, não havia mais como eu pesquisar naquele lugar, com aquelas pessoas. Então, a

pesquisa passou a ter como campo a Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro. Não diferente de antes, a Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro é também para mim um local de trabalho, como funcionária pública na prefeitura de Porto Alegre. Desse modo, minha inserção sempre se deu a partir de dois papéis ao mesmo tempo, pesquisadora e trabalhadora, parte do universo pesquisado.

Não poderia, no entanto, deixar de contextualizar que a pesquisa foi totalmente perpassada pela pandemia de COVID-19. Minha entrada no mestrado se deu em 2020, e, tão logo as aulas iniciariam, o mundo entrou em isolamento social. O que achávamos que poderia ser algo passageiro, foi se perpetuando, e, hoje, já se completam dois anos e meio de pandemia. Nunca ter estado em sala de aula presencial com os colegas, ter encontrado presencialmente a orientadora apenas uma vez antes da pandemia e outra em 2022, dois anos depois do início do mestrado, tudo isso foi cenário para as reflexões que foram possíveis de serem feitas. O campo de pesquisa também foi afetado. Quando eu estava no CRAS e a pesquisa estava sendo entendida tendo aquele universo como campo, as rotinas já não eram mais as mesmas do que quando a pesquisa foi pensada pela primeira vez, antes da pandemia. O grupo da horta já não se reunia mais semanalmente, como antes. As pessoas que compunham o grupo passaram a ir em horários dispersos, após um longo período sem comparecer ao CRAS, por conta dos decretos que impunham à sociedade, com razão, o isolamento social. A equipe sofria com medo de seguir trabalhando diariamente, estabelecendo contato com pessoas, sabendo que a ameaça de sermos infectadas era iminente.

Quando cheguei, então, para trabalhar na Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro em 2021, a pandemia seguia, mas, neste momento, já com algum relaxamento quanto ao isolamento. Eu sabia que antes da pandemia o cotidiano da Horta era diferente, mais pessoas frequentavam o espaço. Houve, no entanto, muitos momentos em que eu e a Lurdes estivemos sozinhas na horta, principalmente nos dias frios e chuvosos do inverno de 2021, logo após a minha chegada. Com a primavera, mais pessoas passaram a frequentar a Horta, e, em 2022, pessoas que não apareciam há muito tempo, e que eu ainda não conhecia, mas que eram antigas frequentadoras, retornavam para as atividades. Dentro desse panorama, o de uma pandemia global, com todas as mudanças que gerou no cotidiano e com inúmeras incertezas é que essa pesquisa aconteceu.

## 2.2 IMPLICAÇÕES COM O MÉTODO

Quando entendi que o meu local de trabalho seria meu campo de pesquisa, várias dúvidas surgiram. Poderia eu ser uma pesquisadora em um campo tão familiar? Essas dúvidas, acredito, são fruto da forma como temos subjetivado o que é o fazer científico. Como ser “estrangeira”, ou ainda “neutra”, em um campo em que já existem laços firmados, anteriores à pesquisa?

Velho (1987) problematiza a noção de distância na pesquisa antropológica. O que é, de fato, familiar ao pesquisador? Acostumar-se a enxergar uma paisagem composta por diferentes atores não significa que conhecemos e entendemos aquilo que leva pessoas a agirem de determinada forma e não significa, tampouco, que compreendemos os pontos de vista ali colocados. Estranhar o que parece familiar e colocar em suspenso as noções de distância e objetividade, permite-nos poder observar sem medo quanto à impossibilidade de resultados imparciais. Segundo o mesmo autor, a pesquisa sempre é permeada pela subjetividade do pesquisador e a realidade filtrada pelo ponto de vista do observador. A objetividade, desde esse ponto de vista, é relativa e interpretativa. Sem colocar em questão a familiaridade, podemos atribuir ao familiar um valor dado, sem que nos interessamos pelos motivos sociais que conduzem os membros do sistema (WEDIG, 2009).

Com o tempo, um dilema ético a mais surgiu-me: como diz Débora Diniz ao falar da sua pesquisa com mulheres que praticaram aborto lícito em casos de anencefalia: “era preciso garantir que a aceitação de cada mulher era genuína e não resultado de um sentimento de gratidão pela equipe de saúde que a atendera” (DINIZ, 2008, p. 420). Da mesma forma, indaguei-me se as pessoas, interlocutoras da pesquisa, não trariam a mim relatos de forma a oferecer o que achavam que eu queria ou precisava. À luz de Michel Foucault, Caldeira (1991) problematiza as relações de força que se colocam entre pesquisador e pesquisado. Para a autora, uma entrevista, por exemplo, jamais é neutra, a relação entre entrevistador e entrevistado pressupõe um exercício de poder que se coloca no momento da entrevista. Enquanto o pesquisador tem uma legitimação social, em nome muitas vezes do fazer científico, que ratifica o exercício de fazer perguntas sobre as vidas das pessoas, os entrevistados voltam a legitimar esse poder, impregnados por um imaginário social que coloca o fazer científico num lugar de importância para toda a sociedade. Com esse desnivelamento dado *a priori* é que uma situação de pesquisa

se coloca. Segundo Caldeira (1991), cabe aos profissionais das ciências sociais a responsabilidade de pensar as repercussões de seu trabalho intelectual e, ainda, questioná-lo na prática da situação de pesquisa, junto a seus interlocutores.

Ao longo do tempo, em que eu passei a propor aos interlocutores conversas sobre elementos que configurariam a pesquisa, esses passaram a me interpelar sobre o que eu queria fazer, qual era exatamente o meu tema de pesquisa e como seria a participação deles. Segundo Caldeira (1991) numa relação de pesquisa o pesquisador pode passar a ser também pesquisado, no momento em que os interlocutores também interpelam o pesquisador sobre quem ele é, o que quer, o que é a pesquisa que está fazendo. Sentindo-me também pesquisada, passei a ter muito cuidado em sempre compartilhar o que eu estava pensando sobre a pesquisa, como é o mestrado, quanto tempo ele dura, quando eu previa terminar, além de tentar sempre deixar claro que nada iria ser publicado sem consentimento. Algumas conversas foram gravadas em áudio. Em alguns momentos lancei mão de um pequeno roteiro mental de perguntas, mas sem me prender a ele, fui deixando a conversa fluir com as pessoas com quem eu estava dialogando. Em outros momentos, como foi o caso da conversa com Lurdes, a conversa foi totalmente aberta e foi ela quem deu os rumos. Eu fiz algumas perguntas de esclarecimento apenas. Seidman (2006) reflete que o objetivo de uma entrevista é entender a experiência vivida pelos interlocutores para compreender os significados atribuídos a ela.

Após a gravação, fui enviando a cada uma das pessoas os áudios para que pudessem apontar coisas que não gostariam que entrassem no texto da dissertação. Achei importante, ao longo da pesquisa, ter esse tempo de sentar com cada um, ou, pelo menos, com a maioria, o que, para além de proporcionar uma conversa mais aprofundada, seria o momento de construir com elas uma intimidade maior com o tema da pesquisa e com a forma que eu me posicionava eticamente.

Com o tempo e com as leituras, comecei a perceber que, para além das relações humanas que emergem no campo, existem outras relações que compõem a pesquisa: plantas, insetos, minhocas, joaninhas, cachorros. Passei, através, dos estudos que vinha realizando, a perceber que esses compunham as narrativas e que as relações com os humanos estavam permeadas pelo que esses outros, não humanos, faziam. Os diários de campo passaram a registrar não apenas as relações

humanas, mas também as relações não humanas: as fotos passam a registrar folhas, insetos, minhocas, flores, caramujos, hibiscos, entre outros.

Ao pensar uma antropologia multiespécie, Sussekind coloca que a etnografia foi concebida, por algumas correntes da antropologia, como “registro de experiências sociais e culturais de grupos exclusivamente humanos que compartilham entre si uma natureza externa objetiva” (SUSSEKIND, 2017, p. 161). No entanto, estudos posteriores, inclusive estudos multiespécie, já não se limitam a descrever e interpretar experiências exclusivamente humanas. Segundo Kirksey e Helmreich “a etnografia multiespécie implica em escrever a cultura no antropoceno, atenta à reconfiguração do antropos, bem como às espécies companheiras e estranhas com as quais partilhamos o planeta Terra” (HELMREICH; KIRKSEY, 2020, p. 279).

Aqui, mais um desafio se coloca à pesquisa, já que fazer uma etnografia multiespécie envolve colocar para “dentro do texto” o mundo daqueles que não possuem uma linguagem que seja claramente inteligível a nós, humanos. A seguir, em um tópico específico, colocarei algumas questões sobre esse problema. Entendendo, então, que alguns interlocutores não poderiam falar e de forma a adensar minha descrição sobre os acontecimentos do campo, utilizei imagens para que essas possam também falar sobre o que apenas as palavras não podem narrar. De forma nenhuma me considero fotógrafa, as fotografias foram um exercício de registrar aquilo que capturava, em alguns momentos, a minha atenção, bem como de documentar o crescimento de algumas plantas e, ainda, como uma ajuda à memória, para que, através da imagem, as lembranças do campo pudessem ser melhores acessadas. Segundo Novaes:

Uma das características do discurso verbal, seja ele oral ou escrito, é que só é possível enunciar uma palavra por vez. Por outro lado, imagens, tal como os sons, permitem que se perceba simultaneamente um conjunto de elementos. Imagens são o resultado de sensações visuais, que nos chegam como um todo (NOVAES, 2014, p. 57).

O uso da fotografia na antropologia é um tema que vem sendo discutido há bastante tempo e sobre o qual não há consenso (BARBOSA; CUNHA, 2006). Desde Malinowski, em os *"Argonautas do pacífico"*, e em outras obras, a antropologia fez uso das imagens fotográficas para a representação da realidade estudada. Algumas fotografias aqui inseridas foram incluídas, pois há algo na realidade das plantas e de



outros não humanos que escapa à narrativa verbal. A surpresa que uma flor de alcachofra, por exemplo, provoca aos olhos humanos, só parece ser capaz de ser narrada pela imagem. Segundo Barbosa e Cunha:

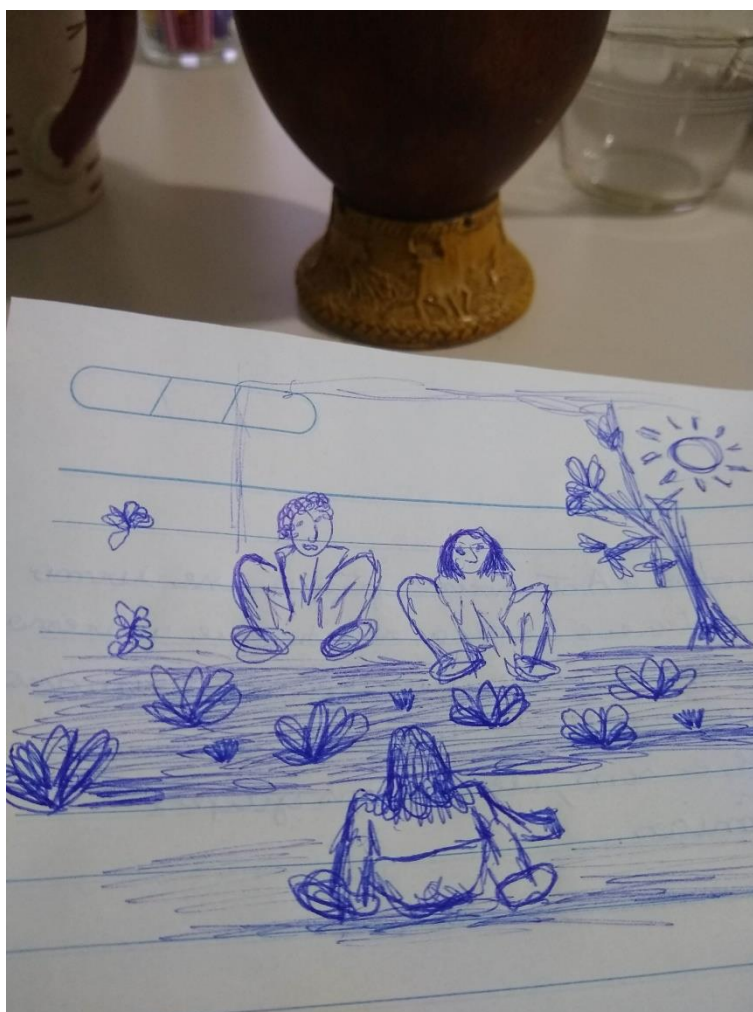
O estabelecimento dessa relação dialógica entre texto e imagem não é uma tarefa simples, ainda mais se pensarmos na problematização que Mead e Bateson fazem do próprio caráter ontológico da imagem. Para ambos, a imagem é polissêmica: se, por um lado, ela tem a capacidade de evocar e elucidar coisas que o texto não consegue expressar, por outro, ela é por demais aberta e precisa de um discurso verbal para direcionar o olhar, a leitura, no sentido da discussão que o pesquisador quer desenvolver (BARBOSA; CUNHA, 2006, p. 17).

Porém, apesar das gravações e das fotografias, a principal ferramenta de pesquisa utilizada foi a observação participante. Durante toda a pesquisa eu estive convivendo com o grupo pesquisado e fazia parte dele, participando de todas as atividades desenvolvidas ali. Na observação participante, o pesquisador mantém um relacionamento constante com o grupo estudado e compartilha da vida social daqueles que estão sendo observados (EMERSON; FRETZ; SHAW, 1995).

Ainda, para Ingold, “a antropologia é uma disciplina que opera emergindo no processo de vida e acompanhando-o” (INGOLD, 2019, p. 67). O autor também diz que um compromisso da antropologia é o de estudar com as pessoas e não sobre elas: “não se trata de descrever outras vidas, mas de unir-se a elas na tarefa comum de encontrar formas de viver” (INGOLD, 2019, p. 12). Poderíamos acrescentar que, para uma etnografia multiespécie, trataria-se, então, de unir-se a outros que não humanos na tarefa comum de encontrar formas de viver com.

O diário de campo foi uma companhia importante, um ativador de memórias e constituiu-se de relatos escritos, bem como de fotografias e de alguns vídeos que fiz, principalmente dos caramujos e dos hibiscos. Por vezes, gravei em áudio coisas que me chamavam atenção, noutras chegava em casa e escrevia, ou, ainda, escrevia um ou dois dias depois. Também alguns desenhos foram sendo feitos enquanto eu escrevia. No desenho abaixo eu retrato meu primeiro dia de trabalho na horta, em que eu, Lurdes e Cris estávamos acocadas diante de um canteiro e conversávamos sobre acontecimentos na Horta.

Imagem 2 - Desenho feito no diário de campo após o primeiro dia na Horta



Fonte: Acervo de imagens da autora (2022).

Foi no processo da pesquisa, embora já estivesse avisada, que me dei conta que apenas a minha memória não era suficiente para registrar tudo. Um exemplo da importância do diário de campo, ilustro com a narrativa de um episódio: em um determinado momento da pesquisa eu comecei a entender que a linguagem e a forma como nós, humanos, concebemos a comunicação é um ponto importante a ser abordado num trabalho que se propõe a pensar com não humanos. Nesse momento, eu pensava sobre a dificuldade que temos de poder narrar sobre não humanos, foi quando, *a posteriori*, dei-me conta que eu havia registrado em diário de campo uma passagem em que uma interlocutora falava exatamente disso. Na época do registro ele não tinha o mesmo valor que passou a ter após. Foi aí que eu percebi a real importância de ter registrado acontecimentos e impressões por escrito.

Também, ao longo do processo, me deparei com dúvidas sobre como nomear os interlocutores de pesquisa. Segundo Fonseca (2008) a escolha sobre como

nomear interlocutores, fala do posicionamento ético na pesquisa e de qual etnografia propomos. A escolha pelo anonimato nem sempre é uma solução interessante para a proteção ética dos interlocutores de pesquisa. Por vezes, o anonimato pode, inclusive, expor a comunidade estudada a questões que podem deixar leitores a pensar que a comunidade precisa ou quer estar escondida. Para Fonseca “mascarar nomes de pessoas ou de determinada comunidade pode trazer a mesma impressão que trazem os rostos borrados ou as tarjas pretas cobrindo os olhos que vemos em filmes e fotos de jovens infratores” (FONSECA, 2008, p. 41). É como se essas pessoas tivessem algo para esconder. Esse não é, em absoluto, o caso aqui colocado. Pelo contrário, inclusive, as falas dos interlocutores destacadas valorizam as suas identidades enquanto pessoas que possuem saberes importantes sobre as relações com plantas e outros não humanos. Destarte, optei, neste estudo, por trazer o primeiro nome real de cada um dos interlocutores, como forma de reconhecimento público por sua contribuição à sociedade e a esta pesquisa. Esse tema foi conversado com os interlocutores e inclusive, as partes em que são citados foram lidas conjuntamente com cada um deles, obtendo, assim, verbalmente, seu consentimento informado sobre o que seria exposto sobre suas pessoas.

### 2.3 O PROBLEMA DA LINGUAGEM

Como uma camada a mais sobre a ética dessa pesquisa, coloca-se a questão da linguagem, já que, para além dos humanos, considera-se aqui seres de interesse da pesquisa, outros existentes da horta. Dessa forma, trarei algumas questões para refletir sobre esse “problema”.

Narrar o mundo é construí-lo: material e semiótico estão profundamente imbricados. Imaginar e narrar futuro é prática construtora de materialidade, nesse tempo em que é tão difícil poder imaginar saídas não capitalistas e menos infernais (STENGERS, 2015) para a realidade dura que vem se colocando diante dos nossos olhos. Mas, como compomos e narramos o mundo com outros que não humanos, se não nos comunicamos através de linguagem verbal? Como ouvi-los e levá-los à sério? No caso de uma etnografia que se pretende multiespecífica somos levados a nos perguntar: “de que maneiras antropólogo(a)s falam, ou podem falar, ou devem falar, com e por outros não humanos?” (HELMEREICH; KIRKESEY, 2020, p. 286). Poder abrir a atenção para entender que a nossa linguagem, enquanto humanos,

não é a única possível, talvez faça nossas narrativas mais ricas e justas com os viventes, além humanos, desta terra.

Em outubro de 2021, ocorreu o segundo encontro presencial do fórum municipal de agricultura urbana e periurbana de Porto Alegre, que foi criado nesse mesmo ano, em um encontro na Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro, com a presença de vários representantes de hortas urbanas que acontecem pela cidade de Porto Alegre. O fórum é um espaço aberto para acolher iniciativas de agricultura urbana da cidade, para realizar trocas de saberes e, ainda, fazer alguns enfrentamentos políticos para a defesa da agricultura urbana enquanto pauta na agenda do poder legislativo e do executivo. Esse encontro aconteceu na Escola Miguel Dario, no bairro Agronomia, Zona Leste da cidade. Ali, junto à escola, está um presídio masculino semiaberto. A escola é um serviço da Secretaria Estadual de Segurança Pública prestado aos detentos. O local recebeu o evento, pois as atividades com horta é uma das ações que são desempenhadas pelos alunos, em conjunto com os professores. Nesse encontro, que também se prestou à formação dos presentes sobre agricultura urbana, professor Wiest e Professora Ingrid (que serão apresentados neste texto) foram convidados a falar sobre algumas plantas não convencionais. A fala da professora Ingrid trouxe alguns elementos que se colocaram como importantes para pensar este trabalho, que diziam respeito à linguagem das plantas. Diz ela, em trecho recortado do diário de campo:

As plantas não falam, não latem, não piam; até as formigas e as abelhas têm algumas sinalizações que entendemos como tal. As plantas se comunicam pela sua química. Tem pessoas que conseguem sentir as plantas de maneira mais profunda, se conectam com a sua energia, com a sua química. Essa é uma habilidade que podemos desenvolver. Quando conseguimos sentir as plantas estamos tendo um lembrete de que somos também natureza (Trecho do diário de campo, novembro de 2021).

A fala de Ingrid salientou algo que eu já vinha pensando, mas que eu nunca havia visto ninguém verbalizar como ela verbalizou. A partir disso, passei a pensar que parece haver um erro lógico na tentativa humana de tradução daquilo que não é humano para o domínio de signos humanos. “O cachorro está assustado”, “o manjerição tá com sede”, “as plantas sofrem com o calor”. Não há nessas frases algo completamente refutável, pois existem expressões desses não humanos de algo que está desestabilizado e que os humanos decodificam atribuindo características e sentimentos humanos. No entanto, o sistema de signos não é o

mesmo. Parece-me haver a necessidade de entender cada um dos seres no mundo como um universo completo e distinto do nosso. O susto do cachorro só importa enquanto uma expressão daquilo que é próprio do ser cachorro e que é diferente do que é próprio do ser humano. Nunca teremos alcance absoluto sobre o domínio de signos do cachorro, pois não somos cachorros. Mas levar a sério no cachorro a sua cachorridade importa, para que novas narrativas possam emergir, para podermos ter habilidade de responder de maneira responsável aos cachorros. Do mesmo modo, com as plantas. Levar a sério a vida das plantas é entender que há algo nelas que foge da nossa categorização em que as colocamos dentro da botânica e que existem signos próprios, que segundo a professora Ingrid em sua fala, são químicos. As volições das plantas, no entanto, não são como as volições humanas, não podemos dizer que elas estejam a planejar a revolução contra o nosso domínio, por exemplo, assim como diz Mayers (2017) não podemos saber se os alfaces hidroponicos, cultivados longe do solo, não estão satisfeitos. Existe uma limitação colocada nessa relação, pois não somos alfaces para sentir e perceber como alface. As inscrições das plantas são distintas das humanas. O que podemos fazer é abrir espaço para poder ser afetados pelos movimentos que elas fazem e que compõem conosco o mundo.

Vinciane Despret (2021) coloca que o mundo não é univocamente objetivo, mas ele é múltiplo. Essa multiplicidade depende da forma com que cada percepção, de cada animal, significa as coisas nesse mundo. Cada animal possui habilidade de atribuir significados a eventos, e a forma como atribuem esses significados não são sempre iguais – “para a gralha, um gafanhoto só adquire significado de gafanhoto quando salta, quando ele deixa de saltar, desaparece no universo perceptivo da gralha” (DESPRET, 2021, p. 276) essa seria a noção do *Umwelt*. Os comportamentos dos animais, que precisamos admitir, por vezes, incompreensíveis desde o nosso sistema de signos, convida a suspendermos julgamentos e a mantermos a curiosidade sobre a diferença. Sussekind nos lembra sobre a origem do termo *Umwelt*:

Nos termos de Von Uexküll, nenhum animal entra em contato com um objeto enquanto tal; cada objeto só pode ser entendido dentro de um mundo próprio (o célebre conceito de “*unwelt*”), como um carregador de significado para determinado organismo perceptivo. A teia da aranha dialoga com o mundo próprio da mosca, um mundo inacessível para a aranha, ao mesmo tempo que a eficácia da teia defende de sua ação no universo perceptivo da mosca (SUSSEKIND, 2018, p. 75).

Tsing (2019) ao abordar a limitação dos humanos na compreensão dos não humanos, lembra que não somos plantas e nunca teremos a chance de nos tornarmos plantas, e isso é, de fato, uma limitação. Porém, para a autora, essa limitação, a condição de humanidade, também pode ser um ponto de partida, uma abertura a partir da qual podemos nos envolver em mundos multiespécies. Segundo a Tsing:

Plantas e fungos não têm nem bocas para sorrir e falar, é difícil confundir suas práticas comunicativas e representacionais com as nossas. No entanto, suas atividades de criação de mundo e sua liberdade de agir também são claras – isso se permitirmos que a liberdade e a criação de mundos seja mais que intenção e planejamento. É desse potencial compartilhado de liberdade e de criação de mundo que podemos avançar para as vidas sociais mais que humanas (TSING, 2019, p. 125).

Complementarmente ao ponto de vista de Anna Tsing (2019), Donna Haraway (2019) coloca que especularam que as plantas não têm linguagem. No entanto, segundo a autora, algo a mais se passa no mundo vegetal, talvez algo que podemos chamar de arte. Mais adiante, Haraway coloca:

Las plantas son comunicadoras consumadas en una amplia gama terrana de modalidades, creando e intercambiando significados entre una galaxia asombrosa de asociados a lo largo de los taxones de seres vivos. Las plantas junto con las bacterias y los hongos, son las cuerdas salvavidas de los animales para comunicarse con el mundo abiótico (HARAWAY, 2019, p. 189).

Essa problematização sobre a linguagem e as representações se faz pertinente à medida que se está, aqui, preocupando-se em conseguir inserir um universo de seres não humanos na pesquisa e falar sobre as formas como afetam e são afetados. Uma vez que não podemos entrevistar uma planta ou um caramujo, existem outras *atenções* que precisam ser mobilizadas na etnografia para fazer uma tentativa de expressar mais do que o antropocentrismo já narrou até aqui. Dado o desencontro linguístico e de compreensão de mundos distintos é que, como dito anteriormente, foi lançado mão de outros recursos, além da escrita, no caso, a fotografia.

#### 2.4 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO: O BAIRRO LOMBA DO PINHEIRO

A Lomba do Pinheiro, região leste de Porto Alegre, configura-se como o quarto bairro mais populoso da cidade (IBGE, 2012). Configurado como zona rural

até a década de 1960, a Lomba do Pinheiro passa a ser território de expansão urbana nesse período. O fenômeno se dá a partir tanto da migração de agricultores do campo para a cidade, bem como pela expulsão de populações em situação de vulnerabilidade de áreas mais centrais da cidade. Camponeses da Lomba do Pinheiro, na década de 60 e 70, passaram a lotear suas glebas, iniciando o processo de adensamento populacional (ROSA, 2013).

Segundo a Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre, a região da Lomba do Pinheiro era caracterizada no início do século XX, mais particularmente na década de 40, como uma grande propriedade rural, pertencente a apenas cinco famílias. Destinava-se à criação de gado, porcos e galinhas e ao plantio de milho, abóbora e feijão, que abasteciam o centro da cidade. Poucos carros passavam mensalmente por lá e a principal avenida - João de Oliveira Remião - era de chão batido. As águas dos arroios eram cristalinas e a mata atlântica intocada (SMC/PMPA).

Com o processo de êxodo rural, a partir da década de 1970, a população mais pobre do campo passou a ter dificuldades de acesso à terra para produzir sua subsistência, e observou-se, então, um processo migratório dessa população para os grandes centros urbanos em busca de trabalho, onde experimentam uma grave situação de exclusão social. Essa população que migrou do interior do estado do Rio Grande do Sul para Porto Alegre se acomodou em áreas periféricas e menos adensadas populacionalmente, como é o caso da Lomba do Pinheiro à época.

Na década de 1960, os grandes lotes de terras que existiam na Lomba começam a ser divididos e vendidos, contrariando a legislação municipal que definia a Lomba do Pinheiro como área rural (SMC/PMPA, 2000). Desde a década de 1960 até os anos 2000, a população da Lomba do Pinheiro triplicou.

Após mais de 60 anos, desde o início da expansão urbana na região, essa ainda conserva características que misturam paisagens urbanas e rurais, o que demonstra que a transformação do uso rural para o uso urbano ainda está em curso (ROSA, 2013). Com a marca de diversos vazios urbanos e conservação da paisagem verde, a Lomba do Pinheiro torna-se um território potencial para a especulação imobiliária.

Constitui-se como marca do bairro a sua heterogeneidade, uma vez que compõem-se de vilas, ocupações de áreas verdes irregulares, áreas de comércio, propriedades rurais, e, pela sua história abriga, ainda, aldeias indígenas das etnias

Guarani e Kaingang. Atualmente, a Lomba do Pinheiro é composta por mais de 33 vilas (OBSERVAPOA, 2020), muitas delas em terrenos irregulares, com edificações em áreas de preservação permanente (APP), nas beiras dos arroios que se ramificam pelo bairro. Partindo da comparação entre os dados populacionais do censo do IBGE de 2000 e 2010, encontra-se que o bairro teve expressivo crescimento populacional, refletido em um aumento de 21.181 habitantes em 10 anos.

De acordo com o IBGE, para o ano de 2010, o bairro contava com 33 vilas e mais de 50 assentamentos não regularizados. Esta situação se reflete no índice de desenvolvimento humano da localidade, calculado em 0,683, ficando abaixo da média do município que é de 0,805.

De forma ampla, pode-se dizer que a Lomba do Pinheiro é um território extenso que abriga uma multiplicidade de formas de vida humanas e não humanas. Além disso, a população da Lomba do Pinheiro tem sido caracterizada na cidade de Porto Alegre como politicamente ativa, território em que há lideranças comunitárias fortes, bem como disputas de projetos para o bairro.

## 2.5 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO: A HORTA COMUNITÁRIA DA LOMBA DO PINHEIRO

A Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro é um projeto de agricultura urbana agroecológica existente desde 2011 e que teve início pela vontade da comunidade local. Conforme o Coordenador do Conselho Popular da Lomba do Pinheiro, Francisco Geovani de Sousa, a Horta "é um projeto coletivo de produção orgânica segundo os princípios da ecologia, com enfoques pedagógico, terapêutico e de inclusão social (...) conquistado por esforços de lideranças da Lomba do Pinheiro através do Orçamento Participativo" (SOUSA, 2016).

O primeiro movimento na implementação de uma horta no espaço em que a Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro está situada, se deu em 2004, junto à implementação do Comitê Regional do Fome Zero, em Porto Alegre. No entanto, o Comitê foi descontinuado em 2005. Segundo Sousa:

A transição de governo municipal em 2005 descontinuou, contudo, o Comitê Regional do Fome Zero acompanhando o fim do programa em âmbito federal. Esse fato, somado a uma série de dificuldades operacionais e falta de apoio governamental, provocaram o encerramento das atividades no



mesmo ano. No entanto, devido a relevância social do projeto, em 2011 iniciativas populares reivindicaram a retomada da horta comunitária na Lomba do Pinheiro (SOUSA, 2016).

Situada em terreno da prefeitura de Porto Alegre, atua com recursos próprios, provenientes da venda de mudas produzidas no local e, também, da venda, à época da colheita, de hibiscos. A horta não conta com recursos estatais. Além de Lurdes, líder comunitária vinculada à associação de moradores da Vila Pinhal, o projeto conta com um professor da rede municipal de ensino, Flávio, uma terapeuta ocupacional da rede municipal de Saúde, Cristiane, e uma psicóloga da Fundação de Assistência Social e Cidadania, eu, que escrevo essa dissertação.

O projeto é aberto a todas as pessoas que queiram participar e a exigência para tal é de que as pessoas colaborem com o trabalho ali desenvolvido. Existe um corpo de voluntários da horta, composto por pessoas que trabalham nas atividades do dia a dia, produzindo mudas, regando, plantando, colhendo, cuidando do espaço. Nesse grupo, há pessoas que moram na Lomba do Pinheiro, mas também existem pessoas que vêm de outros locais da cidade e de outros municípios, como Viamão, próximo da Lomba. Além dos moradores da Lomba, há estudantes universitários e outros jovens interessados em aprender sobre agroecologia. Os voluntários mantêm diferentes ritmos de frequência à horta: enquanto alguns conseguem estar presente quase que diariamente, outros vão em momentos de tempo livre, passando, às vezes, meses sem comparecer. O corpo de voluntários também vai se atualizando com o tempo, enquanto uns deixam de frequentar outros vão se integrando nas atividades. Há dias em que trabalham mais de dez pessoas ao mesmo tempo, em outros dias apenas uma ou duas pessoas estão no local. O clima incide de forma importante na frequência à horta, sendo que, geralmente, nos dias de chuva não aparecem voluntários. Costuma-se dividir as tarefas entre os presentes, de acordo com as vontades e possibilidades de cada um. As senhoras mais velhas costumam incumbir-se das mudas, pois considera-se que a tarefa não exige tanto esforço físico. Benjamin, esposo de Lurdes, quando presente, costuma realizar atividades de manutenção, como pequenos reparos na estufa, roçada das passagens e outras atividades de preservação do espaço. Lurdes e Flávio mantêm a atenção aos plantios, determinando o que será plantado em cada local, envolvendo-se com a organização dos canteiros. Todos podem capinar e adubar o solo, de acordo com o que é indicado por Lurdes e Flávio.

Meu papel na horta é de uma componente da equipe de coordenação, participando assim de momentos de planejamento de ações, ministrando cursos conjuntamente com o restante da equipe e parceiros, recebendo visitantes, conduzindo oficinas, entre outras atividades diárias, como os cuidados com os plantios. Além das várias atividades antes mencionadas, quando sobra tempo, eu tenho me dedicado à separação das sementes e organização em vidros, identificando as diferentes espécies, para que sejam usadas nos momentos seguintes de plantio, preservando assim a diversidade genética da Horta.

**Imagem 3 - Benjamin cuidando da manutenção da horta**



Fonte: Imagem do acervo da autora (2022).

A horta está dividida em cinco espaços: entrada da horta, horta 1, horta 2, pomar e estufa. Todos são cultivados com diversos tipos de plantas, mas no pomar preponderam as árvores frutíferas e na horta 2 as plantas medicinais. À exceção do pomar, cada um dos espaços tem uma fonte de água e uma caixa d'água, que deve ser mantida cheia, para dar suporte à rega das mangueiras, com regadores. Ainda que sejam vários os pontos de água, no verão, a irrigação é um problema. Com

apenas duas mangueiras, que não alcançam todos os espaços, nos meses de novembro a fevereiro, a atividade de rega extenua a equipe e os voluntários. Leva-se, em média, três horas diárias para regar toda a horta, sendo que, nessa época, o sol torna-se escaldante com o passar das horas, ao aproximar-se o meio-dia. Todos os dias, Lurdes lamenta o fato de a Horta não ter um sistema de irrigação que não dependa apenas do esforço humano para seu funcionamento. Esse problema vem sendo apontado há muitos anos, sendo que, em 2021, a prefeitura comprometeu-se em desenvolver um projeto de irrigação, sem que, até o momento, tenha havido avanços.

**Imagem 4 - vista do terreno da horta pelo Google Maps**



Fonte: Imagem do acervo da autora (2022).

Além do grupo de voluntários da horta, há um grupo de colaboradores. Esse grupo é composto por pessoas que planejam e executam ações de formação e apoio em agricultura urbana para diferentes serviços do município. Compõe esse grupo os quatro coordenadores (Lurdes, Flávio, Cristiane e eu), dois professores aposentados da UFRGS (Ingrid e José Maria), uma professora da UFRGS em exercício da função (Tatiana), um agrônomo da EMATER (Sandro), dois assessores parlamentares (Elisandro e Vilmar). Esse grupo também organiza as pautas de agricultura urbana, através do Fórum Municipal da Agricultura Urbana de Porto Alegre, fundado no ano de 2021, remanescente do Fórum Estadual de Agricultura Urbana. Os fóruns são espaços abertos para pessoas físicas ou jurídicas, serviços da rede municipal, ONG's e outras iniciativas que atuam junto a algum espaço de agricultura urbana, podendo ser hortas domésticas, escolares, dos CRAS e postos

de saúde, em praças, etc. O Fórum Estadual de Agricultura Urbana foi fundado em 2018. Eu comecei a participar em 2019, quando fui conhecendo os atores que fazem parte da rede de agricultura urbana municipal e estadual.

**Imagem 5 - Encontro do Fórum Municipal de Agricultura Urbana, na escola Miguel Dario**



Fonte: Acervo de imagens da autora (2021).

A forma como a horta se organiza diz de suas implicações com os fundamentos que regem a forma de fazer agricultura nesse espaço, que são, principalmente, fundamentos agroecológicos, mas, também, possuem marcas de um passado no campo vivido por Lurdes, Benjamin e Flávio. Os canteiros recebem diversas espécies que passam a viver juntas. Lurdes sempre reforça a importância das flores nos canteiros no meio de outras plantas, são elas que vão atrair as abelhas e outros insetos, tão importantes para a polinização. Algumas árvores e outras plantas que alcançam alturas maiores são usadas como quebra vento, como é o caso do margaridão, que além de atrair insetos polinizadores, protege as espécies menores da ação do vento. A coordenação entre diversos seres e ritmos de vida são levados em conta para a manutenção do espaço da horta. Uma das plantas que ganha destaque é o hibisco, ele é semeado há aproximadamente oito anos, coletivamente cuidado pelas pessoas envolvidas, sendo considerado um símbolo das atividades da Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro. A regulação do tempo na horta passa pela regulação do tempo que o cuidado com o hibisco impõe aos participantes para a manutenção da relação. É, ainda, através da venda informal do hibisco seco, usado para fazer chá, que a horta adquire recursos para seguir com

a manutenção do espaço. Segue um trecho do diário de campo, que permite observar um pouco dessas relações:

É dezembro de 2021 e após terem sido semeados em caixas e já terem cerca de 20 centímetros de altura, os hibiscos ganharam lugar nos canteiros. Foi aberto espaço para recebê-los e para que aí terminem de se desenvolver. Mesmo com a presença dos hibiscos, as demais plantas também ocupam os mesmos canteiros. É possível ver hibiscos próximos de alcachofras, alecrins, manjericões, ora pro nobis, estão espalhados por três dos cinco espaços que a horta possui. Não foram apenas os hibiscos que ganharam espaço nos últimos meses, o mesmo aconteceu com as abóboras (abóbora ovo, abóbora brasileirinha, abobrinha, abóbora cabotiá), algumas semeadas em caixas e outras diretamente no solo, logo apresentaram ramos bem crescidas e frutos. O mesmo aconteceu com a batata doce, que ganhou um canteiro específico (Trecho do diário de campo, dezembro de 2021).

Além do trabalho cotidiano, a horta recebe visitas de instituições das mais distintas espécies: universidades, hospitais, postos de saúde, unidades prisionais, organizações não governamentais, coletivos de mulheres, associações, grupos de idosos, Centros de Referência em Assistência Social (CRAS), Centros de Referência Especializados em Assistência Social (CREAS), abrigos, etc, geralmente quem recebe as visitas é a Lurdes ou Flávio, mas eu e Cristiane também nos envolvemos com a recepção de alguns visitantes.

**Imagem 6 - Visita de professora e alunos de graduação da UFRGS. À esquerda está Lurdes. A criança é filho de uma voluntária da horta, moradora da comunidade da Lomba do Pinheiro**



Fonte: Imagem do acervo da autora (2022).

**Imagem 7 - Visitantes no curso de formação sobre agricultura urbana, realizado em parceria com EMATER, Segurança alimentar do município, FASC, Secretaria municipal de Desenvolvimento econômico. Maio de 2022**



Fonte: Imagem do acervo da autora (2022).

Na horta são, também, realizadas oficinas, como a oficina de geleia de hibiscos, oficina de xarope, oficina de poda, oficina de sabão caseiro com óleo reciclado. Há alguns anos, antes da pandemia aconteciam, também, oficinas de preparação de canteiros, de plantação de alho. Existe uma rede de atores envolvidos com as atividades da Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro que, para além das atividades cotidianas, acionam a mobilização da sociedade de forma a atender para as práticas agroecológicas de agricultura urbana, o cuidado com a água e as nascentes, o consumo de agrotóxicos, o cuidado com os resíduos domésticos, a especulação imobiliária, a função produtiva da propriedade, etc.

A Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro encabeça as atividades do Grupo de Trabalho Arroio Taquara, grupo que existe há aproximadamente seis anos e tem como foco de ação o cuidado com as águas do território e a garantia do direito à água. O tema das águas perpassa a vida dos moradores da comunidade da Lomba do Pinheiro, já que esta comunidade é frequentemente afetada por sua falta, apesar de, no território estarem situadas as duas maiores bacias hidrográficas do município: do Salso e do Dilúvio. Além disso, a Lomba do Pinheiro, tem sido cenário de expansão urbana com investimento intensivo de construtoras, visando a especulação imobiliária, o que tem tido impacto no desabastecimento de água das comunidades mais pobres. Assim, a Horta também se torna cenário de discussões sobre desenvolvimento urbano, sobre formas de ocupação da cidade e seus efeitos

nas populações, delimitando um espaço de disputa com os interesses hegemônicos do planejamento urbano.

A estufa é mais um dos espaços que compõem a horta. Ali são produzidas mudas que, posteriormente, serão transplantadas para os canteiros; também são produzidas mudas para venda e para doação. Para o acondicionamento de mudas são utilizadas caixas de leite higienizadas e cortadas ao meio, que recebem alguns recortes na parte fechada, para que a água não se acumule no recipiente, o que afogaria a planta. Na estufa há mesas grandes em que as mudas permanecem para venda, doação ou posterior plantio nos canteiros. Esse é um espaço em que há bastantes conversas, já que pessoas se reúnem ali e no fazer manual, a conversa vai sendo ativada. Além disso, esse espaço se faz importante pois é onde nascem muitas das plantas que irão compor a horta, sendo assim, uma espécie de berçário de plantas.

Sempre que a horta recebe visitas, muitas mudas são doadas, sejam da estufa ou retiradas diretamente dos canteiros. Outras vezes, a horta recebe mudas de plantas que ainda não são cultivadas ali, ampliando a biodiversidade do espaço. Recordo-me, por exemplo, que se recebeu como doação, em maio de 2022, treze mudas de erva mate que vieram de uma aldeia Guarani do Rio Grande do Sul. Assim, com circulação de mudas e sementes, vão se estabelecendo circuitos de trocas e reciprocidade.

**Imagem 8 - Estufa**



Fonte: Imagem do acervo da autora (2022).

**Imagem 9 - Mulheres fazendo mudas na estufa**



Fonte: Imagem do acervo da autora (2022).

Outro espaço que tem sua importância é a chamada sala verde, ali no meio das horta 1, horta 2 e pomar, ao lado da estufa, está um espaço com bancos e coberto por plantas: maracujá, melão de São Caetano, guaco, framboesa, batata cará, entre outras. A maioria, plantas trepadeiras, que sobem pelos mourões que sustentam a sala. Nesse espaço acontecem algumas reuniões, bem como serve de lugar de descanso entre uma atividade e outra. Ali se fuma (Lurdes, Benjamin e eu somos fumantes), se confabula, seca-se o suor para seguir as atividades.



**Imagem 10 - Área externa da casa em uma reunião do grupo que organiza os cursos de formação sobre agricultura urbana**



Fonte: Imagem do acervo da autora (2022).

A horta tem uma casa e uma área externa à casa, que conta com mesas e bancos largos. Nesse espaço é que acontece a maioria das reuniões, é onde se realizam algumas oficinas e, ainda, é o cenário dos almoços coletivos.

Além do espaço cultivado e da casa, a área da horta conta com alguns hectares de mata nativa, que circunda o espaço até o Arroio Taquara. Na mata, abriu-se uma trilha, feita pelo professor Flávio. A trilha conta com algumas placas que indicam paradas, em que se faz alguma fala reflexiva com as pessoas que estão fazendo a caminhada.

## 2.6 APRESENTANDO ALGUNS INTERLOCUTORES DA PESQUISA

Neste subitem apresento alguns dos interlocutores da pesquisa para que possa guiar a leitura do trabalho nas páginas que seguem:

**Lurdes** - Lurdes é a principal interlocutora desta pesquisa, uma vez que é uma das idealizadoras e coordena as atividades do espaço. Lurdes é líder comunitária, mora na parada 14 da Lomba do Pinheiro, tem 62 anos de idade. Envolvida com as lutas da comunidade da Lomba do Pinheiro desde que chegou em Porto Alegre, quando iniciou algumas atividades com os freis franciscanos que têm

um papel relevante dentro da comunidade da Lomba do Pinheiro. Oriunda da fazenda Annoni<sup>1</sup>, um dos primeiros acampamentos do Movimento Sem Terra, Lurdes ainda se vê como sem-terra.

**Flávio** - Participa do projeto da horta há mais de dez anos, é o principal parceiro de Lurdes na construção e manutenção da horta. Flávio é professor de Geografia da rede municipal de educação e cumpre sua carga horária de quarenta horas dedicadas integralmente às atividades da horta. Ele faz a interlocução entre a política municipal de educação e a horta. Recebe turmas escolares no espaço como instrumento de educação ambiental para os alunos. Além disso, representa a horta em vários espaços, conjuntamente com Lurdes. Nascido em família de agricultores, Flávio foi também seminarista, ligado aos franciscanos.

**Benjamin** - É esposo de Lurdes, se fazendo presente na horta em alguns momentos pontuais, em que algo precisa de manutenção. Além de ser agricultor desde a infância, na cidade, Benjamin tornou-se trabalhador da construção civil. Faz reparos estruturais na horta, como na manutenção da estrutura da estufa e reparos na rede de passagem de água.

**Cristiane** - Com o primeiro nome igual ao meu, Cris, diferente de mim, inseriu-se no projeto da horta em 2013. É terapeuta ocupacional de formação, funcionária da secretaria de saúde de Porto Alegre. Teve, por muitos anos, 8 horas semanais de atividades na horta. Ela figurou por quase um ano entre meus interlocutores, hoje já não faz mais parte do projeto.

**Silvia** - É uma senhora de 67 anos que frequenta a horta como voluntária há muitos anos. Ela é agitadora dos almoços coletivos e de outras atividades que eventualmente acontecem na horta, como acampamentos, encontros, reuniões. Mostra-se sempre preocupada com o bem-estar alimentar dos participantes.

**Professora Ingrid** - Ingrid é professora aposentada da Faculdade de Agronomia da UFRGS, mantém a parceria com a Horta desde a sua fundação. Enquanto professora, atuava com pesquisa e extensão na Horta e fez grandes contribuições para o aprendizado do manejo do hibisco. Hoje, participa de formações como palestrante e de outros eventos que acontecem na Horta. Também colabora com a produção de mudas.

---

<sup>1</sup> *MST: uma história de luta e de desenvolvimento - Vida no Sul*, neste vídeo podem-se obter mais informações em uma notícia veiculada no programa Vida no Sul, gravado na celebração de aniversário de 28 anos da ocupação da Fazenda Annoni pelo MST, em Pontão (RS). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=FU\\_EtDnr26Q](https://www.youtube.com/watch?v=FU_EtDnr26Q). Acesso em: 04 nov. 2022.

**Professor Wiest** - Professor Wiest, também conhecido como Zé Maria, é professor aposentado da UFRGS e um dos colaboradores da Horta. Enquanto ainda era professor, manteve pesquisas e extensão com seus alunos na Horta, especialmente sobre o hibisco.

**Jovens** - Talvez seja injusto colocar todas as jovens em uma mesma descrição, já que cada uma é uma. Todavia, sempre enxerguei movimentos distintos que levam as pessoas mais jovens à horta daquele que leva as pessoas de mais idade, em geral, mulheres idosas. As jovens têm um movimento crítico forte em relação à cadeia de produção de alimentos, e procuram a horta para se relacionarem diretamente com a terra e com a produção autônoma dos seus alimentos, livres de agrotóxicos. Além disso, existe uma procura por encontrar formas de viver suas vidas por fora da lógica do capital.

**Simba** - É o cachorro que habita a horta, estando presente em todas as atividades ali realizadas. Tem um espírito caçador e gosta de andar livremente nos arredores da horta, apesar de sempre retornar. Tinha uma companheira, Samanta, mas competia com ela, não deixando ela se alimentar. Samanta faleceu em 2021, não se soube, ao certo, se pela idade ou se alguma doença a acometeu.

**Caramujos** - Foram se colocando como interlocutores à medida que foram sendo percebidos por mim e, pela minha atenção voltada para eles, instigaram a curiosidade de outros no espaço da Horta. Sua aparência é impressionante, devido ao seu tamanho e aos seus movimentos. Passei alguns momentos importantes e longos observando-os e interagindo com eles.

**Hibiscos** - Os hibiscos foram interlocutores importantes da pesquisa, convivi com eles de agosto de 2021 à maio de 2022, acompanhando todo o seu ciclo e os fazeres humanos que eles disparam, pude entender que, talvez mais do que qualquer outro não humano, os hibiscos são espécie companheira dos humanos da Horta.

**Batatas** - As batatas cultivadas na Horta aparecem como interlocutoras na medida em que coloco-as como contraponto à história das batatas no mundo, que em grande medida, foram reduzidas à parente mais famosa, injustamente nomeada de inglesa. As batatas da Horta são vistas como seres corajosos pelos humanos que interagem com elas, uma vez que, mesmo com calor intenso e pouca chuva, elas são capazes de seguir vivendo.

\*\*\*

Neste capítulo viram-se os caminhos que levaram à escolha do tema de pesquisa, caminhos que se enredam com uma trajetória de vida e trabalho que fui percorrendo e que foram se inscrevendo em mim, nos últimos anos; caminhos entre o mundo rural e as subjetividades de trabalhadores, pequenos agricultores da indústria fumageira, e a prática da agricultura urbana de base agroecológica, praticada por diferentes atores urbanos, que vão se encontrando pelo fazer comum. As escolhas metodológicas também apresentadas aqui, foram as que me guiaram em campo, no qual me vi por diversos momentos ocupando dois papéis ao mesmo tempo, tendo em vista que eu era pesquisadora e também trabalhadora, compondo o universo pesquisado. Nesse e em outros pontos, o diário de campo foi ferramenta importante para posterior possibilidade de produzir algum afastamento, para a possibilidade de composição dessa escrita.

Na sequência do capítulo, apresentei fatores históricos e alguns indicadores da formação do bairro Lomba do Pinheiro, zona Leste de Porto Alegre, onde a Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro está localizada, bairro que há poucas décadas era zona rural e que, aos poucos, foi se urbanizando e acolhendo pessoas marginalizadas pela vida no centro da cidade.

Então, apresentei a Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro, projeto que conta com onze anos de existência e que foi reivindicado por lideranças da comunidade local à gestão municipal que, à época, fez a compra do terreno onde o projeto se localiza. No próximo capítulo, após situar a presente dissertação dentro do escopo de estudos do desenvolvimento rural, contarei a história de Lurdes e Benjamin, agricultores que migraram do campo para Porto Alegre, e fundadores da Horta. Além da história do casal ser parte da história da criação da Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro, ela nos traz elementos interessantes para refletir sobre as identidades camponesas que se fazem presentes na cidade e que acabam, por vezes, apagadas pelos modos de vida urbano.

Também no próximo capítulo, situar-se-á a agroecologia, que é a prática adotada de manejo dos cultivos e de como lidar com o todo o ambiente na Horta. A agroecologia, adiantando o que virá, é capaz de trazer para a narrativa da agricultura, a multiplicidade de seres que compõem a paisagem em que os cultivos acontecem, abrindo-a para o diálogo multiespecífico. Ainda, pensando com Mayers (2017), refletir-se-á, brevemente, sobre como as escolhas de *design* para as práticas

de agricultura na Horta dizem sobre as formas como humanos e plantas vêm se enredando na vida uns dos outros nesse local.

### 3. RELAÇÕES CAMPO E CIDADE

A agricultura urbana fala sobre um “entre”, ou seja, práticas rurais em um ambiente urbano. Coloca, assim, em suspenso o pensamento de que a produção de alimentos se dá apenas no ambiente rural. Abrindo, ainda, possibilidades para pensar as cidades e a relação com a terra no ambiente urbano, relação que, em geral, é colocada como distante e não pertencente a esse espaço. Neste capítulo, contarei a história de Lurdes, que migrou do campo para Porto Alegre e achou na agricultura urbana uma forma de continuar dando significados para a sua vida, segundo ela mesma. Hoje, Lurdes é a coordenadora da Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro. Também, neste capítulo, farei uma introdução sobre a agroecologia como uma prática que pensa sobre o lugar de todos os seres existentes, humanos e não humanos, que compõem o sistema complexo que é a vida. Levar a sério a vida de outros que não humanos e considerar suas agências, me parece, tem a ver com começar a entender que o discurso que os privou de serem considerados vida inteligente é o mesmo que considerou algumas vidas humanas passíveis de morte. Segundo Sá (2013) precisamos nos questionar sobre quem – e o quê – é levado a existir, e como determinados modos de existência são (e não são) feitos para serem levados em conta. Segundo Van Dooren, Kirskey e Le Münster:

Lutar por mundos melhores requer aprender a levar os outros a sério em sua alteridade, encontrando modos de confundir que evitam a fantasia da tradução universal ou de um critério singular – geralmente “nosso” – de avaliação ou verificação. Também requer o aprendizado de novos modos de levar em conta outros enigmáticos que não podem ser – ou talvez que não queiram ser – representados, ou mesmo tornados cognoscíveis ou práticos dentro de qualquer modo disponível de compreensão (VAN DOOREN; KIRSKEY; LE MÜNSTER, 2016, p. 51).

Ainda, o capítulo coloca em foco a *atenção* que os trabalhadores agroecológicos, urbanos ou rurais, precisam para entender o que o sistema formado por diversas espécies de plantas, solos, pessoas, bactérias, fungos, entre outros, comunica.

### 3.1 PARA COMEÇAR SITUANDO: AGRICULTURA URBANA E DESENVOLVIMENTO RURAL

Tratando-se de uma dissertação inscrita no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, torna-se pertinente contextualizar o tema da pesquisa e suas convergências no universo dos estudos em desenvolvimento rural.

Definir o desenvolvimento rural requer esforço teórico, pois uma diversidade de significados são atribuídos, tanto ao que se refere a desenvolvimento, como a rural (FREITAS et al., 2012). Durante a modernização da agricultura, principalmente na década de 1970, a colagem de significados entre rural e produção agrícola cristalizou-se nas Ciências Sociais e o entendimento predominante era de que o rural teria ficado à margem de mudanças que atingiram os espaços urbanos, fortalecendo a sua categorização associada ao atraso. Tal fenômeno legitimou a adoção de políticas públicas para que houvesse desenvolvimento nas regiões rurais do país, em um sentido que apontava para a modernização dos modos de fazer agricultura, incluindo maquinários e insumos químicos (FREITAS et al., 2012).

A noção de desenvolvimento, por sua vez, também possui muitas facetas. O desenvolvimento rural foi visto, no Brasil e no mundo, como modernização agrícola ou, ainda, industrialização rural. Práticas que não estivessem identificadas com o viés da modernização eram tidas como arcaicas, sendo negado o conhecimento prático e a capacidade criativa dos agricultores (SOUZA et al., 2013). Até o presente, políticas públicas para o campo, visam, principalmente, desenvolvimento econômico de áreas rurais, sem, contudo, levar em conta o que tal desenvolvimento traz em impactos sociais e ambientais, ou ainda, sem levar em consideração saberes tradicionais. Muitos agricultores não se adaptam à modernização da agricultura e acabam sendo forçados a abandonar a vida no campo para buscar alternativas de subsistência na cidade. Os agricultores mais frágeis, ou seja, os pequenos agricultores são mais fortemente atingidos pela necessidade de migração (FREITAS et al., 2012).

No Brasil da década de 1980, passou-se a questionar a ideia hegemônica do que seria desenvolvimento rural. Novas narrativas foram emergindo de agricultores e de estudiosos. O mundo rural começa a ser percebido como espaço de vida, com costumes e tradições. Segundo Schneider e Cassol (2013), concomitante à

efervescência de movimentos de agricultores, emergiu, no Brasil da década de 1990, o termo agricultura familiar.

Outras questões somavam-se ao debate, como a questão ambiental trazida pelos impactos da agricultura moderna, problematizando a noção de desenvolvimento restrita ao crescimento econômico. Um marco dessa discussão foi a realização da Conferência da ONU para o meio ambiente no Rio de Janeiro, a ECO-92 (CASSOL; SCHNEIDER, 2013). Assistia-se à afirmação das temáticas ambientalismo e sustentabilidade, com crescente interesse dos estudiosos das Ciências Sociais em temas, como a conformação dos mercados e a dinâmica ocupacional da população rural (SCHNEIDER, 2006).

Áreas urbanas e rurais costumam ser pensadas separadamente, como universos apartados, tanto em âmbito local, como por agências internacionais. Essa distinção não dá conta do que acontece, com fluxos constantes e que mudam rapidamente. Segundo Forster et al (2015), essa dicotomia não ajuda a pensar reestruturações urbanas que integram as problemáticas rurais-urbanas.

A dicotomia rural-urbana ainda predomina em visões sobre o desenvolvimento rural e políticas públicas. Tal visão remonta a expansão do capitalismo e a aceleração da urbanização, trazendo a ideia de progresso associado ao urbano, fabril, industrializado (LEFEBVRE, 2006). Para Favareto:

Compreender os fenômenos relativos ao desenvolvimento rural significa, pois, buscar o entendimento da complementaridade conflituosa que cerca a evolução de determinadas configurações territoriais, onde os traços definidores da ruralidade se compõem sob formas distintas e historicamente situadas (FAVARETO, 2007, p. 87).

As transformações no meio rural impõem à busca de novos quadros teóricos que deem conta dos novos fenômenos rurais, que ultrapassam os limites do ambiente geográfico, como por exemplo, as redes de agroecologia e a agricultura urbana, temas recorrentes no universo urbano. As distâncias materiais e simbólicas entre campo e cidade já não são as mesmas de outrora e são, cada vez mais, reduzidas pela acessibilidade de tecnologias (SCHNEIDER; MENASCHE, 2014).

Schneider e Menasche (2014) apontam que, com as mudanças do universo rural e sua complexificação, bem como com o avanço da antropologia, em um movimento de abertura, que traz para seus estudos o pensamento sobre a agência



dos não humanos como actantes do social, faz-se também importante introduzir esse modo de fazer antropologia nos estudos rurais. Segundo os autores:

[...] falar em simetria entre natureza e cultura nos Estudos Rurais passa por incluir os não humanos nas redes de relações formadas entre os atores, deixando de pensar os não-humanos apenas como representações do mundo humano e assumindo sua capacidade de agência (MENASCHE; SCHNEIDER, 2014, p. 259).

Conforme apontado pelos autores, considerar as relações entre humanos e não humanos se faz importante para o avanço dos Estudos Rurais, contexto em que, entendo, se insere o tema da Agricultura Urbana. Para os mesmos autores, a partir do pensamento simétrico, relações entre campo e cidade e a separação natureza e cultura, revestem-se de novos sentidos.

Além disso, há alguns anos populações urbanas vêm questionando o que têm ingerido como alimento. A causa rural, o uso de agrotóxicos e a agroecologia vêm sendo inscritos no repertório de discussões urbanas, pelo viés do consumo (BARBOSA; PORTILHO, 2016). A agricultura urbana é, nesse quadro, mais uma via para inserção nas cidades de pautas referentes à alimentação livre de veneno, produção agroecológica, direito à terra, valorização das práticas de agricultura familiar, em contraste com o agronegócio.

Como dito anteriormente, nesta pesquisa o urbano e o rural não são pensados como universos separados, mas como constitutivos um do outro. Assim, para pensar o rural ampliado e integrado ao ambiente urbano, também devemos levar em conta as subjetividades rurais que deixaram de ter espaço no campo, em função do projeto de modernização. Nesse sentido, o de pensar sobre as identidades rurais de agricultores que vivem, hoje, na cidade, bem como contar a história de surgimento da Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro, trago a seguir alguns fragmentos da história pessoal de uma de minhas interlocutoras, Lurdes. A partir da história de Lurdes e seu esposo Benjamin, começarei a refletir sobre as relações inter e entre específicas que são construídas na Horta.

### 3.2 IDENTIDADES E TERRITÓRIOS

Como justificar que somos uma humanidade, se mais de 70 milhões de pessoas estão totalmente alienadas do mínimo exercício de ser? A modernização jogou essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e em periferias, para virar mão de obra em centros urbanos. Essas

peças foram arrancadas de seus coletivos, de seus lugares de origem, e jogadas nesse liquidificador chamado humanidade. Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos (KRENAK, 2020, p. 9).

“*Para mim é impossível viver longe do verde*”, diz Lurdes, que nasceu em uma família de agregados de origem italiana. Os pais tinham um “rancho” nas terras do patrão e para isso “pagavam a meia”, que significa dar parte da produção para o patrão, proprietário da terra, na qual somente os agregados trabalhavam. Segundo Krone e Menasche, “os agregados eram famílias que se estabeleciam em terras alheias, trabalhando e cultivando a terra sob certas condições” (KRONE; MENASCHE, 2007, p. 116). Lurdes, desde pequena trabalhava. Como conta, era comum as famílias terem enxadas pequenas para as crianças, que iam para a roça junto dos pais. Na família dela não foi diferente, sua mãe dizia que “louco era quem não aproveitava o trabalho das crianças”. Assim, em terras difíceis de serem cultivadas, de barro vermelho e íngremes, diz Lurdes: “*A gente era criança, a gente brincava também, descia o perau escorregando*” (Trecho do diário de campo, março de 2022). Até hoje, Lurdes usa uma enxada menor do que as demais enxadas, todos nós sabemos que a enxada pequena é dela. Nas suas palavras:

Então Cris, foi muito dolorido. Tu imagina o que os meus pais passaram, nós era assim, em São José do Herval, antigo burro morto, lá onde o diabo perdeu as botas, era uns perau Minha mãe sempre dizia, louco quem não aproveita o trabalho de criança. Tinha as enxadinhas pequeninhas, assim, Cris, por isso que até hoje eu tenho esse costume da enxadinha. Aí tu começa a entender (Trecho do diário de campo, março de 2021).

E ela segue:

Daí eram aqueles morros, morros, tu consegue imaginar? que nós tínhamos que subir de quatro e descer de quatro, que nós descíamos até com aquelas folhas de coqueiro, porque nós brincava, nós éramos crianças. Tinha que trabalhar até agarrado para não resvalar e cair lá embaixo. Era a meia pro patrão, então na estiagem, o patrão não queria saber, era a metade. Vinha a enchente e o patrão não queria saber (Trecho do diário de campo, março de 2022).

A mãe, além de agregada era benzedeira e passou alguns conhecimentos de uso das plantas para Lurdes, o que hoje ela relata com frequência. “*Minha mãe fazia assim*”, não raro, ouve-se Lurdes dizendo.

Ainda jovem, Lurdes casou-se com seu esposo, Benjamin. Os pais do Benjamin tinham terra, porém era pouca para repartir entre todos os filhos e suas

respectivas famílias. Dessa forma, Lurdes e Benjamin seguiram suas vidas sendo agregados em terras de patrão. Até que uma oportunidade pareceu surgir para o casal. Várias pessoas que, assim como eles, não tinham terra resolveram ocupar uma fazenda improdutiva, a fazenda Annoni. Em 1985, a fazenda Annoni foi o primeiro acampamento da história do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST). Ali, Lurdes e Benjamin foram criando seus filhos e resistindo, na luta pela esperança de ter seu pedaço de terra. No entanto, o movimento resolveu caminhar até Porto Alegre para fazer-se ouvir na reivindicação da reforma agrária. Lurdes relata que, nessa caminhada, uma de suas filhas ficou doente. No desespero de buscar curá-la, o casal largou o movimento, vindo para Porto Alegre de ônibus, a fim de achar socorro para a filha.

Com a história que nós estávamos na luta da fazenda Annoni, para ganhar terra também, né, Cris. Como nós estávamos indo a pé, nós estávamos perdendo nossa filha, dai depois descobriram que era uma tuberculose que ela tinha no pescoço, um gânglio, tem o sinal dele até hoje (Trecho do diário de campo, março de 2022).

Após saírem da fazenda e virem para Porto Alegre, a família se instalou na Lomba do Pinheiro:

Aí ficamos por aqui, porque tinha que sobreviver, o Bejo (Benjamin) começou a trabalhar em obra e eu comecei a ter um filho atrás do outro. Aí o que que aconteceu que, eu já falei e vou repetir, que a gente deixa a roça e a roça não deixa a gente. Ali mesmo onde eu moro, ali na Vila Pinhal, na parada 14, dava para contar as casas que tinham, mas sempre a gente teve plantas, a gente trouxe essa crença, essa cultura (Trecho do diário de campo, março de 2022).

Lurdes, hoje uma das mais conhecidas ativistas da pauta da Agricultura Urbana em Porto Alegre, conta sobre um tempo difícil de vida no campo, em que tinha que “pagar a meia”. Igualmente difícil foi sua chegada em Porto Alegre, quando entendeu que a realidade urbana não era exatamente como imaginava. Segundo Hartwig:

O êxodo rural configura a impossibilidade de um contingente significativo de pessoas de produzirem sua existência, seja como trabalhadores autônomos em suas terras ou como assalariados. Concomitante a isso, a cidade não consegue absorver todo o contingente de migrantes como mão de obra, gerando desemprego e situações de vulnerabilidade social (HARTWIG, 2013, p. 2).

Dessa forma, pergunta-se, como ficam os agricultores que saíram do campo e vieram para a cidade, tendo em vista que no campo, segundo Woortmann e Woortmann “além de produzir cultivos, o trabalho também produz culturas” (WOORTMANN; WOORTMANN, 1997, p. 15), ou seja, é constituidor de identidades?

Tal como no exemplo da trajetória de Lurdes, muitos são os habitantes das cidades provenientes do processo de modernização da agricultura, que carregam em seus corpos identidades camponesas. Segundo Nakamura (1996), é na vida social que operamos cristalizações responsáveis pela formação de nossas identidades. A partir disso, então, o que podemos pensar sobre os indivíduos que viviam no meio rural e que migram para a cidade em busca de melhores condições de vida, que nem sempre são encontradas?

Para Simmel: “a metrópole altera os fundamentos sensoriais da vida psíquica” (SIMMEL, 2001, p. 12), a urbanização provoca efeitos psicológicos nos indivíduos devido ao maior distanciamento das relações afetivas. Woortmann e Woortmann (1997) colocam que os processos de trabalho do campo possuem dimensões simbólicas que constroem espaços sociais e de gênero. Por perderem essas dimensões simbólicas que partilhavam e adentrarem em um universo urbano, em que há maior distanciamento afetivo, muitos desses cidadãos podem entrar em sofrimento.

Ir para a cidade buscando inserir-se no mercado de trabalho pode significar colocar um ponto final em uma forma de viver para dar início a uma nova maneira de relacionar-se com a realidade. Lembro-me aqui do documentário *O Mineiro e o Queijo*<sup>2</sup>, que narra a experiência de famílias que eram produtoras de queijo e que, por ser mais vantajoso economicamente, passaram a produzir apenas leite. O filme mostra que acabam experimentando falta de sentido em sua rotina, pois fazer queijo estava imbricado com seu modo de expressão no mundo, dando significado a suas vidas. Lurdes, por sua vez, relata saudades das lidas na roça, da relação com os animais que criavam. Pelas saudades que sente, Lurdes procura, na sua casa na cidade, manter algumas rotinas que tinha no campo, criando animais e tendo plantios no pátio. Conta Lurdes:

---

2 O *Mineiro e o Queijo* é um documentário brasileiro dirigido por Helvécio Ratton, de 2011, que narra a produção de queijo artesanal, no interior de Minas Gerais, desde sua forma mais rústica e artesanal até a industrialização do processo, dentro das propriedades rurais.

Nós tivemos onze porcos, isso aí tá os nossos vizinhos e a família de testemunha, nós tínhamos peru, pato, galinha, ovos...ali Cris, ali (na casa onde moram hoje). E eram os momentos mais felizes que eu vivi com os meus filhos, como não tinha dinheiro para comprar...eu peguei umas faxina e o bejo começou a trabalhar nas obras, e não tinha brinquedo, então tu imagina, nós passava o dia, eles brincavam com o porco, tu imagina o dia de matar um porco. Tinha o cheiroso, Cris, que eles montavam à cavalo em cima do porco, eram mansinhos. Uma porquinha, a mãe, morreu, aí, as cria foram criadas com mamadeira, esses eu vendi, não tinha coragem de matar. Então, Cris, essa relação com os animais, que a mãe terra nos traz...é nós que estamos invadindo a cada dia, nós que estamos terminando. Aqui mesmo, quantos seres vivos que nós estamos pisando, estamos matando (Trecho do diário de campo, março de 2022).

Além de criar animais, Lurdes sempre foi procurando onde poderia plantar, e, com isso, foi se aproximando dos freis franciscanos que têm uma história de atuação comunitária no território da Lomba do Pinheiro, inclusive com práticas de agricultura urbana.

Com o tempo, Lurdes se tornou conselheira da assistência social e foi desenvolvendo um trabalho ligado ao Centro de Promoção da Criança e do Adolescente (CPCA) que é liderado pelos franciscanos e atua na Lomba do Pinheiro. Enquanto conselheira da assistência social, junto com outras lideranças comunitárias, pleitearam o terreno em que hoje a Horta Comunitária da Lomba se situa. Esse foi adquirido pelo município de Porto Alegre com verbas do Orçamento Participativo<sup>3</sup>. O terreno foi destinado à cultura, abrigando um Centro Cultural público, além da horta. Nas palavras de Lurdes:

Eu disse, tem aquele espaço, do centro cultural, que já foi uma horta há anos atrás, quem sabe nós retomamos, para ter alimento, de verdade, eu dizendo para todo mundo, porque eu também queria viver isso...Ai o Frei Flávio, da pastoral do alimento disse, vamos unir todas essas pessoas que ganhavam o alimento da pastoral, vamos unir tudo. Um dia, aquele CPCA, no centro da pastoral lotou. Lotou lotado. O que nós vamos fazer? Eu falei com o frei Flávio, antes de conversar com a comunidade. Nem todo mundo gosta da roça, porque são urbano, né. Daí tu olha, nós conversamos e perguntamos para a comunidade quem quer ir pra horta? Uma horta, vai ter uma formação, vamos lutar e adquirir esse espaço. Vários ergueram a mão, mais pessoas de idade, que tu via que migraram do interior para cá. Dai começou um curso de formação, nove meses, como uma gestação (Trecho do diário de campo, março de 2022).

---

3 O Orçamento participativo foi implantado em 1989 na prefeitura de Porto Alegre, consiste em a população, através de suas lideranças, decidir em que será gasto uma parcela da receita pública. A cidade, dividida por regiões, possui fóruns em que se discute e se delibera sobre o orçamento do município.

Lurdes conta que, além de pensar na comunidade e na possibilidade de que a agricultura urbana poderia trazer para a vida dessas pessoas, pensou também no que sentia enquanto alguém que veio do interior e que queria poder plantar. Percebeu, que assim como ela, outras pessoas, principalmente aquelas com mais idade, tinham o mesmo desejo, muitas também eram oriundas do processo do êxodo rural. Percebe-se, assim, que a prática da agricultura urbana pode trazer novas inscrições simbólicas para as pessoas que migraram do campo para a cidade, ao mesmo tempo em que o conhecimento que trazem pode ser transmitido para outras pessoas, ajudando a manter vivos os saberes tradicionais camponeses.

Antes de produzir efeitos no âmbito material (utensílios e objetos), antes de produzir-se (alimentando-se dessa materialidade) e de reproduzir-se (pela geração de um outro corpo), cada corpo vivo é um espaço, tem seu espaço: ele se produz no espaço e produz o espaço (LEFEBVRE, 1986, p. 199).

Como nos lembra o trecho de Lefebvre (1986) cada corpo é um, se produz no espaço e produz o espaço. Não podemos falar univocamente sobre corpos, cada história, memória, sexo, idade, gênero, vivências, se inscreve nos corpos produzindo histórias singulares (HAESBAERT, 2020). O que podemos dizer, talvez, é que Lurdes e Benjamin carregam em seus corpos um território, em um sentido amplo do termo. Carregam nos seus corpos as marcas dos perais, da enxada, da fazenda Annoni e dos dias e noites ali vividos, do fazer de agregado, da relação com os animais e com as plantas. Benjamin é contador de causos e tocador de violão, conhecedor de plantas e curador. Sempre que está na horta o fogo está aceso, faça qualquer tempo. Quando eu chego e vejo a fumaça já sei, “Benjamin está aqui”. Volta e meia ele para o que está fazendo, acende um cigarro, porque lembrou de uma estória. Com suas estórias, Benjamin fala da vida e da morte; gosta de narrar o inusitado, aquilo que surpreende e arranca risos dos ouvintes. Não conheço quem não nutre grande carinho por essa figura.

Segundo Ailton Krenak, falando sobre o posicionamento humano moderno: “se existe uma ânsia por consumir a natureza, existe também uma por consumir subjetividades — as nossas subjetividades” (KRENAK, 2020, p. 16). O êxodo rural foi um movimento de desterritorialização de pessoas, corpos, subjetividades, saberes, fazeres, porém, como vimos com a história de Lurdes e Benjamin, esse território (o rural) não se apaga do dia para a noite, o território segue vivo apesar de deslocado e violentado pelo projeto modernizador. Assim, como Lurdes e Benjamin,

muitas outras pessoas da Lomba do Pinheiro têm uma história de um passado rural violentado. Algumas dessas pessoas, hoje, frequentam a horta, pois ali encontram-se com fazeres que ativam memórias que estão inscritas nos seus corpos. Propõem-se aqui a leitura de território pelo viés ontológico, como existência em um sentido amplo “o que implica também considerar toda a experiência de extrema violência difundida em nosso continente” (HAESBAERT, 2020, p. 82).

Esse território, todavia, é composto não só de humanos, esse território está em relação e co-criação com a terra, com as plantas e os animais, assim como vimos na fala de Lurdes que conta que, mesmo na cidade, não abriu mão de ter porcos, galinhas e peru em casa, assim como não abre mão de viver perto do verde. Assim, a consideração dos territórios de outros seres vivos, como os animais e as plantas, é fundamental para a constituição dos territórios-corpos que se compuseram na relação com o rural. Deve-se, então, falar na interação entre múltiplos territórios-corpos de vida (HAESBAERT, 2020). Para pensar sobre os territórios-corpos que imprimem, um no outro, suas marcas e, também, para entender as formas como a agricultura é entendida na Horta Comunitária e como Lurdes e o coletivo que compõe a horta, posicionam-se diante da terra e do cuidado com ela, introduzirei algumas reflexões sobre a agroecologia, que é adotada como forma de relação entre humanos e não humanos na horta.

### 3.4 COMPOR COM A TERRA: AGROECOLOGIA COMO RELAÇÃO INTERESPECÍFICA

Para falar sobre essa interação entre múltiplos territórios-corpos de vida (HAESBAERT, 2020) e voltando às conexões sobre o tema da pesquisa e os Estudos Rurais, relembro as reflexões de Schneider e Menasche (2014) que dizem que para falarmos em simetria nos Estudos Rurais é preciso levar em conta a vida dos não humanos e considerar as suas agências. Nesse sentido, é que introduzo aqui a agroecologia, como uma forma de pensar a agricultura que leva em conta a agência de não humanos, bem como os saberes populares sobre eles.

A Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro é conhecida pelo seu compromisso com a agricultura urbana agroecológica. Ali observa-se as dinâmicas da natureza, preza-se pela adubação orgânica e nenhum animal é sacrificado, independentemente de qual a sua ação na horta. Para não ocasionar acidentes,

cobras, aranhas e escorpiões são afastados quando encontrados. Os saberes populares são colocados em um patamar de importância, ao lado dos saberes científicos, que não são considerados mais relevantes, sendo agenciados com as demais formas de conhecimento nos discursos produzidos. Dois professores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul aposentados dão suporte às práticas agroecológicas da horta, professora Ingrid e Professor José Maria. Ambos são professores universitários e possuem uma sensibilidade avantajada no que diz respeito a agregar saberes científicos e populares. Os saberes que existem no mundo sobre as plantas são antes populares do que científicos e a ciência perde se não sabe escutar o que as pessoas da terra têm a dizer sobre as plantas, ou, ainda, perde, se não se deixa afetar pela mistura, por essa ecologia de saberes (SANTOS, 2007). Para Donna Haraway (1995), a ciência é um campo de poder e um texto que pode ser contestável, e que, ao mesmo tempo, fabrica mundos. Colocar saberes científico e popular em diálogo é uma maneira de fabricar outros mundos, diferentes dos que só levam em conta as ciências. Donna Haraway propõe: “Precisamos de uma rede de conexões para a terra, incluída a capacidade parcial de traduzir conhecimentos entre comunidades muito diferentes – e diferenciadas em termos de poder” (HARAWAY, 1995, p. 16).

A agroecologia é uma prática que, diante da industrialização da agricultura e a partir da observação dos danos causados por ela, se propõe a um modelo de produção de alimentos ecologicamente sustentável (LEFF, 2002). Diante ao cenário de crise da modernidade e tomando como modelo os modos de produção das populações tradicionais, as práticas agroecológicas remetem à recuperação de saberes que conferem sentidos à existência. As práticas de cultivo das comunidades tradicionais, indígenas, quilombolas e camponesas, levam em conta a convivência com a natureza e não o seu domínio, como a agricultura industrial concebe. Entendendo a terra como um bem não passível de mercantilização, pois dotada de seus próprios humores, bem como rios como aqueles que guardam memórias e que se produzem como parentes, antepassados dos humanos, além de outros agenciamentos dos seres vivos, a capacidade de gerar sentidos para o estar no mundo dos povos tradicionais diferencia-se da forma capitalista ocidental moderna.

A agroecologia traz preocupações com dimensões ambientais e sociais para além da dimensão produtiva, incorporando aspectos como a identidade dos produtores rurais, a valorização do trabalho da agricultura familiar, o fortalecimento



da relação entre campo e cidade, a ampliação do debate sobre uso de agrotóxicos, entre outros (MEIRA, 2012). Além disso, saberes populares são levados em conta pela prática agroecológica, assim, conhecimentos indígenas, quilombolas, camponeses, de religiões, entre outros, são agregados aos fundamentos agroecológicos. Esses saberes, muitas vezes, partem de outras ontologias e colocam em diálogo as agências de outros, além dos humanos, com agências humanas.

Ao descrever a relação das mulheres Jarawara com as plantas, em especial as pupunhas, Fabiana Maizza (2020) relata que o *cuidar* e o olhar são entrelaçados nessa relação, cuidar envolve olhar, olhar envolve cuidar e assim as pupunhas são plantadas ao lado da casa onde vivem as pessoas para que possam ser olhadas com frequência. E ainda, para os Jarawara, as plantas precisam de cantos para crescer e esses precisam ser alegres, assim na época do plantio são cheios de animação. Segundo a autora, ainda:

O cuidar é reapropriado hoje pelo pensamento intelectual feminista para ser ressignificado e é assim levado tanto para o âmbito do político como para uma ética das relações mais que humanas. O cuidar se torna um experimento para pensar um mundo onde as pessoas tomam decisões na presença daqueles que vão encarar suas consequências, algo que Isabelle Stengers chama de cosmopolítica. O termo cuidar se torna aqui também, nas linhas do pensamento feminista contemporâneo, uma provocação. (MAIZZA, 2020, p. 196).

Maizza (2020), nesse trecho, recupera conceitos de BellaCasa (2017) e Stengers (2015), falando sobre o *cuidado* numa linha de raciocínio em que cuidar é também responsabilizar-se, diante do outro, sobre as decisões que são tomadas. O cuidado, em sua dimensão política, levando em conta a vida e os mundos diversos, torna-se cosmopolítica (STENGERS, 2018). Segundo Stengers, a proposição cosmopolítica apenas adquire sentido em situações concretas (STENGERS, 2018, p. 443), em que cosmologias diferentes podem encontrar saídas comuns que não violentem a nenhuma das partes.

Recuperando uma compreensão holística da natureza, a agroecologia entende que, para o cultivo de alimentos, faz-se necessário considerar que todos os organismos envolvidos no processo estão vivos e em relação. É preciso manter uma *atenção* cuidadosa para que se possa entender os agenciamentos que vão se formando. Para a agroecologia, todas as vidas que se manifestam nos cultivos possuem uma mensagem sobre os sistemas que ali se formam. Para Ana Primavesi

(2009) qualquer “praga” que venha a surgir em uma planta é indicadora sobre a saúde da própria planta, bem como sobre a saúde do solo, fonte de nutrientes para a vida da planta. Para a agroecologia, faz-se necessário pensar o agroecossistema como um todo e isso envolve conceber que há uma complexa interação entre pessoas, solo, animais, plantas, fungos, saberes, ferramentas, luz, água, etc. A agroecologia utiliza a própria sabedoria da natureza a favor da sua autoprodução, ou ainda, a favor da *simpoiesis*, ou seja, a capacidade de fazer e de criar com outros (HARAWAY, 2019). Não se faz necessário agregar nada que seja estranho ao sistema, o próprio sistema tem a inteligência necessária para a permanência da vida.

Conhecimentos agroecológicos, por sua vez, só fazem sentido se situados em um ecossistema particular, pois com a mudança de paisagem (aqui colocada como agenciamentos complexos entre vivos e não vivos, humanos e não humanos) deve haver a mudança de adaptações necessárias àquela paisagem. O que funciona aqui não é necessariamente o que vai funcionar lá. É apenas na observação *atenta* de um determinado ecossistema que se pode pensar e lançar mão das melhores alternativas. Fazer agroecologia é um exercício de *atenção* e de *respons-habilidade* (HARAWAY, 2019) Tal exercício pressupõe levar a sério os demais existentes e saber elaborar respostas que interessem a humanos e não humanos presentes no local e às relações que estabelecem. Saberes sobre a dinâmica da vida de um lugar passam a estar corporificados na singularidade de cada um dos atores que compõem a paisagem. Para Haraway:

Necesitamos volver a sembrar nuestras almas y nuestros mundos natales para poder florecer – otra vez, o quizás por primera vez – en un planeta vulnerable que aún no ha sido asesinado. Necesitamos no solo volver a sembrar, sino también volver a inocular con todos los asociados que fermentan, fomentan y fijan los nutrientes que necesitan las semillas para prosperar. La recuperación aún es posible, pero solo en alianzas multiespecies, por encima de las divisiones asesinas de naturaleza, cultura y tecnología y de organismo, lenguaje y máquina. [...] Sembrar mundos significa estender la historia de las especies compañeras para incluir más de su incesante diversidad y su problema urgente (HARAWAY, 2019, p. 182).

Nesse trecho, Haraway (2019) fala de uma volta à terra, uma volta a semear uma aliança necessária entre humanos e seres, que foram subalternizados, aqueles que fazem o trabalho de fermentação, fixação de nutrientes. A proposta de aliança vai para além das divisões modernas. A análise que faço é que a agroecologia tem a capacidade de semear mundos conforme coloca Haraway (2019), e que na Horta

Comunitária, a agroecologia traz a capacidade de semear mundos com outros no espaço urbano. Claro que essa não é a única prática possível, mas uma que compõe um universo de práticas possíveis para voltarmos a semear o mundo e incluir mais sua diversidade.

Não se pretende, aqui, explicar a agroecologia em seus detalhes, mas interessa, sim, entendê-la como sistema de produção de mundo, e, ainda, pensar em como a agricultura urbana agroecológica traz para as cidades essas formas de composição e produção de mundificação, nos termos de Haraway (2019), ou seja, como forma de voltar a semear nossos mundos natais para um possível florescimento em um planeta ferido.

Muitos agricultores que praticavam a agricultura convencional, com uso de agrotóxicos e em monocultivos, vêm, hoje, passando por uma transição para o modelo agroecológico. Muitos optam por essa mudança por perceberem danos às suas saúdes, física e mental, ocasionado pelo manuseio dos venenos. Alguns artigos sobre a prática da agroecologia (SOUZA; TEIXEIRA, 2020; CHARÃO et al., 2015) trazem que agricultores que experimentam a transição (deixam de praticar a agricultura convencional e passam a cultivar de maneira ecológica) entendem-se a apreender novas formas de compor cotidianamente o mundo, começam a se perceber implicados em outras formas de cultivar relações com a diversidade dos seres, além de cultivar novas relações consigo mesmo e com outras pessoas. (SOUZA; TEIXEIRA, 2020; CHARÃO, et al., 2015).

Souza e Teixeira (2020) trazem exemplos de agricultoras que passam a observar e entender melhor a dinâmica das plantas que cultivam e também a interagir com elas de forma diferente do que a agricultura convencional propõe. Da mesma forma Charão et al. trazem o exemplo da família Schiavon, que passou pela transição e que, como podemos ver no relato abaixo, enfrentou resistência da comunidade e da família, mas que, apesar disso, entende que na agroecologia existe um sistema complexo, que sabe criar harmonia:

É, no início foi difícil, né. Meu pai, que sempre trabalhou na forma convencional, os pomares tinham que ser limpos não podia ter nenhuma graminha, não podiam ter nada, e eu comecei a trabalhar com pomar coberto com palha, com vegetação, com adubação verde e ele me dizia: “mas guri tu está bobeando, isso aí as formigas vão comer tudo, como é que já se viu deixar um pessegueiro no meio do mato?” E, na redondeza, todos os vizinhos aí me chamavam de louco: donde é que já se viu o Nilo querer plantar no meio do mato? E, hoje, eu consegui provar pra eles que é

possível. Plantar no meio do mato e deixar as plantas trabalharem no próprio sistema e viver em harmonia com a natureza (CHARÃO et al., 2015, p. 51).

A agricultura convencional carrega consigo a separação humano e natureza, entende que os humanos podem dominar todos os processos desde a semeadura até a colheita, com uma racionalidade própria, sem levar em conta outras racionalidades, não humanas, que se colocam nos processos. Como exemplo da mudança ocasionada pela transição agroecológica nas formas de se relacionar com outros seres para além do humano, Souza e Teixeira trazem o caso de uma agricultora agroecológica cearense que, para que o pé de graviola voltasse a dar frutos, fixou um prego em seu caule:

Adriana também nos mostrou um pé de graviola que passou um bom tempo sem dar frutos. Em seguida, ela apontou para um prego que havia afixado na árvore e falou que tinha feito aquilo para que a 'planta se senti[sse] ameaçada', pois assim daria frutos. A agricultora relatou ter aprendido essa técnica com um professor em um curso que havia feito, afirmando que esse experimento deu certo, pois já estavam nascendo graviolas (SOUZA; TEIXEIRA, 2020, p. 18).

No caso trazido pelos autores, a partir da prática agroecológica inauguram-se novas formas de compor com o universo das plantas, passando a considerá-las como organismos vivos, capazes de dar respostas às ações humanas. Os saberes desses camponeses não se traduzem apenas como uma representação sobre a natureza, mas como a integração entre elementos sociais e naturais, “o camponês age sobre a terra e a terra age sobre o camponês” (SCHNEIDER; MENASCHE, 2014, p. 255).

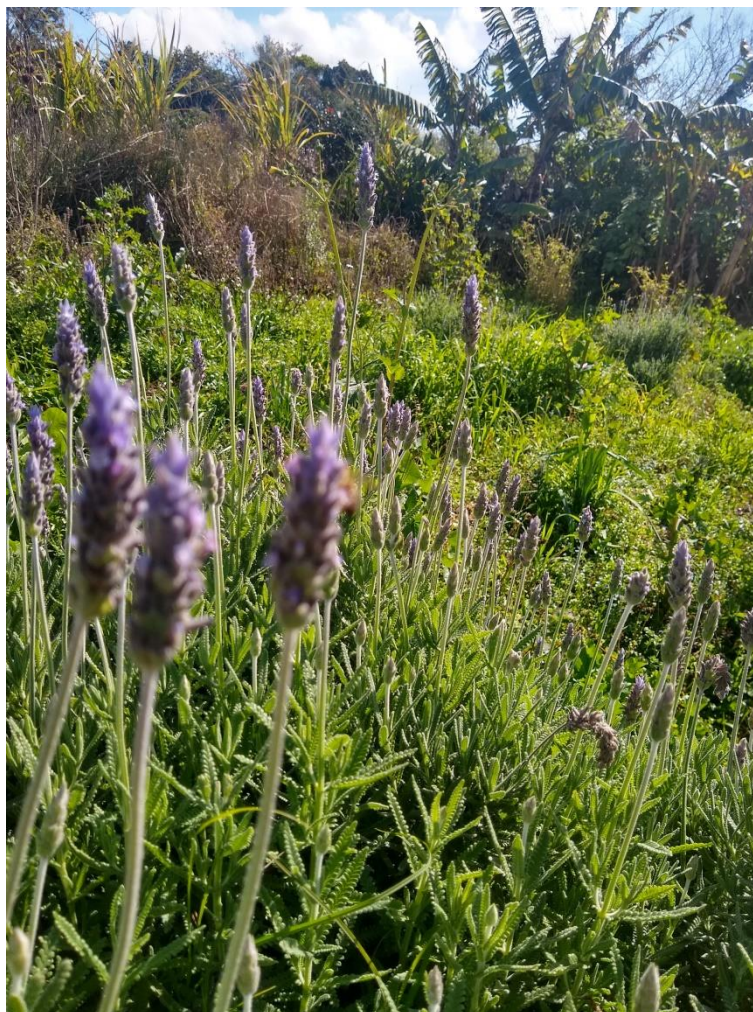
Na horta, a agroecologia é tema que está presente na maioria das conversas tecidas, desde quando Lurdes está repassando os seus conhecimentos ou, ainda, quando estamos pensando sobre o que fazer, o que plantar, como cuidar. Até mesmo quando quem está na horta são as crianças, como quando uma turma de escola dos arredores vem realizar atividades no local, a agroecologia entra em debate. Entender que compomos com aquele ambiente e que existe uma dinâmica que se beneficia com a mistura é fundamental no espaço. Lurdes quase sempre fica triste com quem enxerga a horta como “suja”, com “muito mato”. O que, geralmente, se vê como “mato” são plantas para as quais nossa *atenção* não está voltada, plantas que muitas vezes não sabemos o nome e não identificamos, ou que não entendemos como importantes ou, ainda, vemos como ameaças. A cultura de ter

plantios isolados, sem outras espécies no entorno e manter a “limpeza” dos canteiros é uma prática comum no sul do Brasil. Segundo Charão et al:

Cabe atentar às noções estereotipadas do brasileiro “preguiçoso” e do colono “trabalhador”, que tem na lavoura sempre “limpa” um símbolo significativo. É o que evidencia estudo de Seyferth (1986), realizado junto a grupos de camponeses de origem alemã, italiana e polonesa no sul do Brasil, mostrando que a identidade étnica de colonos descendentes de imigrantes é percebida na lavoura limpa, que está associada a uma ética do trabalho (CHARÃO et al., 2015, p. 39).

No imaginário, a lavoura “limpa” tem um significado atribuído de trabalho, percepção difícil de desfazer e que tem a ver, diretamente, com a remoção das plantas espontâneas.

#### **Imagem 11 - Estética da mistura entre plantas que compõe a Horta**



Fonte: Imagem do acervo da autora (2022).

Pensando sobre as plantas espontâneas, a tiririca (*Cyperus rotandus*), por exemplo, é considerada mato, ou praga, para a agricultura convencional. Isso se dá, porque trata-se de uma planta muito resistente que nasce em qualquer canteiro, de forma espontânea. A planta se alastra rapidamente e persiste no solo por muito tempo. Possui grande capacidade de tolerar a seca e o encharcamento, além de resistir a altas temperaturas. O lugar discursivo em que colocamos a tiririca, na agricultura convencional, é quase sempre como algo que precisa ser vencido, evitado e, por causa dela, muitas vezes, se lança mão de agrotóxicos. No entanto, uma outra possibilidade pela qual podemos enxergá-la é pelos seus potenciais terapêuticos, por exemplo. A tiririca tem potencial terapêutico estimulante, as batatas da tiririca são afamadas como afrodisíacas. A planta também possui usos culinários, entrando assim no universo nomeado como Plantas Alimentícias Não Convencionais. As batatas da tiririca podem ser usadas para fazer suco e farinha. Segundo Machini:

Se as PANC parecem todas com mato, são homogeneizadas pela percepção destreinada, o que parece é que isso ocorre porque seu aspecto visual, suas propriedades, seu sabor, são ignorados. “É tudo mato” significa que aquilo não é compreendido, já que de perto as diferenças se revelam (MACHINI, 2018, p. 117).

Ao falar sobre a tiririca, Lurdes lembra o que ela comunica aos humanos - uma planta indicadora do solo. No início da Horta, segundo Lurdes, havia muita tiririca nos canteiros, indicando a pobreza de nutrientes no solo. A tendência da tiririca é sumir quando o solo está bem adubado. Assim, na Horta, com a adubação orgânica e atenta dos canteiros, a tiririca foi, espontaneamente, sumindo. Quando ela aparece é sinal de alerta para o cuidado com a adubação, porém de toda a forma, quando ela aparece é retirada cuidadosamente do solo para usos terapêuticos.

Segundo estudo realizado por Souza e Teixeira (SOUZA; TEIXEIRA, 2020, p. 249) em que relatam a experiência de algumas trabalhadoras rurais assentadas no estado do Ceará, é relatado que há entre elas a ideia de, que para demonstrar aos observadores cuidado com o solo, precisam retirar o “mato” (ervas daninhas), conforme apontam Woortmann e Woortman (1997) em que os agricultores sergipanos que para aparentar “zelo”, em uma “cultura da limpeza”, faziam o mesmo.

Muitas pessoas têm a visão de agricultura como grandes linhas de um mesmo cultivo, sem nada em volta, vendo isso como uma prática de zelo e capricho, no entanto, é sabido que a mistura é benéfica para a maioria dos cultivos e a prática da limpeza dos canteiros acaba por empobrecer o solo.

Lurdes preza pelo plantio de flores nos canteiros, pois atraem insetos benéficos, como as abelhas e as joaninhas. Quando as abelhas estão perto, a fecundação das plantas que dão frutos é mais eficaz. As abóboras foram plantadas em setembro de 2021, uma grande variedade delas, abóbora brasileirinha, abóbora de doce, abobrinha, etc. Todas as abóboras crescem como barço e dão flores que podem ou não ser fecundadas. A fecundação das flores das abóboras depende das abelhas. Por isso, espalhamos as sementes em canteiros onde havia outras flores, como a zabumba, a calêndula, etc. Esse é um exemplo do que é pensado como projeto da horta, obviamente pensado por humanos, mas que inclui no seu *design* a vida de outros seres. Segundo Mayers (2017) as infraestruturas das hortas (ou jardins) são importantes, não apenas para as plantas: “impõem regimes biopolíticos de quem pode viver, dentro e fora do recinto” (MAYERS, 2017, p. 2). Pense, por exemplo, em espécies consideradas ervas daninhas, elas podem ou não fazer parte do desenho da Horta? e os pesticidas? Os pássaros? os caramujos?

Quando alguém manifesta que a horta está “suja”, por ter muito “mato” traz para a discussão uma disputa por modelo de agricultura. Por um lado a agricultura convencional, que isola as espécies para cultivá-las, tendo por parâmetro as *plantations*, e, por outro, a visão da agroecologia que preza pela mistura das plantas no mesmo canteiro, tornando a ecologia dos canteiros mais complexa e, do ponto de vista do olhar, mais “bagunçada”. Quando o leitor pensa em uma horta pensa no quê? Algo recorrentemente aludido são os canteiros com alfaces enfileiradas, alinhadas, sem qualquer outra planta entre elas. Esse parece ser o imaginário mais comum acerca do que a palavra horta remete. Essa imagem vem carregada do que prepondera no nosso imaginário sobre agricultura, que é a prática da agricultura industrial.

Quando, na Horta, aqueles que possuem algum entendimento do fazer agroecológico querem criticar o modelo convencional de agricultura é recorrente citarem as fileiras de alface e lembrarem que essa planta é muito menos nutritiva do que outras verduras, como a ora-pro-nóbis ou a capuchinha, consideradas Plantas

Alimentícias Não Convencionais e mais fáceis de manejar do que a alface, que *“exige muito e nos dá pouco”*, conforme diz Lurdes.

Pode não ser tão simples deslocar-se do conforto da aparente ordem que esse modelo coloca nos cultivos e passar a entender que dentro da aparente desordem dos canteiros agroecológicos, existe uma ordem diferente, que guarda mais potência de vida.

Iná, senhora de 75 anos que frequentava a horta do CRAS expressa um entendimento interessante sobre o cultivo de orgânicos à medida que empenha-se em “coleccionar” espécies nativas, sementes crioulas, tem gosto pelas feiras de trocas de sementes, entre outras coisas. No momento, entretanto, em que Iná vai preparar um canteiro, a lógica “convencional” prepondera. Dona Iná preza pela separação dos cultivos, nas palavras dela:

Aí, tudo misturado a gente não sabe nem o que tem no canteiro, fica uma bagunça. Eu prefiro assim, mais organizado, a gente planta alface e colhe alface, planta rúcula e colhe rúcula, depois a gente troca, planta outra coisa (Trecho do diário de campo, março de 2021).

A fala de Dona Iná, nos dá dimensão de que, mesmo entendendo a agroecologia como importante, nem sempre é fácil abrir mão do imaginário de ordem e limpeza.

Além de todas as relações que a agroecologia inclui dentro do seu escopo de entendimento dos sistemas agroecológicos, como a dinâmica do solo, da luz, da combinação entre culturas, entre outros atributos, há uma lógica que prepondera nessas relações, a saber, da não exploração humana da terra. No próximo tópico, veremos como essa lógica vem aparecendo nas práticas da Horta.

### 3.5 A LÓGICA DA NÃO EXPLORAÇÃO DA TERRA

Compondo com a lógica agroecológica, em que a mistura é benéfica para o sistema, encontramos em campo a defesa pela manutenção da terra como um ser que precisa ser cuidado e não explorado. Na fala de Lurdes, e de muitos dos componentes do campo, aparece a necessidade de não exploração da terra, conforme Lurdes:

A terra é como um útero de uma mãe, após ter um filho, ele precisa repousar, é por isso que precisamos deixar alguns canteiros descansando,



para que ele possa se recompor e nos dar o alimento novamente. Se a gente fica plantando direto, a terra não descansa (Trecho do diário de campo, 2022).

Assim, após algumas colheitas, retiram-se todas as plantas do canteiro, vira-se a terra, cobre-se com matéria orgânica e deixa-o assim por um tempo. Para Woortmann (2011), segundo a cosmologia camponesa a terra quando é explorada, ela se vinga do agricultor e gera pouca fartura. Assim, estabelece-se uma simetria entre humanos e não humanos (SCHNEIDER; MENASCHE, 2014), em que há um sistema de reciprocidade e vicissitudes:

A terra agradecida retribui o trabalho do homem com uma colheita abundante. Quando ela “recebe vitamina dada pelo homem e a chuva de Deus, ela fica alegre e agradece, dando muito alimento” e trazendo “fartura”. Mas, se a terra trabalha, tal como o homem, ela fica “cansada”, e é preciso respeitar seu tempo de “descanso” (pousio), para que possa renovar suas forças (WOORTMANN, 2009, p. 120).

Essa relação que estabelece uma simetria entre pessoas e a terra e outros não humanos é uma lógica que prepondera nos discursos na horta. Assim, como a terra é vista como um ser que precisa de descanso e que, quando bem tratada, é capaz de retribuir aos humanos, assim, também o é com outros não humanos: regar bem os peixinhos quando está calor, pois sem umidade eles não vivem, pedir licença para o alecrim e para a arruda quando vai colher, pois eles são sensíveis ao toque e assim, pedir licença para entrar na mata para não cruzar com cobra ou outras ameaças, há muitas formas de entender e expressar que a relação ali é sempre com outros seres, e que esses são capazes de sentir e têm sua lógica própria. Woortmann e Woortmann trazem uma relação similar em sua pesquisa de campo com camponeses sitiantes sergipanos:

Ao contrário da agricultura moderna “racional”, capitalizada e voltada exclusivamente para o mercado, os sitiantes adequam as plantas (vale dizer, o que vão depois comer) ao solo, e não, como na agricultura moderna, o solo às plantas, isto é ao mercado. Em outras palavras não se “corrige” o solo com insumos industriais, só se corrige o que está errado e, para os sitiantes não existem solos errados) Planta-se aquilo que a terra dá naturalmente (WOORTMANN; WOORTMANN, 1997, p. 65).

Na Horta encontra-se uma lógica muito parecida com a descrita pelos autores, em que estabelece-se uma relação de troca e em que a natureza deve ser respeitada e não agredida para que ela possa realizar suas potencialidades.

### 3.6 AGROECOLOGIA NAS CIDADES

Existem dois caminhos, no meu entendimento, para a discussão da agroecologia nas cidades, um deles é pela via do consumo. A agroecologia chega às cidades pelas feiras orgânicas e pelo contato direto com os produtores rurais. Os cidadãos urbanos se aproximam como consumidores dos produtos e, podem vir a colocar a pauta nos seus repertórios diários. Muitas vezes, mesmo como habitantes das cidades, apoiam a prática da agroecologia, se lançam em eventos, visitam espaços de cultivo agroecológico, participam de mutirões na área rural. Segundo Meira (2012) o interesse dos moradores das áreas urbanas é fundamental para o fortalecimento da agroecologia. Outro caminho que eu vejo é mesmo o da agricultura urbana, quando os moradores da cidade deixam de ser apenas consumidores ou apoiadores e passam a também serem produtores. Pela segunda via, passa-se para um polo mais ativo, passa-se a tomar contato, a produzirem-se encontros, que apenas pela via do consumo não são possíveis. Encontros com a materialidade da terra, com a materialidade dos modos de viver das plantas e dos animais que circundam esses espaços de produção em meio urbano.

A causa rural, o uso de agrotóxicos e a agroecologia vêm sendo inscritos no repertório de discussões urbanas, pelo viés do consumo (BARBOSA; PORTILHO, 2016). A agricultura urbana é mais uma via para inserção na cidade de pautas referentes à alimentação livre de veneno, produção agroecológica, direito à terra, valorização das práticas de agricultura familiar, em contraste com o agronegócio.

Através da agricultura urbana pode-se, também, aproximar os cidadãos urbanos do processo de produção dos alimentos, trazendo para o cotidiano a consciência sobre as cadeias de produção e sobre os custos ambientais e sociais que as cadeias longas implicam. Através da prática, também, pode se dar uso para os espaços ociosos da cidade, colocando, em ato, o encurtamento das cadeias, diminuindo distâncias entre produção e consumo. Também, para ser uma experiência completa, a agricultura urbana precisa utilizar os recursos disponíveis, gerados pela própria vida na cidade, dependendo pouco de insumos externos. Ou seja, uma horta urbana pode transformar a matéria orgânica para que ela sirva de nutrição para os solos e, assim, se tornar autossustentável, através, principalmente, da prática da compostagem.

Cada vez mais, existem pessoas se mobilizando em relação ao cultivo de alimentos nas cidades. Muitas pessoas chegam à Horta para aprender como fazer e para reproduzir em seus locais de moradia ou trabalho. A Horta já recebeu visita, por exemplo, das Unidades Básicas de Saúde do Grupo Hospitalar Conceição, da Unidade de Saúde Santa Cecília vinculada ao Hospital de Clínicas de Porto Alegre, do Fórum Criminal, de Unidades Prisionais, de inúmeras escolas, turmas de universitários da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, profissionais de saúde residentes, a lista é imensa e o desejo que une essas pessoas é aprender mais sobre as plantas, os cultivos, aprender sobre como é possível plantar nas cidades. Mayers recorda que as “pessoas em todo o mundo estão a aprender como conspirar com as plantas” (MAYERS, 2017, p. 4) e que “Os jardins (ou hortas) são provas de uma série de projetos de solidariedade radical que tomam como 'dado' que somos das plantas; que o nosso futuro depende da criação de habitáveis futuros com as plantas” (MAYERS, 2017, p. 4). Anna Tsing (2019), por sua vez, coloca que precisamos “ocupar a comida” como forma de ocupar as ruínas. Parece-me que ocupar a comida nos termos de Tsing (2019) vai à mesma via que elabora Natascha Mayers (2017), de que devemos aprender a conspirar com as plantas e, coloco eu, nos aliarmos a elas, no sentido de sabermos o que fazer diante da crise, criando respostas em parceria com as plantas. No próximo capítulo, abordarei o papel de algumas PANC nesse processo de seguirmos criando aliados nas cidades.

Assistimos, também, nessa mesma via de engajamento de pessoas da cidade com pautas agroecológicas, um grande número de pessoas que deixam as cidades para irem morar no campo, constituindo o movimento de neo-rurais. A tendência da migração para o ambiente rural, geralmente, está associada a ideais de vida que envolvem contato com a natureza, auto sustentabilidade e ecologia (MATZEMBECKER, 2019) Para muitos, o movimento neo-rural pode ser considerado como uma alternativa que se opõe ao modelo dominante e convencional de produção e consumo, um protesto contra certos atributos urbanos (VARGAS, 2002; PAFUNDA, 2016).

Em resposta à crise (climática, ambiental) é possível observar um crescente no número de pessoas preocupadas com estas questões, e algumas mudanças ainda que pequenas com a finalidade de reverter este cenário. Tanto nas zonas urbanas, como nas áreas rurais, estão ocorrendo importantes mudanças no modo de pensar e viver, que buscam uma maior consonância com o equilíbrio ambiental (MATZEMBECKER, 2019, p. 18).

Chica, uma pessoa que esteve presente na horta durante o ano de 2019, antes de eu trabalhar lá, mas que eu já conhecia há algum tempo, em conversa no whatsapp, após eu ter feito algumas perguntas sobre a sua ida para morar na área rural, em Maquiné, me relatou um pouco de sua decisão de migração para a zona rural. Chica é doutoranda em psicologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e, quando foi morar em Maquiné, estava em ensino remoto. Embora estivesse adaptada à cidade, nasceu no campo. Morava, nesse tempo, com os avós, em um pedaço de terra ocupado, na beira da estrada, perto de Uruguiana. Os avós plantavam e criavam animais, e vendiam o excedente do leite produzido, na cidade. Essa foi a realidade da Chica até os 17 anos, quando começou a frequentar a cidade para estudar e ir para a casa da mãe. Veio para Porto Alegre para fazer faculdade um tempo depois, o que foi o seu desejo na época. Viveu na cidade de Porto Alegre por dezoito anos, quando diz que começou a perder o encanto com as coisas que acreditava, com o trabalho que tinha, com o modo de vida que levava. Nesse momento, começou a procurar experiências que lhe dessem mais satisfação e, assim, foi encontrando o sentido que procurava para a vida na relação com a terra. Conhecer algumas retomadas Guarani, a fez lembrar das coisas boas que havia na vida anterior, junto dos avós. A Horta entrou na vida de Chica nesse momento de redescoberta sobre esse passado. Em um evento específico, na sua primeira vez na Horta, Chica escutou das pessoas que estavam presentes, coisas muito parecidas com as quais sentia, quando decidiu fazer parte do corpo de voluntários. Suas idas à Horta eram sentidas como aprendizado de como manejar a terra, além de tê-las como momentos de prazer. Diz que, nesse período, já sabia que sairia da cidade, mas que ainda não sabia como fazer. Estar na Horta era uma forma de conseguir idealizar o que faria para sair da cidade. Após algum tempo, veio a pandemia, Chica, assim como quase todos voluntários, deixou de frequentar a Horta. Como doutoranda, estando com aulas em ensino remoto, foi ver uma casa em Maquiné e acabou alugando-a. Estando lá, comprou uma terra no interior da cidade, num espaço isolado, passando a ter como vizinhos produtores rurais orgânicos, e onde construiu uma casa com a companheira. Chica diz gostar de estar em Maquiné, também, pelo fato de que, como ela, há outras pessoas que migraram da cidade para a área rural. Isso faz com que haja um sentimento de solidariedade entre essas pessoas. Estando em Maquiné, Flávio e Cris, trabalhadores da Horta, estiveram na terra de Chica, ajudando a fortalecer os cultivos e a morada de Chica

na área rural. Dessa forma, a Horta seguiu presente na ida de Chica para o espaço rural, assim como foi e é com outras pessoas que fizeram o mesmo movimento.

A história de Chica é como a história de tantas outras pessoas que procuram fazer movimentos à procura por saídas da lógica urbana, no caso de Chica, que fez o movimento de volta para o campo, porque já não consegue mais se satisfazer com o que a cidade oferece. Essa e outras histórias são histórias de hesitação diante do modo de vida que a urbanidade constitui e, também, histórias de formas de responder às muitas faces do problema que se coloca. Segundo Stengers, sobre movimentos de hesitação:

É possível compartilhar com aqueles e aquelas que hesitam na questão imposta por esta época, em que é a própria possibilidade do progresso que está guardada no baú das ilusões perdidas. A barbárie que poderia muito bem definir o futuro, não será ela o que designará como ilusão enfim dissipada, o que fez com que aqueles e aquelas cujas lutas não queremos renegar tivessem esperanças e vivessem? (STENGERS, 2015, p. 55).

Isabelle Stengers (2015) coloca que, diante da intrusão de Gaia, precisamos aprender a formular respostas não bárbaras. No entanto, as respostas não são globais e não vêm do Estado, elas são locais, formuladas por pessoas comuns, que vivem suas vidas e que se deparam com as perguntas que essa intrusão nos coloca. Mas que tipo de respostas seriam essas?

As respostas são pequenas, cultivadas no cotidiano, como, no exemplo da história de Chica ou, ainda, por exemplo, no dia a dia da Horta, em que tanto o plantio como a colheita são compartilhados. Aquilo que se colhe, que depende da época em que estamos, é dividido entre as pessoas que estiveram presentes. Couves, alfaces, berinjelas, abóboras, hibiscos, cada um leva o que sente vontade, com a premissa de não violentar a planta, não colher antes do amadurecimento, pedir licença para colher e agradecer pelo alimento que foi possibilitado pela vida daquela planta.

**Imagem 12 - Silvia com a colheita de berinjelas, que foi dividida entre os voluntários**



Fonte: Acervo da autora (2022).

Da mesma forma, quando há almoço coletivo, sempre que sobra, primeiro enche o prato do cachorro, Simba, e, depois, é dividido entre as pessoas que querem levar a comida para casa. Com pequenos gestos cotidianos, em que os preceitos de lucro e acumulação não estão presentes, é que a Horta comunitária da Lomba do Pinheiro tem podido criar para um grupo de pessoas que se reúnem autonomamente (voluntários da horta) possibilidades de respostas, em um encadeamento entre tempos e processos fora da lógica da acumulação capitalista. Respostas que a necessidade dos humanos que vivem na cidade têm tido de criar, em face à intrusão de Gaia. “Criar uma vida depois do ‘crescimento econômico’, uma vida que explora novas conexões com novas potências de agir, sentir, imaginar, pensar” (STENGERS, 2015, p. 20).

**Imagem 13 - Uma terça-feira de almoço coletivo**



Fonte: Acervo da autora (2022).

### 3.7 CIDADES COMO RUÍNAS DO PENSAMENTO MODERNO

A cidade nos dá a ilusão de que a terra não existe, escreveria o artista norte-americano Robert Smithson em *Sedimentation of the mind: Earth projects*, ensaio de 1968, um ano antes de *Asphalt Rundown* (1969), seu primeiro *flow work*, no qual um caminhão- -caçamba carregado de asfalto líquido é despejado morro abaixo em um terreno erodido e abandonado nas cercanias de Roma, na Itália (CANÇADO, 2019, p. 14).

Há alguns meses, mulheres jovens, que moram na Lomba do Pinheiro, se aproximaram da Horta e isso foi um bom acontecimento, já que, as jovens que têm frequentado a horta, vêm de outros locais da cidade. Os moradores da Lomba que frequentam a horta são, em geral, pessoas de mais idade, já aposentadas. As jovens Mariana, Mariane e Luana quase sempre vêm juntas até o projeto, principalmente nas terças-feiras, que é dia de almoço conjunto, e, outras vezes, na sexta-feira, em que, eventualmente, se passa o dia inteiro em atividades. Mariane e Mariana fazem cosméticos artesanais para vender e têm auxiliado em oficinas de sabão caseiro que, por vezes, são feitas no local. É interessante perceber como as jovens refletem sobre a cidade e como essa produz formas de agir e pensar. Luana tem 28 anos, é estudante de marketing e frequenta a horta desde dezembro de 2021, em conversa comigo, em fevereiro de 2022, disse o seguinte:

Hoje em dia a gente vê como progresso cada vez mais o concreto, o asfalto e isso aqui (a horta) eu acho que é algo assim que traz muito mais vida, mais qualidade de vida do que tu, sei lá, morar num apartamento, assim, cada vez mais rodeado de outros apartamentos. Claro, até tem a opção de

cultivar em apartamento, mas é um negócio muito visto como um movimento contra o progresso e eu acho que isso (a horta) sim é um local de conhecimento, de troca real (Trecho retirado do diário de campo, fevereiro de 2022).

Luana traz, nas suas percepções, dimensões importantes para a reflexão. Ela questiona, por exemplo, o que é o progresso e como ele se exprime na realidade das cidades, dizendo que a visão predominante é de que o progresso seria sinônimo de crescimento urbano, através da pavimentação das ruas, o crescimento das edificações e a vida nos apartamentos. Argumento do qual ela discorda, pois vê na horta, na relação com a terra e com a materialidade dos cultivos, a possibilidade de maior qualidade de vida. Luana traz um movimento de hesitação sobre a centralidade das cidades como espaços de crescimento e progresso, questionando o imperativo de que o lugar da natureza é no rural e que não haveria espaço no imaginário das cidades para pensar o mundo natural, quando ela fala que, mesmo no apartamento, pode-se cultivar comida.

Anna Tsing (2019) reflete sobre a forma como as cidades e outras formas de perturbação humana foram pautadas pela destruição e pela simplificação da vida. A complexidade foi reduzida para caber no projeto do progresso. Tsing, afirma que: “Nós construímos nossas cidades através da destruição e da simplificação, derrubando florestas para substituí-las por plantações para cultivos de alimentos ou para viver em asfalto e concreto” (TSING, 2019, p. 44). Além disso, segundo Desantiago e Vega:

A urbanização e as alterações climáticas estão intimamente ligadas. O dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>) e outros gases do efeito-estufa (GEE) são emitidos principalmente nas áreas urbanas e industriais. As cidades e o seu grande número de habitantes são afetados, ao mesmo tempo, direta e indiretamente pelas alterações climáticas. De acordo com o quinto relatório do IPCC 2014, as questões-chave incluem o aumento das temperaturas, das chuvas, das enchentes e da insegurança alimentar urbana (DESANTIAGO; VEGA, 2019, p. 94).

Assim como nas *plantations*, as cidades simplificam a vida e ajudam a criar a ilusão humana uni específica. A simplificação diz respeito ao isolamento da espécie para a produção de ativos. Como foi o caso da cana-de-açúcar, em que a espécie foi isolada para a maximização da produção. No entanto, o isolamento, na agricultura, produz uma série de consequências, como a exaustão do solo, e a redução da capacidade da planta de viver em comunidade, em agenciamentos multiespecíficos. O isolamento nas cidades, por sua vez, produz depressão, ansiedade, aceleração do pensamento. É interessante também perceber que, ao lado das consequências



ambientais, a insegurança alimentar urbana é citada no quinto relatório do IPCC 2014 como uma das consequências da urbanização contemporânea, aproximando as consequências ambientais das sociais. Ainda sobre as formas de utilização humana do ambiente, segundo Maricato:

Caio Prado Jr. tem, entre muitas virtudes, a de chamar atenção, de forma pioneira, sobre a predação ambiental que acompanha cada ciclo econômico brasileiro. Além de utilizar os melhores esforços e a energia do país, que restam imobilizados e abandonados quando o produto que é objeto desse movimento deixa de ser demandado pelo mercado externo, o território também é arrasado, como acontece com o ciclo da cana, do ouro, do café, etc. (PRADO JR, 1990 apud MARICATO, 2000, p. 22).

Nesse trecho, citando Prado Júnior (1990), Maricato (2000) relembra como no Brasil os humanos têm se relacionado com os ativos em cada ciclo econômico do país e como a paisagem que os continham é abandonada, após o desinteresse do mercado. Essa narrativa parece-me muito com a definição de formação de ruína, da qual nos fala Tsing (2019).

A urbanização, como conhecemos, teve sua origem na Revolução Industrial, no século XIX. Devido à industrialização, com a necessidade de absorção de mão de obra pelas fábricas e de formação de mercado consumidor, foram se formando aglomerados nas proximidades de onde se concentravam as indústrias e, assim, se constituindo os tecidos urbanos. A urbanização no Brasil segue o modelo de urbanização europeu. Enquanto colônia europeia, o Brasil sofreu dominação sobre seus modos de vida próprios e a urbanização brasileira veio na esteira da hegemonia desse pensamento, que exerceu grande poder sobre as subjetividades, interferindo nas formas de expressão dessa população, inclusive nos modos de se colocar no espaço, na sua urbanização. Nas palavras de Ailton Krenak sobre a as expressões da dominação colonial:

Esse chamado para o seio da civilização sempre foi justificado pela noção de que existe um jeito de estar aqui na Terra, uma certa verdade, ou uma concepção de verdade, que guiou muitas das escolhas feitas em diferentes períodos da história (KRENAK, 2020, p. 8).

A urbanização no Brasil intensificou-se na década de 70 do último século, decorrente da modernização da agricultura e concomitantemente ao processo de industrialização. Segundo Maricato:

[...] a partir da virada do século XIX e das primeiras décadas do século XX que o processo de urbanização da sociedade começa realmente a se consolidar, impulsionado pela emergência do trabalhador livre, pela Proclamação da República e por uma indústria ainda incipiente que se desenrola na esteira das atividades ligadas à cafeicultura e às necessidades básicas do mercado interno (MARICATO, 2000, p. 22).

Sobre o processo de urbanização no Brasil e a preponderância do modo de vida urbano sobre outros modos de se colocar no espaço, fala Cançado:

Progressivamente, a partir da segunda metade do século XX e em consonância com a “Grande aceleração” global, ou seja, o crescimento exponencial da demanda por energia, solo, florestas e água que altera de forma fundamental o sistema de funcionamento da Terra anunciando o colapso socioambiental sem precedentes que nos levaria ao Antropoceno, o imaginário nacional dominado pelo Sudeste urbanizado vai se afastando daqueles – povos e lugares – excluídos do processo de modernização do país que reiteraria contemporaneamente a preponderância do “espírito urbano” como único e legítimo modo de vida (CANÇADO, 2019, p. 19).

Com a mecanização da agricultura, as famílias que não conseguem se inserir nos processos de modernização do campo têm a tendência de migrar para os centros urbanos em busca de trabalho. Essas são, em geral, as famílias mais empobrecidas das regiões rurais. Segundo Petersen (2013) a modernização do campo inspira-se em um processo de produção semelhante aos processos industriais e passa a almejar o aumento da eficácia e da rentabilidade com componentes de divisão do trabalho, ampliação de escala, progressiva integração em cadeias comerciais verticais. O projeto modernizador passou a excluir camponeses da sua possibilidade de reprodução do trabalho e de reprodução de seus modos de vida.

Uma das expressões da urbanização são as construções verticais, que surgem para a otimização da utilização do espaço urbano, podendo, assim, através do crescimento vertical abrigar diversas famílias em uma mesma construção, nos chamados apartamentos, dos quais lembra Luana na sua fala. Segundo Maricato (2000) a introdução do apartamento como principal forma de moradia teve início na década de 40, no Rio de Janeiro, mas foi em 1964, com a implementação do Sistema Financeiro de Habitação, que o mercado imobiliário cresceu na expansão dos edifícios de apartamentos. Ainda, segundo Simmel, nas metrópoles, “frequentemente, nem sequer conhecemos de vista aqueles que foram nossos vizinhos durante anos” (SIMMEL, 1997, p. 17).

A palavra apartamento já possui em si a ideia de separação, de isolamento, de apartar-se do convívio. O processo de urbanização acentua a separação entre os indivíduos e, claramente, a separação dos humanos da natureza. Essa perda da dimensão de comunidade resulta na impressão subjetiva da perda da coletividade, o que é uma marca importante dos processos do modo de produção capitalista. A alienação dos processos produtivos e sociais são ferramentas de perpetuação do modo de produção. A modernidade e o capitalismo foram criando um fechamento do humano em si mesmo, desligado do seu entorno social e ambiental, muitas vezes apartado das relações que o constituem. Isabelle Stengers coloca que para o humano moderno e ocidental, ao qual ela chama de nós: “presumimos ser aqueles que aceitam a difícil verdade de que estamos sozinhos em um mundo mudo, cego, mas cognoscível – um mundo do qual teríamos a tarefa de nos apropriar” (STENGERS, 2017, p. 3).

Ainda, segundo Maricato a forma como as metrópoles foram se configurando, em um processo de urbanização concentrada possui características bastante negativas:

A ocupação inadequada do solo comprometendo áreas ambientalmente sensíveis como beira de córregos, mangues, dunas, várzeas e matas; o crescimento exponencial de favelas e das ocupações ilegais de um modo geral; a ocorrência frequente de enchentes devido à impermeabilização exagerada do solo; desmoronamentos com mortes devido à ocupação inadequada de encostas; comprometimento de recursos hídricos e marítimo com esgotos, entre outras (MARICATO, 2005, p. 1).

Flávio, nesse sentido, em conversa comigo em fevereiro de 2022, fala sobre a sua percepção dos espaços urbanos:

As cidades incharam muito nesses 50 anos, com o êxodo rural, sem infraestrutura adequada, em termos de tudo, habitação, saneamento. Os centros urbanos são muito estressantes, por tudo que está colocado, por todas as carências que tem, as pessoas vão se estressando, ficam agressivas, as relações ficam mais complexas, nos grandes centros (Trecho do diário de campo, fevereiro de 2022).

À medida que a urbanização avança, verifica-se um recuo da natureza, provocando perda da diversidade biológica, deixando animais e plantas sem condições de habitabilidade razoável para a permanência nesses espaços. Muitas espécies extinguíram-se, sem nunca termos conhecido sua existência (MOURA, 2019). Urbanização e impactos no meio ambiente possuem uma relação direta. Por implicar grande concentração de pessoas e atividades em espaços restritos, os

efeitos degradantes do meio ambiente são persistentes. Em vistas disso, na lógica da compensação, parques e áreas de preservação são pensadas nas cidades, para que os danos ambientais por elas causados sejam mitigados (MOURA, 2019). Nesse pensamento, de que as Unidades de Conservação, com uma natureza não tocada, são capazes de mitigar os efeitos antropogênicos sobre o planeta, vive um mito, o mito da separação natureza-cultura. Wellington Cançado (2019) em sua tese de doutorado, na escola de arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, denominada *Sob o pavimento, a floresta: cidade e cosmopolítica*, faz reflexões sobre as florestas arruinadas sob o asfalto das cidades, lembrando os jovens franceses que em maio de 68, traziam o Slogan *Sous les pavés, la plage!* (Sob o pavimento, a praia) o que se tornou um símbolo da crítica à sociedade moderna e à urbanização, nos lembra Cançado. As cidades, para o autor, foram florestas pavimentadas e uma floresta adormecida ou uma floresta potencial subexiste sob o pavimento de cada cidade. O devir floresta ainda está vivo sob o asfalto. Ora ou outra ela escapa, por frestas deixadas pela cidade, em um movimento de ressurgência, como a flor de Carlos Drummond de Andrade, que mesmo feia, nasce no asfalto. Nas palavras de Cançado:

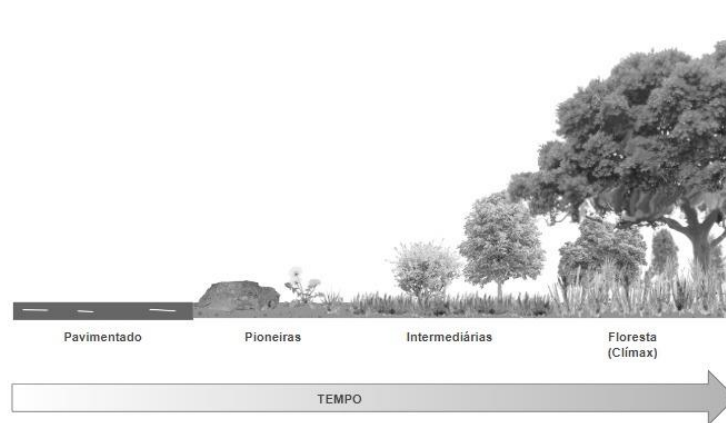
Mas a floresta, tanto a que espreita abaixo da cidade, quanto a que resiste para além de seus limites, não deve ser tomada pelas lentes naturalistas, que insistem em desumanizar a natureza (com aspas) e naturalizar a cidade (sem interrogações)" (CANÇADO, 2019, p. 22).

Pensando com Cançado (2019), sobre a floresta abafada por baixo do asfalto, surge-me a lembrança das PANC que resistem e surgem em qualquer lugar, mesmo nas calçadas e sobre o concreto das cidades, nos muros e lajes dos edifícios. As PANC, como a serralha, a tiririca, o picão preto, o dente de leão, podem ser consideradas espécies pioneiras, na sucessão natural ecológica. Segundo Almeida:

Entende-se como sucessão natural o processo de desenvolvimento de uma comunidade (ecossistema), em função de modificações das composições no ambiente considerado, culminando no estágio clímax. O processo de colonização inicia-se com espécies pioneiras, adaptadas às condições (limitações) apresentadas, que criam condições adequadas de microclima e solo para estabelecimento de outros grupos de plantas - secundárias - espécies que necessitam de menos luz e melhores condições de solo. Esta sequência sucessional evolui até um estágio final (clímax), representado por um grande número de espécies, representado por poucos indivíduos, portanto com maior diversidade. Cada fase de sucessão é caracterizada por composições florísticas e faunísticas típicas, associadas entre si (ALMEIDA, 2016, p. 49).

Ou seja, as espécies pioneiras surgem para preparar o ressurgimento de outras espécies, e assim, sucessivamente, restaurando o bioma. Ou seja, a cada tiririca encontrada no asfalto, mora um devir mata atlântica, já que ela é pioneira na sucessão ecológica. Pode-se ver na imagem como a sucessão ecológica acontece quando não há perturbação que impeça a sua ocorrência:

**Imagem 14 - Exemplo da forma como a sucessão ecológica acontece**



Fonte: Imagem do acervo da autora (2022).

Tsing (2019) ao estudar os cogumelos matsutake refere que os cogumelos existem na relação com os pinheiros como espécies pioneiras, que, ao seguir a sucessão ecológica, vão abrir espaço para as árvores de folhas largas, como ela chama e, essa, seria uma paisagem de ressurgência holocênica. No entanto, com a perturbação dos agricultores, as árvores de folhas largas não conseguem crescer, o que favorece a estada dos pinheiros e dos matsutakes. Quando os agricultores abandonam a floresta, eis que as árvores de folhas largas encontram espaço para voltar e os cogumelos matsutakes desaparecem. Nas palavras de Anna Tsing “o uso contínuo da floresta pelos fazendeiros repete a necessidade de sucessão pioneira de novo e de novo. Os pinheiros e matsutake são favorecidos. Este é o ato de abertura da ressurgência holocênica” (TSING, 2019, p. 232).

Assim, a permanência dos cogumelos Matsutakes se dá pela contínua perturbação antrópica dos fazendeiros. Quando esses deixam de usar a floresta, a sucessão segue o seu ciclo e os cogumelos desaparecem.

Progresso, como concebemos, traz o entendimento do tempo como retilíneo e homogêneo e de que o movimento possível de deslocamento da vida sempre é linear, do menos para o mais, no sentido da modernização e tecnologização, rumo a um futuro desconhecido. Dentro desse pensamento, o progresso traça uma linha única e com uma impressão de “evolução” da humanidade (separando os não desenvolvidos dos desenvolvidos ou, ainda, “selvagens” dos modernos). Esse pensamento não considera que existem outras formas de ser e de estar no mundo, para além da forma de vida hegemônica (BAUTISTA, 2017).

As noções de tempo moderno opõem-se à noção de tempo cíclico de algumas civilizações pré-colombianas, ou ainda de povos indígenas que conseguiram manterem-se apesar da colonização, em que o tempo é marcado por fenômenos naturais, como a observação da lua e das marés, dos tempos dos ciclos dos cultivos e descanso da terra. Segundo Waldman (1995) as cidades, na modernidade, têm um grande impacto sobre as formas como as pessoas vão alterando as formas de perceber o tempo: “As cidades são o cenário no qual a burguesia nascente vai lentamente incutindo uma nova ideologia, uma nova cultura, uma nova forma de pensar o tempo” (WALDMAN, 1995, p. 36).

As noções modernas de desenvolvimento estão intimamente relacionadas com a ideia de progresso e de crescimento econômico, de maneira linear. A concepção de tempo dentro dessa lógica, como uma flecha, vai do menos para o mais, sem percorrer duas vezes o mesmo ponto. Segundo Stengers, diante das noções de desenvolvimento e crescimento:

Quando o que está em jogo é o chamado “desenvolvimento” ou “crescimento”, a determinação é, principalmente, de não ter cuidado. Trata-se do que comanda todo o resto; somos exortados a pensar na possibilidade de reparar os danos que são o seu preço (STENGERS, 2015, p. 74).

Segundo a autora, a lógica do tempo linear e as noções de crescimento e desenvolvimento trazem a determinação de que não precisamos atentar e cuidar dos danos que tais imperativos pressupõem. A agricultura urbana, dentro das suas possibilidades, traz para as cidades, práticas como a capina e a preparação do solo, a rega e cuidado diário com o que está semeado, a observação sobre os tempos de plantar, crescer, colher, florescer e sementar e separar sementes para o próximo ciclo, contrapondo-se aos imperativos de tempo modernos e trazendo para o cotidiano a atenção e o cuidado. Segundo Luana:

[...] ver as coisas desde que elas nascem, de quando tu tem que tratar o solo, de quando tu tem que sei lá, essa coisa assim dos bichinhos que estão ali, que têm todo um ecossistema, em cada parte do processo tem as larvas, têm as minhocas, para cada etapa tem os bichinhos que são importantes (Trecho do diário de campo, fevereiro de 2022).

Nesse sentido, na Horta é possível retomar algumas dimensões cíclicas do tempo, o que vai à contramão da dimensão do tempo como flecha, uma vez que existem ciclos que devem ser observados e respeitados, para que os plantios possam dar certo. Não é a qualquer tempo que se pode, por exemplo, plantar hibisco. O hibisco é semeado em setembro, para que no verão esteja em pleno desenvolvimento, pois é da sua essência a necessidade de sol e calor para se desenvolver. Se plantarmos em março, por exemplo, o hibisco não crescerá. A mesma coisa acontece com abóboras, melancias, melão, pepino (...) são plantas que, quando semeadas no frio, não se desenvolvem. Dentro da racionalidade de cada um dos cultivos faz-se necessário entender que a cada ciclo de um ano, diferentes plantas possuem seu tempo certo para nascer, se desenvolver, dar flores, sementes e algumas, morrer. Não há linearidade nisso, pensar uma lógica linear seria, talvez, poder plantar a qualquer tempo e ter cada vez mais de uma mesma planta. Na Horta, humanos precisam compor com a potência de cada planta e suas exigências, deve haver ações humanas que convirjam para a manutenção da vida comum.

A lógica de alimentos em qualquer tempo é a lógica das grandes redes de supermercado, em que podemos comprar qualquer fruta fora de estação, pois para isso são lançadas mão de tecnologias que colocam os tempos naturais em suspenso. Essa lógica, de ter o que se deseja a qualquer tempo e rapidamente, é a que o capitalismo nos coloca, nos afastando dos tempos naturais. Tsing (2015) diz para pensarmos em uma terceira natureza, que “rompe com a divisão que aponta para uma primeira natureza em um primeiro plano, o das relações ecológicas e a segunda, a da transformação capitalista da natureza, a ação do Homem” (CARDOSO, 2019, p. 28), assim conduz nosso pensamento para essa terceira natureza em que haveria a emergência de uma temporalidade polifônica, que segundo Cardoso (2019) seria um tempo sem direcionalidade única, em que economia e ecologia são entrelaçadas.

O progresso, ainda, pode ser definido, também, como o contínuo desenvolvimento do domínio da natureza para colocá-la a serviço do homem. Nesse caso, desenvolvem-se tecnologias que fazem com que as leis naturais possam ser “vencidas” e a vontade humana se sobreponha às condições naturais. Um exemplo é o da própria agricultura industrial, quando criam-se organismos geneticamente modificados que resistem a intempéries do ambiente, fazendo que a vontade humana prevaleça sobre a lógica da natureza.

Nesse sentido, o de que, nossas mentes, afastadas da terra, convergem em uma ideia de poder qualquer coisa a qualquer tempo, lembro-me aqui de um momento em que uma das jovens que frequentam a Horta me pediu sementes de Melão de São Caetano. Naquele momento, estávamos colhendo os melões e retirando as suas sementes. A jovem queria poder plantar na sua casa e pareceu surpreender-se quando eu lhe disse que, se ela plantasse no momento, ele não iria nascer. Eu disse que ela deveria esperar para plantar no mês de setembro e então, no próximo verão, ela poderia colher melões. Porém, para eu mesma apreender tal coisa foi necessário eu insistir em plantar fora de época e ver as plantas morrendo. Eu ainda trabalhava no CRAS da Lomba do Pinheiro, quando plantei pela primeira vez abóboras. As mulheres mais velhas me diziam que não adiantava eu plantar naquele momento, mas eu insisti. Assim, como também insisti em plantar coisas em lugares em que a luz não estava apropriada. Foi só no fazer e errar, mesmo sendo avisada, que eu aprendi algumas coisas. Assim, não duvido que a jovem, apesar do meu alerta, tenha realmente plantado as sementes naquele momento. Segue um trecho que escrevi em diário de campo 2020, ainda quando estava começando a pensar a dissertação:

Aprender a plantar leva tempo. Nenhum manual vai te trazer o que a experiência traz. É só através da tentativa e do erro, de ver com os próprios olhos o que dá certo e o que não dá, é que se aprende. Saber reconhecer um ciclo: saber reconhecer o momento da sementação e respeitá-lo: deixar pender, deixar florescer, deixar sementar, deixar secar, armazenar para o próximo cultivo. Isso não é aprendido em livro, um livro até pode te dizer sobre isso, mas é na prática, ano a ano, que se conhece, que se aprende. Plantar aguça a sensibilidade, aguça a paciência, aguça a visão. Que folha é essa? Que inseto é esse? O que esse inseto, aqui e agora, está falando sobre a disposição dessas plantas, sobre esse solo, sobre essa água? É um exercício de anos, e, olha, é difícil saber tudo. Acho que morre-se ainda aprendendo sobre esses ciclos. Não adianta querer plantar melão em fevereiro, não vai crescer. Mas só teimando é que eu aprendi. Sobre algumas plantas eu sei mais do que sobre outras porque me experienciei mais com umas do que com outras (Trecho do diário de campo, 2020).



Ouvir as exigências de uma terra não pavimentada, mesmo dentro da área urbana (MAYERS, 2017) e criar um tempo fora das exigências capitalistas, requer que sejam construídas ecologias afetivas entre plantas e pessoas. Acredito que o experimentar-se em relação, como foi o meu caso e, talvez, o caso dessa jovem voluntária da horta, faz parte da construção dessa ecologia afetiva. Ver em ato o resultado da sua própria manipulação com o reino vegetal, as formas como as plantas vão respondendo aos seus cuidados, como elas, por vezes, reagem mal diante de algumas adversidades que nem sequer sabíamos que se tratava de uma adversidade. Compor uma sinfonia relacional, que passa por colocar as mãos na terra e deixar-se afetar pelos crescimentos e florescimentos, é o que me parece possível de chamar de ecologia afetiva. Essas afecções, que passam por vários sentidos e que nos ensinam sobre a inteligência da vida vegetal, remontam outra forma de concepção do tempo, em que tempo não é sinônimo de acumulação, mas de *cuidado e atenção*.

Em 2015, a Horta passou por um momento bastante tenso, conforme relatado pelos interlocutores que vivenciaram. Quando ficou-se sabendo, através de um representante do conselho do Plano Diretor de Porto Alegre, que estava tramitando, a pedido de uma empresa ligada ao ramo imobiliário, um projeto de rua, que passaria na área onde está a mata que envolve a horta, ligando as ruas São Pedro e São Paulo, na parada 12 A, da Lomba do Pinheiro. Todas as terças-feiras, pessoas voluntárias e coordenadores da Horta passaram a frequentar as reuniões desse conselho, que acontecia na Secretaria Municipal de Obras e Viação (SMOV). Nessas reuniões foi apresentado o projeto da Horta para os conselheiros, no entanto, conforme relata Flávio, uma das fontes dessas informações, os conselheiros foram pouco sensíveis à causa, apelando para um discurso que apontava que manter a área da mata seria um atraso para a vida da cidade e viam o projeto da rua como desenvolvimento urbano. Segundo Flávio, perguntaram, inclusive, se as pessoas da Horta gostariam de continuar vivendo como índios, no meio do mato, demonstrando preconceito, pouco entendimento sobre a questão indígena, bem como reproduzindo o discurso do progresso e desenvolvimento que não é capaz de prestar atenção à diferença e de cuidar, por conseguinte. O projeto foi votado a favor da construção da rua. No entanto, Lurdes foi diretamente ao prefeito da época, e ele vetou o projeto. Após, na câmara de vereadores, começou a tramitar o projeto de lei que tornava a área da mata nativa ao redor da horta uma

área de preservação ambiental, aprovada em 2016, por unanimidade. Hoje, essa área não pode sofrer intervenções, a menos que a lei seja revogada. Essa é uma história em que humanos e plantas se aliaram, uma vez que foi pela justificativa da manutenção da biodiversidade, bem como pela possibilidade de produção de alimentos para a população da Lomba, através dos cultivos, que foi possível manter o projeto, em defesa de um posicionamento diante da vida urbana. Plantas ajudaram os humanos a manter o projeto, humanos ajudaram plantas a manterem um lugar para viver. Mais ruas ou mais plantas, mais matas, mais diversidade, do que precisamos? Passar uma rua onde é a horta seria, talvez, o fim dessa possibilidade de convivência e fazer conjunto. Mas a visão predominante, no conselho do plano diretor, naquele momento, era de que desenvolver a cidade passaria por construir, pavimentar, asfaltar, afinal, “não queremos viver como índios, no meio do mato”. A pressão da comunidade da Lomba e dos coordenadores do projeto, acreditando na potência da vida com as plantas é que fez com que não fosse dado andamento ao plano. Segundo Goldstein et al. ao falarem sobre outras possibilidades que não a da antropologia clássica diz que: “Uma miríade de modos de resistência humano-implantadas virá de uma estudada reciprocidade e de escuta atenciosa das relações humano-planta” (GOLDESTEIN, 2021, p. 210).

As cidades, seus ritmos e seus tempos, nem sempre nos deixam pensar fora dos seus padrões, além de um projeto concreto, existe um projeto ideológico, que limita nossa capacidade imaginativa. Nesse sentido, concebo as cidades como ruínas, onde nem sempre encontramos frestas para respirar, para nos surpreender ou encontrar com a diferença. Pequenas experiências na cidade, que nos permitem experimentar outros tempos e outras lógicas, são importantes para nos ajudar a imaginar saídas para o que chamamos de Antropoceno.

No próximo capítulo, discorrer-se-á sobre o Antropoceno e sobre a incompletude do termo, uma vez que ele pode nos colocar em inúmeras armadilhas lógicas. Também, serão narrados encontros e acontecimentos que nos ajudam a pensar sobre as relações entre espécies para a construção de lugares de habitabilidade, refúgios na cidade, para humanos e não humanos.

#### 4. ANTROPOCENO E A SUA INCOMPLETUDE: POSSIBILIDADES DE IMAGINAR FUTUROS E CONSTRUIR REFÚGIOS

O Antropoceno, que traz para o centro da cena a ação humana sobre a terra, causadora de impactos que fazem marcas no seio da formação terrestre, tem sido questionado por alguns pesquisadores (TSING, 2019; HARAWAY, 2009; MOORE, 2014; COSTA, 2019) enquanto termo para nomear tal fenômeno, já que nem todos os antropos são responsáveis pelas modificações, mas sim, alguns humanos. Stengers (2015) propõe a Intrusão de Gaia, em contrapartida ao Antropoceno, para falar sobre esse tempo em que a terra está se colocando diante dos humanos de forma incisiva, respondendo aos danos causados. Além de o Antropoceno colocar a responsabilidade em todos os humanos, sem distinção, ele também oferece o risco de cairmos na tentação de achar que o caminho tecnológico pode ser a saída para o problema. A seguir, trarei alguns elementos para pensarmos no Antropoceno e suas vicissitudes, bem como algumas cenas de campo para refletirmos sobre possibilidades de reparação para o efeito antrópico, mesmo que pequenas e localizadas.

##### 4.1 A AGRESSIVIDADE DAS FORMIGAS FALA SOBRE VIVER EM UM TEMPO DIFÍCIL

Precisamos reaprender a comer os matos, estamos diante de um tempo de mudanças climáticas, muita coisa não vai sobreviver, mas as PANC, os matos, podem nos ajudar a viver nesse tempo (Lurdes, em trecho retirado do diário de campo, novembro de 2021).

Não raro, Lurdes traz essa fala, dizendo sobre a importância de aprendermos a resistir em um tempo que ela mesma denomina como de mudanças climáticas. Para tal, propõe que aprendamos novamente a nos relacionar com plantas que foram, de certa forma, esquecidas. Existe uma preocupação da Lurdes com o mundo, com os humanos e com os não humanos, preocupação que recorrentemente ela repete, seja falando efetivamente das mudanças climáticas que se expressam pela falta de chuva, pelo calor intenso, pelas chuvas demasiadas em outros momentos ou, ainda, preocupando-se, no dia a dia, com a vida de cada um dos componentes da horta. Em muitas reuniões com pessoas de fora da Horta e mesmo com os voluntários, Lurdes fala que vai haver um tempo em que

precisaremos definitivamente das plantas alimentícias não convencionais, pois haverá escassez de alimentos, especialmente para os humanos que vivem nas cidades, e essas são as espécies mais perenes, que suportam temperaturas elevadas, excesso de chuvas, entre outros fenômenos que as mudanças climáticas vêm provocando.

Para Lurdes, não existe espaço para não pensar ou não prestar *atenção* à vida dessas companheiras. Cada detalhe de cada uma das plantas parece ser sempre lembrado por ela: “hoje temos que plantar mais manjeriço, pois morreram algumas matrizes”, “precisamos fazer mudas do alecrim”, “já passou do tempo para plantarmos as abóboras”. Flávio também expressa preocupações sobre o que percebe como mudanças climáticas:

Eu tenho essa percepção também, está bem evidente, se acentuando bastante dos últimos tempos para cá, e tem a ver como o homem está lidando com o nosso planeta, nossa casa comum. Tem a ver com muito desmatamento, que já houve, através da história e que ocorre muito hoje em dia, a questão da poluição, né, atmosférica, os próprios danos na questão das águas. Todo um conjunto que afeta e dá esse desequilíbrio, estamos em um momento bem delicado, aqui na nossa região. Muito calor, um calor muito intenso, enquanto em outros lugares têm chuvas demais, muito vento, a natureza está mostrando, respondendo aquilo que nós humanos estamos fazendo em relação a terra. E devemos perceber isso dentro do sistema capitalista mundial em que nós vivemos e acho que ainda vai por um bom tempo, um sistema predatório de exploração ao máximo e exploração de tudo que existe, tudo que é possível ser explorado, seja os recursos da terra, os recursos naturais, seja os nossos próprios semelhantes, o ser humano está sendo explorado, os animais, então é um sistema diabólico que lança tentáculos em tudo que é setor, inclusive na área de produção de alimentos, com veneno, com transgênicos, com os aditivos que são colocados na indústria de alimentos (Trecho do diário de campo, fevereiro de 2022).

Vivemos em um tempo em que estamos ameaçados, uma ameaça que é causada pela forma como nos colocamos como espécie diante do mundo, conforme reflexiona Flávio. Pensar as cidades e o que representam no pensamento moderno, pensar as formas como habitamos os espaços, bem como pensar as repercussões sociais e ecológicas que foram se desenhando ao longo do tempo como consequência da noção de desenvolvimento como (desigual) crescimento econômico é entendido aqui como um exercício urgente para a continuidade da vida.

Com a preocupação diante dos impactos humanos sobre a natureza, a antropologia e os estudos das ciências e da técnica vêm discutindo, contemporaneamente, o conceito de Antropoceno. O Antropoceno foi caracterizado por Paul Crutzen, prêmio Nobel de química no ano de 1995, como a era geológica

que sucede o Holoceno, em que os efeitos antrópicos causaram e causam mudanças atmosféricas em uma velocidade acelerada, bem como mudanças no relevo e nos depósitos minerais e extratos de rochas (BORINELLI et al., 2020)

Essas mudanças são ocasionadas pela forma como a humanidade se colocou diante da natureza, enxergando-a como fonte de recursos, ignorando sua finitude e não levando a sério que as ações poderiam ter efeitos que desestabilizam o planeta. Muitas dessas ações - de desflorestamento, poluição da água e do ar, escavações para a obtenção de minérios, etc. - são pautadas pelo pensamento moderno capitalista, em que desenvolvimento é visto como desenvolvimento econômico e em que pouco se leva em consideração outros aspectos, para além do crescimento financeiro (BORINELLI et al., 2020).

O termo Antropoceno é importante, pois no momento em que surgiu, chamou atenção sobre o impacto da ação antrópica sobre a terra. No entanto, ele pode vir carregado de antropocentrismo, e, ainda, ser capturado dentro da lógica capitalista. Os humanos modernos agem como se pudessem lançar mão de soluções tecnológicas para dar conta do estrago causado, apresentando respostas como o capitalismo verde ou as tecnologias intituladas sustentáveis. Respostas essas que caminham na mesma lógica que causou o estrago, sem mudança de paradigma, acreditando que a tecnologia poderá nos salvar. Para Tsing “se existe algum significado para o termo sustentabilidade, deve-se procurá-lo nas ecologias Holocênicas - incluindo aquelas que conseguiram se manter no mundo contemporâneo” (TSING, 2019, p. 229).

Além disso, podemos pensar o Antropoceno como uma provocação a nós, os humanos modernos, que separamos, por tanto tempo, o natural do cultural. O Antropoceno nos coloca para ver que o cultural fez marcas irreversíveis no natural, tendo, inclusive, o Antropos como prefixo da palavra que nomearia uma nova era geológica.

No entanto, o Antropoceno tem sido considerado um termo incompleto (COSTA, 2019) e aberto a atuações que nos fazem ficar na mesma lógica que vivemos nos últimos séculos. Dessa forma, outras nomeações vêm sendo cunhadas para nomear o evento da profunda marca humana na constituição da natureza: Plantationceno (TSING, 2019), Capitaloceno (MOORE, 2014). Essas outras nomeações dão conta da reflexão de que não são todos os humanos responsáveis pela catástrofe, coisa que o nome Antropoceno não indica.

Em face à incompletude do Antropoceno, Stengers (2015) propõe pensarmos nas respostas que esse sistema vivo nos dá enquanto ser que foi ferido. Diante da intervenção humana irresponsável, uma natureza que não é inerte e nem intocável, mas que é viva e se coloca, intervem. Uma intervenção que vem como algo com o que, nós humanos, teremos que aprender a conviver. Isabelle Stengers (2015) nomeia como Gaia esse ser ferido e a ação de Gaia, Intrusão. O termo Gaia foi cunhado por James Lovelock e Lynn Margulis, no início dos anos 70, e esses a tinham como o sistema planetário dotado de vida e interações bioquímicas complexas que o sustentam. Relido por Stengers (2015) e Latour (2009), Gaia é aquela que coloca questões incontornáveis para a política e a experiência contemporâneas (2018). Para Isabelle Stengers “nomear (Gaia) não é dizer a verdade, e sim, atribuir àquilo que se nomeia o poder de nos fazer sentir e pensar no que o nome suscita” (STENGERS, 2015, p. 48).

Silva (2019) afirma que novas formas de *atenção* serão necessárias se quisermos começar a pensar em como compor com Gaia. Compor com Gaia é diferente de usar a mesma lógica moderna para tentar sair das crises, compor com Gaia pressupõe outras respostas para além das saídas capitalistas para o problema.

As mudanças climáticas, as pandemias, os desastres parecem ser a resposta de Gaia ao crescimento acelerado e pouco responsável, a sua Intrusão. Ao falar da Intrusão de Gaia, Stengers (2015) diz que é algo que temos que nos habituar, que não é algo que “vai passar”, precisamos conviver com o incômodo. Tampouco existem saídas fáceis para o problema, ou seja, a tecnologia, muito provavelmente, não vai nos salvar. Estamos diante de um tempo em que os detalhes vão nos revelando a brutalidade de Gaia. Para pensar nesses modos de *atenção* que propõe Silva (2019), para começarmos a pensar em compor com Gaia, trago alguns fragmentos sobre as *atenções e cuidados* que têm sido possíveis na Horta, com relação a alguns seres que compõem o espaço conosco.

O hibisco começou a ser colhido em fevereiro. A cada encontro eram colhidos alguns quilos, tiramos as sementes e ensacamos o hibisco para a venda. No entanto, a colheita não foi fácil em 2022, além do sol forte, as formigas se colocaram de forma feroz em relação aos nossos corpos. No mínimo contato com a planta do hibisco, as formigas já se colocavam nos ferindo, provocando dor. Nem sempre foi possível permanecer nos canteiros. Lurdes também foi atacada e diz que esse foi o primeiro ano em que sentiu as formigas tão agressivas. Segundo ela, o calor que

experimentamos esse ano irritou a todos. A reação das formigas, segundo ela, é parte das mudanças climáticas. Quando pensamos as formigas nos hibiscos da horta, tanto em quantidade como em qualidade (elas parecem mais agressivas do que outrora) estamos falando de uma reação que não estava prevista por nós humanos. O que podemos fazer é aguentar suas picadas, passar álcool para aliviar o ardor. Elas não estavam nos planos de ninguém que plantou e espera colher os hibiscos. Para nomear esses eventos não humanos e não previstos, mas que se colocam diante dos humanos e com os quais, de alguma forma, precisa-se lidar, Tsing (2019) fala sobre a feralidade. Eventos ferais podem, inclusive, mudar cursos históricos, segundo a autora:

Para estudar a vida nas ruínas, um ponto de partida para mim é a capacidade dos não humanos de mudar historicamente e às vezes nas mesmas escalas de tempo que os humanos-- por exemplo, respondendo aos programas de construção de infraestruturas imperiais e industriais. (TSING, 2019, p. 17)

São pequenos os movimentos que o ambiente vai fazendo que demonstra que não está tudo bem. A irritação das formigas, o amarelamento das folhas da abóbora, a morte de algumas mudas na estufa. No entanto, enquanto eu estive na horta não se pensava em soluções rápidas. Quando as formigas nos mordem, não se pensa em como acabar com elas, mas no porquê de elas estarem assim, tão agressivas. A horta é um pequeno espaço em que se permanece com o incômodo nos termos de Haraway (2019), ou seja não há pressa em tomar posições. Para Stengers (2015), se existem esperanças de mitigar a catástrofe, ela está na *arte de prestar atenção* “uma arte da atenção imanente, uma arte empírica que investiga o que é bom ou nocivo – uma arte que o nosso apego à verdade muitas vezes nos faz desprezar, entendendo-a como superstição” (STENGERS, 2017, p. 12).

Silva (2019) e Stengers (2017) trazem a importância da *atenção* para produzirmos diferença diante das catástrofes – e, podemos dizer, dos eventos ferais - e para que um exercício de composição com Gaia possa ser possível. Trago, aqui, mais algumas reflexões do campo sobre como a atenção é mobilizada nesse espaço.

Segundo Hartigan, ao tentar entender melhor o mundo e a comunicação das plantas, começou-se a sentar em um jardim para observá-las, nas suas palavras:

Só de ficar quieto, percebo a quantidade de outras espécies: os polinizadores que se rasgam através do ar quente; os sapos na água próxima; os gatos que rondam. Agora eu vejo nuvens de insetos que parecem se concentrar no sol, cujos movimentos pelo local e as plantas eu começo a rastrear. Percebo o pouco que sei sobre os insetos. (HARTINGAN, 2017, p. 259).

Nesse trecho, Hartingan (2017) traz para refletirmos um exercício simples que é o de silenciar e observar para compreender um pouco mais dos mundos que ignorava no seu dia a dia. Sobre esse exercício, o que tenho para dizer é que nem sempre consigo andar pela horta para simplesmente olhá-la, pois sempre há alguma coisa para fazer, mas essa é, talvez, a atividade que mais me fascina ali. O andar e olhar envolvem perceber as mudanças, crescimentos, a atividade dos insetos em ato, abelhas se nutrindo, borboletas borboletando. Traz entusiasmo ver que o que as nossas próprias mãos tocaram, colocaram na terra, pode crescer e dar frutos. Um cultivo especial para mim é o das abóboras. Em agosto e setembro de 2021 foram muitas as abóboras que eu mesma coloquei a semente na terra e que, durante o verão, eu vi dando frutos. As abóboras crescem em barço<sup>4</sup>, vão se espalhando e, por vezes, subindo em outras plantas. Elas têm flores, geralmente amarelas, que podem ou não serem fecundadas. Quando a flor é fecundada aparece um caroço embaixo, como se ela estivesse grávida, caroço que vai se desenvolver e dar origem a uma nova abóbora. Como os barços vão se espalhando por onde conseguem e as folhas são graúdas, nem sempre os frutos ficam aparentes. Andar pelos barços de abóbora, afastando as folhas para descobrir os frutos, é uma satisfação imensa para mim.

---

4. Chama-se popularmente de barço a forma como crescem algumas plantas, que vão se espalhando pelo chão, ligadas por uma espécie de corda vegetal. De uma corda maior, pequenas cordas vão aparecendo de forma que a planta enrosca em algum objeto ou planta alheio ao seu corpo, para dar sustentação e seguir seu crescimento.



**Imagem 15 - Baraço de abóbora**



Fonte: Imagem do acervo da autora (2022).

**Imagem 16 - Abóbora escondida entre baraços**



Fonte: Imagem do acervo da autora (2022).

Trouxe esses episódios de minhas experiências afetuosas com o crescimento das abóboras para exemplificar sobre como as plantas comunicam coisas, mas que nem sempre conseguimos escutar, pois não há *atenção* cultivada para tal. Hartingan (2017) ao refletir sobre como entender a linguagem das plantas, retoma o argumento de Holdrege, autor a quem faz correntes alusões no texto “*How Interview a plant*”, para relatar sobre o método de observação desenvolvido. Ele diz que “ao olharmos cuidadosamente levamos a planta a sério... voltamos a nossa atenção para ela. Nós

vemos a planta como algo por direito próprio e aprendemos a valorizá-la por si mesma” (HARTINGAN, 2017, p. 255).

Não tornar os eventos ordinários, prestar atenção às minúcias das folhas, dos insetos, dos fluxos de vida e de morte dentro do espaço da Horta é um exercício constante ali. Lurdes está sempre atenta a tudo, cada muda da estufa é especialmente olhada por ela. Por vezes, precisa-se, nesse exercício do olhar, admitir que algumas estão morrendo, ou já morreram. Tem flores que nascem e abrem apenas por um dia no ano e, se não as virmos nesse dia, apenas no próximo ano poderemos vê-las novamente. Tem plantas que são perenes e outras que precisam, a cada ano, serem cultivadas. Se deixarmos passar a época de plantio, apenas no próximo ano será possível plantar novamente. Se não estivermos *atentos* à sementação e se não colhermos as sementes para armazenar para o próximo plantio, perderemos um pouco da diversidade da horta. Depois da chuva os caramujos saem para passear, é preciso cuidar dos passos para não feri-los. As abóboras esse ano não vingaram bem, a seca foi intensa, ficamos muitos dias sem chuva, com calor intenso. A cada dia de seca, viam-se as folhas amarelado. Suportar a dor das picadas das formigas, sem querer exterminá-las, entender que elas são parte do conjunto de vida que compõe conosco a Horta e, quem sabe, estão nos dizendo algo com a feracidade como estão se colocando. Tudo isso diz respeito a uma forma de prestar *atenção* àquilo que está conosco neste espaço.

As pessoas que compõem o coletivo entendem que tudo que está ali é vivo e está em relação constante, tanto conosco como com outros seres que vivem no espaço. Também há certo consenso entre os participantes que quando as plantas não são devidamente olhadas e cuidadas elas podem morrer. No entanto, cada uma das plantas possui suas especificidades e exigem diferentes coisas dos humanos. São exercícios de atenção diários para seguirmos vivendo e dando continuidade a vida com esses não humanos. Os consensos não são totais, mas há alguma homogeneidade de percepções quanto ao sistema vivo que é a horta. A agroecologia baliza as atividades e acaba que quem chega e espera encontrar fileiras de alface, acaba não se identificando com o projeto e não permanecendo como voluntário. As palavras de Lurdes são bastante valorizadas no espaço, assim quem chega sem conhecimento sobre a relação com a terra, baliza-se muito pelo seu discurso, o que acaba por gerar bastante convergência de opiniões no coletivo.

No entanto, as possibilidades de encontrar-se com a diferença interespecífica estão sempre presentes, seja pelos movimentos mais sutis, como uma flor desabrochando ou avistar uma abóbora entre as folhas, como por movimentos mais bruscos que pode oferecer risco, quando uma cobra cruza o caminho ou quando nos deparamos com uma aranha venenosa. Existe uma certeza entre os participantes, a de que nunca se está sozinho na Horta.

#### 4.2 ENCONTROS INTERESPECÍFICOS: A HORTA E SEUS EMARANHADOS

Era uma terça-feira e umas dez pessoas iam almoçar e ficar na Horta para as atividades da tarde. Estávamos em meio ao verão de 2022. Alguns que ali estavam, já frequentam a horta há muito tempo, outros estavam vindo pela segunda ou terceira vez. Íamos fazer o almoço e, como sempre, esse é feito com os ingredientes disponíveis. Cada um traz alguma coisa, outras coisas são colhidas da horta. Tínhamos ovos, rúcula, alface, cenouras, macarrão e naquele dia duas morangas haviam sido colhidas. Fizemos, então, uma grande salada com macarrão e ovos, arroz com ora-pro-nóbis da horta e moranga cozida. Quase sempre a comida fica muito boa e a sensação é de fartura. Na hora do almoço, sempre há fotos. Paira sobre todos, um sentimento de orgulho por ter trabalhado, cozinhado. A hora da comida é hora de desfrutar, de conversar, sorrir e agradecer.

Estar em coletivo, construir coisas que seria impossível construir sozinho é algo importante para os que vivenciam a Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro, mesmo os almoços não seriam tão fartos, se não houvesse o coletivo, pensando e agindo em conjunto. Quando fala da horta, Lurdes sempre coloca que para o projeto ter continuidade depende da coletividade que o habita. É no agenciamento de corpos humanos com outros que não humanos que a horta vive. No projeto, existem formas de invenção de uma modalidade de ser em grupo que envolve alteridades além dos humanos.

Num certo dia de verão de 2022, Sílvia, que havia conseguido uma doação de um balcão novo para a pia da casa da horta, resolveu que íamos trocá-lo. Ninguém ainda havia se animado a trocar o balcão, a princípio, estávamos esperando Benjamim trocar. Alguns jovens se envolveram na atividade da troca do balcão e, de repente, vários gritos soaram desde o interior da casa. Atrás do balcão, estava a residência de uma aranha armadeira. Alguns não reconheciam o perigo da aranha

para o qual foram alertados. Silvia e Maicon chegaram perto e coletaram a aranha para dentro de um chapéu e a levaram para a mata. A aranha nos desacomodou, fez com que tivéssemos que pensar rapidamente sobre ela e sobre como poderíamos lidar com o que ela representava naquele momento.

Segundo Silva, ao falar sobre esse momento em que a atenção de dois seres são capturadas, no encontro: “Esse toque mútuo é uma ocasião para se conhecer, assim como para se transformar, por meio do desvio provocado nas trajetórias de vida daqueles que se afetam” (SILVA, 2021, p. 222).

Os encontros com não humanos de várias espécies estão permanentemente no cotidiano da horta, nos lembrando de que não estamos sozinhos e capturando a atenção: flores que surpreendem com a sua beleza, melão de São Caetano que tem um fruto e sementes com um formato que é cheio de detalhes, animais peçonhentos como aranhas e cobras que arrancam, por vezes, gritos de quem os encontra, ratos que fazem com que tenhamos que ter muito cuidado com a casa e a comida, o cachorro Simba que demanda atenção, cuidado e, às vezes, no surpreende com as suas caçadas. Quando uma aranha armadeira prepara o bote, é certo, sua *atenção* está voltada para nós, são instantes de troca de olhares (cada um à sua maneira) que transformam, nunca se sai o mesmo de um instante assim. Ainda, segundo Silva, sobre a *atenção*:

A atenção está ligada à produção de conhecimento e de verdades, especialmente quando se fala na atenção ao modo de atenção de outros existentes de modo a identificar aquilo que eles preendem, o que os atrai, com o que criam conexões tentaculares (SILVA, 2021, p. 222).

Talvez, não tão óbvio quanto das aranhas armadeiras, seja a dupla captura *atentiva* entre humanos e flores. Sem dúvida, a flor de alcachofra, por exemplo, faz a *atenção* dos humanos se deslocar em sua direção.

**Imagem 17 - Flor da Alcachofra**

Fonte: Imagem do acervo da autora (2022).

Ainda, uma outra história, entre tantas outras que poderiam ser contadas, sobre encontros interespecíficos na horta. O que escutei é que Simba, o cachorro, quando chegou na horta, era bravo com os humanos e, aos poucos, acostumou-se a receber cuidados, hoje só rosna para alguns estranhos. Porém, Simba não é um cachorro feito para dentro de casa, ele tem um espírito caçador e, quando pode, põe isso em prática. Nas voltas da horta, existem casas de pessoas que vieram de fora da Lomba do Pinheiro e se alojaram na beirada do Arroio Taquara, uma área de preservação permanente (APP), como alternativa de moradia diante da precarização da política de habitação, foram construindo habitações onde conseguiram ocupar. Muitos oriundos do interior do estado, mantêm hábitos de criação de animais: galinhas, coelhos, pássaros, e dizem que até porcos, mas eu nunca vi. Certo dia estávamos na horta, trabalhando nos canteiros e regando os plantios. Flávio me diz: o Simba andou caçando um coelho dos vizinhos. Eu guardei aquela informação. O trabalho seguiu e, de repente, quando eu estava caminhando em direção à casa, uma cor diferente na periferia da minha visão me chama a atenção. A cor era

vermelha, era sangue de coelho. A partir disso, tivemos, eu e algumas jovens, que lidar com a situação. O que faríamos com o coelho morto e parcialmente comido? Em princípio, enterramos o coelho em uma área de mata fechada, ao lado da horta. Simba desenterrou o coelho e saiu com ele na boca em direção à estrada. Já estávamos indo embora, quando nos deparamos com o coelho novamente, Simba o deixou no meio da estrada. A alternativa que tivemos foi a de jogar o coelho para dentro da mata, já que deixá-lo morto, ali na estrada, poderia parecer uma afronta aos vizinhos, donos do coelho morto, vizinhos que já pouco possuem e que tiveram subtraído um coelho. O encontro com o coelho morto e outros acontecimentos nos faz ter que lidar, permanentemente, com o que um cachorro livre pode fazer. Após o incidente com o coelho e algumas reflexões sobre os comportamentos de Simba, passamos a alimentá-lo com mais carne do que ele vinha recebendo, na tentativa de que ele parasse de atacar a criação de animais dos vizinhos. Parece que a solução vem funcionando, apesar de, esporadicamente, ele capturar alguma galinha vizinha.

**Imagem 18 - Simba dormindo entre plantas que foram coletadas para retirada de sementes**



Fonte: Imagem do acervo da autora (2022).

Segundo Tsing “Os encontros são, por sua natureza, indeterminados; somos transformados de forma imprevisível” (TSING, 2015, p. 144). A horta parece abrir espaço para que outros que não humanos possam fazer parte das histórias que constituem os seus participantes e para que possam ser transformados no encontro com esses outros. Segundo a mesma autora “As relações são transformadoras e nunca se tem certeza do resultado. Assim, a diversidade no fazer é sempre parte da mistura” (TSING, 2015, p. 181). Aquilo que aprendemos a fazer com a aranha que se coloca diante de nós quando estamos a manusear coisas dentro da casa, ou com o cachorro que é nosso amigo, mas que age como um cachorro criado solto, com sua forma de ser cachorro, são respostas que só são possíveis porque o inusitado nos surpreendeu e respondemos de forma situada (naquele lugar, com aquela aranha e com aquele cachorro) ao que determinados encontros demandaram. A abertura ao inusitado, sair do controle do que pode acontecer, deixar-nos afetar por

outros que não apenas humanos podem fazer, talvez, imaginar outras formas de estar no mundo, compondo com a diferença e restaurando refúgios.

Segundo Haraway (2016), hoje a terra está cheia de refugiados, humanos e não-humanos, frutos da perturbação das paisagens. Refugiados que não têm para onde ir, refugiados sem lugar. Para tal situação, Haraway propõe saídas: “Penso que o nosso trabalho é fazer com que o Antropoceno seja tão curto e tênue quanto possível, e cultivar, uns com os outros, em todos os sentidos imagináveis, épocas por vir que possam reconstituir os refúgios” (HARAWAY, 2016, p. 5). Onde, na cidade, existe lugar para dalias de variadas cores, para rabos de galo, para hibisco vinagreira, para caramujos gigantes, para amarantos, batatas cará moela e uma infinidade de seres podendo viver juntos? Nesse sentido é que coloco a horta como um espaço que pode ser refúgio, inclusive da biodiversidade, já que se tem o cuidado de plantar algumas espécies para reprodução de sementes, para que não desapareçam da terra.

Cultivar uns com os outros, abrir-se a surpresa, propor-se a estar com e em coletivo são elementos fundamentais nesse espaço. Restaurar refúgios na horta é aprender a compor com a terra e com o coletivo e nesse encontro ir permitindo que animais e plantas vivam e tenham onde viver, restaurando habitabilidade, possibilitando ao solo produzir e descansar, adubá-lo, cuidar para que o sol não o esgote, cobrir as raízes das plantas com folhas secas para que a umidade permaneça e elas possam continuar a viver, usar as cascas de frutas e verduras para produzir composto orgânico e deixar que os micro-organismos façam seu trabalho junto com as minhocas e outros bichinhos da decomposição. Manter a arte de prestar *atenção* aos detalhes da vida dos outros e agir a partir dessa atenção numa resposta de *cuidado* com essas vidas. Segundo Haraway (2016) refúgios sustentam a reformulação da diversidade cultural e biológica. Quando estamos cuidando do solo, das sementes, da água, permitindo que outras vidas emergam, estamos, mesmo que em um espaço pequeno diante da grandiosidade do planeta, sustentando a reformulação da diversidade. Restaurar refúgios e fazer com que o Antropoceno seja breve não implica fazer coisas enormes e grandiosas sozinho, mas aprender a compor com, entre humanos e não humanos: restaurar a presença das alianças possíveis em um mundo em ruínas.

Não há quem vá para a horta e não se envolva com alguma planta, com algum cuidado, com alguma parte do que está ali. Existem algumas rotinas que são



importantes, mas não há rigidez sobre o que cada um vai fazer. Se está calor e chove pouco, é necessário regar a horta. Também, sempre existem mudas para serem feitas. Na época de sementação<sup>5</sup>, é necessário estar atento às sementes que já podem ser coletadas e levadas para a secagem. É necessário manter os canteiros com a devida manutenção de adubação, de cobertura com folhas etc. A todo tempo a *atenção* e o *cuidado* estão sendo implicados nas atividades, é preciso poder estar aberto ao que os seres que vivem nesse espaço precisam. Mas também há uma diferença sendo produzida no cotidiano para os humanos. Muitas das pessoas que frequentam a horta relatam se sentirem presentes quando estão ali, com a atenção plena para o que está acontecendo naquele espaço, naquele tempo, sem, muitas vezes, lembrarem dos problemas ou de outras coisas da vida que se vive fora dali. Nesse sentido também podemos usar a palavra refúgio.

---

5 Sementar diz respeito ao tempo em que determinada planta produz sementes. Cada planta possui uma forma peculiar de produção de sementes e os tempos de sementação também são diferentes. Algumas plantas só nascem pelo plantio de sementes, como por exemplo, a cenoura. Não existem mudas de cenoura, por isso é preciso estar atento a sua sementação, que vai acontecer quando se deixa algumas cenouras na terra para que suas folhas dêem flores e, nessas flores estarão as sementes, que após a secagem são armazenadas preferencialmente em vidros limpos e com tampa para o próximo plantio.

**Imagem 19 - Secagem de sementes de mostarda e de camomila**



Fonte: Imagem do acervo da autora (2022).

Ainda, é preciso lembrar que o Antropoceno pode nos colocar em armadilhas, no sentido de que podemos cair em pensamentos de que não há mais o que se fazer diante de um mundo devastado. O Antropoceno, por vezes, convida ao pessimismo e à estagnação. A capacidade de restaurar refúgios passa por não cairmos nas armadilhas do Antropoceno. Para que não caiamos no discurso limitado que apenas alude à catástrofe do Antropoceno, Haraway (2019) propõe o termo *Chthuluceno*. O termo abre o escopo de significações sobre a era em que vivemos, retirando o *Antrophos* do centro e trazendo para a conversa “emaranhados de histórias que conectam seres, espaços e tempos nos processos que fazem da Terra o que ela é” (COSTA, 2018, p. 93). *Chthuluceno* é trazido por Donna Haraway não como um termo alternativo a Antropoceno, Capitaloceno ou Plantionceno; *Chthuluceno* evoca uma diferença em relação aos demais e convida a que outras narrativas possam ser inauguradas, sobre passados, presentes e futuros, para além

das causas e consequências do problema. Deixar emergir e emaranhar-se com os seres que habitam a terra, seres que foram deixados de lado pela narrativa moderna, seres subalternizados como vermes, aranhas, minhocas. Poderíamos pensar em histórias do *Chthuluceno* sendo contadas na Horta, na medida em que, por exemplo, através da compostagem, seres subalternizados, como vermes e minhocas, ganham um papel importante.

Ainda que alguns insumos provenham de fora da Horta, como o composto que é entregue pelo Departamento Municipal de Limpeza Urbana (DMLU), proveniente da compostagem de podas de árvores da cidade, existem algumas práticas de compostagem. Na entrada da Horta, à esquerda, existe uma grande composteira, feita diretamente no solo e que recebe resíduos orgânicos da cozinha (cascas de frutas, legumes, borra de café, casca de ovos, erva mate), bem como alguns restos de poda, ervas que foram cozidas para fazer chá, entre outros materiais orgânicos. Algumas pessoas trazem de casa seus resíduos orgânicos para alimentar a composteira. A vida em uma composteira é movimentada, os vermes, as minhocas, alguns fungos fazem com que o material orgânico se tornem húmus e chorume. O chorume é coletado em baldes, em um desnível de terra que o faz escoar para esses recipientes. O chorume e o composto são usados para nutrir a terra que receberá os plantios. Lembro-me de um momento, no verão de 2022, em que as couves estavam murchas e amareladas. Lurdes, então, pediu que levássemos chorume e misturássemos na água, na proporção de mais ou menos um para dez, e, com essa mistura, regássemos as couves. De uma semana para outra, foi possível perceber a resposta das couves à rega com chorume. Dessa forma, a vida vai se complementando: aquilo que não serviu de alimento para os humanos (cascas, bagaços) vai para a composteira e alimenta vermes, minhocas, fungos e bactérias; o material produzido por esses é levado aos canteiros e servem para nutrir a terra e ajuda no crescimento das plantas, que vão se tornar alimento para humanos, e, assim, o ciclo inicia-se novamente. Vermes e minhocas espalham suas teias de vida para além dos seus corpos e do produto dos seus trabalhos, vão nutrir o solo que nos dará alimento, suas influências estão por toda a parte, inclusive nos nossos corpos humanos. Haraway nos questiona:

Como podíamos pensar en tiempos de urgencia sin los mitos autoindulgentes y autogratificantes del apocalipsis, cuando cada fibra de nuestro ser esta entrelazada en, y hasta el complice de las redes de procesos en los que, de alguna manera, hay que involucrarse y volver a

diseñar. De manera recurrente, lo pidamos o no, el patrón esta en nuestras manos. La respuesta a la confianza a la mano tendida: pensar debemos (HARAWAY, 2019, p. 66).

Assim, com o reconhecimento de que não devemos cair em discursos apocalípticos, e sim nos enredar na teia da formação da vida, vermes, minhocas e fungos ganham um lugar importante no cotidiano da Horta, seja pela reverência ao seu trabalho de criar condições de possibilidade para que a vida vegetal perdure, ou ainda, quando as minhocas e caramujos são contemplados e fotografados por jovens e crianças. Quando as aranhas nos colocam para pensar sobre como agir diante delas ou quando se dá atenção à irritação das formigas, estamos nos enredando com uma forma de estar no mundo e, ao mesmo tempo, criando-o.

Segundo Tsing (2019) as paisagens do Antropoceno sofrem perturbações de maneira muito acelerada. Uma das diferenças entre a perturbação do Holoceno e a perturbação do Antropoceno é a velocidade, assim eu entendo as paisagens urbanas, com perturbações que são extremamente aceleradas, quanto mais urbanizadas, mais perturbadas. Trarei alguns fragmentos nos próximos tópicos para pensarmos sobre refúgios e refugiados na cidade de Porto Alegre, e ainda, sobre as condições de habitabilidade e a desaceleração das perturbações na Horta estudada.

#### 4.4 REFUGIADOS

Anna Tsing argumenta que o Holoceno foi um longo período em que os refúgios, os locais de refúgio, ainda existiam, e eram até mesmo abundantes, sustentando a reformulação da rica diversidade cultural e biológica. Talvez a indignação merecedora de um nome como Antropoceno seja a da destruição de espaços-tempos de refúgio para as pessoas e outros seres (HARAWAY, 2016, p. 140).

Tomo, aqui, as concepções de Tsing (2019) sobre a paisagem, entendendo-a como prática de habitabilidade e de perturbações constituintes da história. Os organismos surgem e fazem suas existências a partir dos encontros, em sua maior parte, inesperados ou não intencionais, mas perturbadores, que redesenham a vida e refazem a paisagem em constância. No entanto, há no Antropoceno uma tendência de simplificação ou de estratificação das paisagens, prejudicando as diversidades, impossibilitando encontros e destruindo espaços-tempos habitáveis por seres humanos e não humanos. Segundo Costa:

[...] não nos parece exagerado afirmar que a desordem ecológica atual, cujas mutações devastadoras vêm causando a aniquilação em larga escala de tantos existentes, pode ser concebida como um acontecimento deflagrador de uma perda generalizada de mundo (COSTA, 2019, p. 57).

Para pensarmos essa perda generalizada de mundo e de espaços-tempos habitáveis, trago um fragmento do meu cotidiano. Eu moro perto da avenida Ipiranga, em Porto Alegre. Nessa avenida, encontra-se o Arroio Dilúvio. A extensão do Arroio é de aproximadamente 12 quilômetros ao longo da avenida Ipiranga, que vai desde a avenida Antônio de Carvalho, até a orla do Guaíba. Atualmente, estima-se que receba cerca de 50 mil metros cúbicos de sedimentos e resíduos por ano, além do esgoto cloacal de três bairros, necessitando de dragagens periódicas. O Arroio Dilúvio desemboca no Lago Guaíba, sendo uma das principais fontes de poluição desse.

Aqui, na parte do Arroio, perto da Rua Santa Cecília, onde moro, venho observando uma família (suponho que seja uma família) de tartarugas que moram ali. Não sei exatamente quantas são, mas vivem em grupo, sendo que já vi três ao mesmo tempo. Por vezes, quando as vejo, estão nadando e, em outras, estão sob o acúmulo do lixo que faz uma protuberância que se sobressai à altura da água, fazendo com que as tartarugas fiquem como se estivessem sobre uma pedra, deixando-as com o corpo emerso, por vezes, apanhando sol nos cascos. Não sei há quantos anos vivem ali, onde nasceram, se ainda se reproduzem, se estão doentes. Sei que, quando as vejo, tenho vontade de chorar. A primeira vez que as notei pensei em telefonar para algum órgão ambiental para que as resgatasse, mas depois retrocedi, com medo de ser ridicularizada. A barbárie ambiental é tão grande que uma família de tartarugas talvez não tenha a menor relevância para um órgão ambiental. Quem sabe um dia eu ainda ligue, informe, mas não mais com a mesma ingenuidade com que tive o primeiro impulso de fazer o telefonema. Assim, como as tartarugas do dilúvio, muitos outros animais vivem em condições precárias na cidade: garças, aracuãs, araras, humanos. Ver um pássaro tomando banho em água de esgoto não é uma cena pouco comum, assim como também não é ver humanos dormindo sob marquises e se alimentando com o lixo produzido por outros humanos. A presença de animais, por vezes silvestres nas cidades, remete ao fato de que a urbanização avança em direção a áreas rurais e matas nativas, áreas em que, quem sabe, a perturbação humana era mais lenta e as chances de sobrevivência eram mais largas. Haraway, trazendo em seu texto o pensamento de Tsing, aponta: “Tsing

argumenta que, en estos tiempos, lo que caracteriza las vidas y las muertes de todos los bichos terranos es la precariedad: el fracaso de todas las promesas del Progreso Moderno” (HARAWAY, 2019, p. 69).

O Arroio Dilúvio é uma retificação humana em um curso d'água. Na cidade de Porto Alegre não houve chance para ele correr sem intervenção humana sobre seu percurso. Pelas suas cheias, que inundavam algumas partes da cidade, foi-se dando contornos ao que fugia do domínio humano, tornando-o o que é hoje. Sua nascente, de água pura, localiza-se no Parque Saint Hilaire, divisa de Porto Alegre com Viamão. Seu deságue, já imundo pelos dejetos que recebe no seu curso, dá-se no Guaíba. Trajeto em que recebe tudo o que pode vir de nossos esgotos humanos imundos. Mas as tartarugas seguem sua vida, adaptando-se, tornando lixo em pedra e sabe-se lá mais quais outras artimanhas encontram para que a vida resista em meio a ruína urbana.

Trago esse pequeno pensamento cotidiano sobre as tartarugas para refletir sobre os refugiados que a aceleração da intervenção humana sobre a terra ocasiona, e que dentro dessa intervenção crescente está o fenômeno da urbanização, também crescente. O arroio, apesar da poluição, parece ser refúgio para essas tartarugas, no entanto, a precarização de suas vidas me parece evidente, não consigo imaginar vê-las sem sentir pena. Seus corpos, muitas vezes cercados de lixo, vão encontrando formas de seguir vivendo, acredito que sem sequer serem notadas por quem ali passa. A partir dessa narrativa, proponho pensar nas diferenças de perturbação que uma horta urbana pode oferecer no sentido de restaurar habitabilidade e diminuir a precariedade da vida para alguns seres, nos termos de Tsing (2019).

**Imagem 20 - Tartaruga em meio ao lixo, no Arroio Dilúvio, Avenida Ipiranga**



Fonte: Imagem do acervo da autora (2022).

#### **4.4.1 Caramujos na horta**

Faz um tempo que os venho observando. Os movimentos são encadeados, como em uma dança. Os olhos ficam na ponta das antenas e o corpo é gelado. Na minha convivência com eles, percebi que, quando o caramujo se sente ameaçado, volta-se inteiro para dentro de sua concha, de onde, aos poucos, ao que parece sentir confiança no que está fora, vai saindo. Quando saem exibem-se em uma dança graciosa. Não raro deixam alguns humanos com sentimentos de aversão. Sempre os peguei com as mãos e sempre pensei em como se sentiam com isso, mas a minha curiosidade não me deixava apenas vê-los com os olhos, parecia que precisava senti-los com o tato. A sensação que eu tinha era a de que eles se agarravam à minha pele e, por vezes, se sentiam confortáveis em contato com as minhas mãos. Muitas vezes, cheguei em casa e fui para o *Google* pesquisar e tentar

entender diante de quem eu estava. Outras tantas, me assustei por ter, quem sabe, pego na mão um Caramujo Africano e, por conseguinte, ter me contaminado com algum patógeno. Perguntei para biólogos, agrônomos, veterinários, para a Lurdes, para o Benjamim, para uma infinidade de pessoas, quem era aquele, porém ninguém tinha muita certeza ao me responder. Alguns afirmavam: “esse é nativo”, outros: “com certeza é exótico”. Depois de olhar milhares de fotos do Caramujo Africano no *Google*, de ler artigos e falar com bastante gente, cheguei a conclusão que se trata de uma espécie nativa, muito parecida com os caramujos gigantes africanos. É uma espécie que não é uma ameaça à saúde humana e que, inclusive, contribui para o equilíbrio das paisagens da Mata Atlântica e, segundo Pecora e Miranda (2014) está ameaçado de extinção e é conhecido popularmente por Aruá do mato. Segundo Miranda e Pecora:

*Megalobulimus paranaguensis* está ameaçado de sobreexploração (informação pessoal do Dr. Luiz Ricardo Lopes de Simone/MZUSP), por causa da degradação do seu ambiente natural e pela sobrematança causada por serem confundidos com o caracol gigante africano *Achatina fulica*. Já há dados que indicam risco de extinção para algumas espécies desse gênero (LEME, 1989; LEME et al., 1990; MANSUR et al., 1996), fato que já foi sugerido por BEQUAERT (1948), por causa da grande destruição das florestas em algumas regiões do Brasil. Recentemente, o esforço para a conservação do gênero tem crescido; acrescenta-se ainda que o mesmo foi considerado espécie bandeira e guarda-chuva da Mata Atlântica (SANTOS, 2011 apud MIRANDA; PECORA, 2014, p. 72).



**Imagem 21 - Caramujo e eu interagindo através da minha mão**



Fonte: Imagem do acervo da autora (2022).

Aqui uma questão se faz presente, qual seria a diferença entre os caramujos que vivem na horta e as tartarugas que vivem no Arroio Dilúvio, já que ambos encontram-se em paisagens perturbadas pela ação humana?

Imagem 22 - Caramujo e eu interagindo através do meu dedo



Fonte: Imagem do acervo da autora (2022).

**Vídeo 1 - Caramujo caminhando na Horta após a chuva**

Fonte: Vídeo do acervo da autora (2022).

Sempre há perturbação nas paisagens, não existe natureza *a priori*, intocada, como muitas vezes acreditamos. A natureza é dinâmica e se constitui dos encontros que vão ocorrendo através dos acontecimentos da história. O que diverge, parece, é o tipo de perturbação que ocorre. Perturbações podem ser múltiplas. O Antropoceno é uma era de perturbações rápidas e intensas. A velocidade aqui importa, a quantidade também. O Holoceno foi um tempo de perturbações lentas. Todas as paisagens se constituem de encontros intra e interespecíficos, encontros esses que vão criando realidades, vão criando mundos (TSING, 2019). Em geral, os encontros criam mundo e não são intencionais. Criar mundo é criar frutos que nascem dos encontros. Os animais ferais que Tsing descreve, o são pelos encontros que os fizeram assim. Feral descreve algo que emergiu por meio de projetos humanos, mas não é ou não pode ser controlado por humanos. Plantas podem, também, ser ferais, quando se tornam “invasoras” e passam a se reproduzir de maneira desenfreada.

Os caramujos habitam a horta porque existem condições de habitabilidade que estão sempre sendo recriadas no espaço: existem alimentos à disposição (hortaliças e outros verdes), existe a terra que abriga seus ovos, existe sombra, existe umidade. Segundo Bellacasa (2017) o grau de habitabilidade de um mundo depende do *cuidado* realizado nele. Quais as dimensões do *cuidado* no Arroio

Dilúvio e na horta? Pensamos e nos responsabilizamos pelas consequências dos atos para os envolvidos, no caso do Arroio? Houve alguma tentativa de uma proposição cosmopolítica, nos termos de Stengers (2015)? Me parece que não. Na horta? me parece que sim.

Outro dia, em agosto de 2022, liguei para a Secretaria Municipal do Meio Ambiente, Urbanismo e Sustentabilidade do município de Porto Alegre, seguindo aquele desejo que relatei anteriormente. Identifiquei-me como mestranda do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural da UFRGS e disse que estava fazendo pesquisa sobre o meio ambiente de Porto Alegre e que gostaria de saber mais sobre as espécies que vivem no Arroio Dilúvio. Me passaram para uma bióloga, e ela me disse que não sabe especificar nem quantas, nem quais espécies vivem ali. Disse, ainda, que sabe que existe um projeto de revitalização, mas que é assunto do gabinete e, que, por enquanto, não existe nenhum órgão responsável pela biodiversidade do Arroio. Segundo Bellacasa, *cuidar* é preocupar-se com a consequência das relações:

Comum a estas visões da ontologia como relacional - nem fixa nem fluida - é a preocupação com as consequências das relações. Com o que é, mais importante para este ensaio, como nos relacionamos afeta a construção de posições e ecologias relacionais (BELLACASA, 2017, p. 2002).

A Horta tem sido um microclima propício aos caramujos. Se o projeto que havia na prefeitura municipal de Porto Alegre, o de passar uma rua em meio onde é a horta que foi narrado anteriormente, tivesse ido adiante, muito provavelmente esses caramujos não existiriam mais. Encontrar condições de habitabilidade é, nos termos em que a terra se encontra, encontrar refúgio. Se houvesse asfalto, não haveria caramujo, essa é a consequência mais fácil de ser pensada aqui, mas outras podem ser imaginadas. Consequências ferais de projetos humanos podem ser pensadas também. Segundo Tsing: “A vida feroz tira proveito da perturbação humana para fazer suas próprias coisas”. (TSING, 2019, p. 16)

Quando se pensa em fazer horta, não é intencional que haja caramujos, os caramujos são uma consequência de uma série de eventos favoráveis a sua existência naquele espaço. E a sua presença desencadeia uma outra série de eventos que não aconteceriam na sua ausência. É na coordenação de vários pontos de vista e de ação que uma paisagem existe (TSING, 2019).

O caminho de perturbação da horta, seus ritmos e sua qualidade, no entanto, parece caminhar na contramão do Antropoceno: paisagem de perturbações lentas, quem sabe perturbações que refazem perturbações holocênicas. Enquanto paisagens urbanas e rurais vêm destruindo habitabilidade para diversas espécies, a horta parece ser um local de refúgio de humanos e não humanos, um lugar de habitabilidade. A diferença entre os caramujos e as tartarugas parece ser o lugar que ocupam na paisagem urbana. Segundo Anna Tsing: “Nós experimentamos a habitabilidade através dos lugares. O Antropoceno está encarnado nos lugares” (TSING, 2019, p. 205). Existem condições mínimas que os lugares precisam oferecer para que as vidas possam continuar. Muitas espécies desapareceram da vida terrestre, pois seus lugares de vida deixaram de apresentar as condições necessárias para a continuidade da habitabilidade desses seres. Ainda existem condições de vida no Arroio Dilúvio, são diversas espécies que ali vivem, em precariedade. Enquanto na horta, o trabalho é de cuidar para enriquecer a diversidade, as intenções com o Arroio não foram essas até o momento.

Lugares também dizem respeito à construção dos espaços, seus *designs* e infraestruturas. Há um projeto pensado por humanos para o Arroio Dilúvio, assim como há um projeto pensado por humanos para a horta. Segundo Mayers:

Os jardins são para mim locais pungentes para a investigação antropológica sobre as várias formas as pessoas encenam relações com as plantas - se estas relações são íntimas, extractivas, violentas, ou instrumentalizantes - o que pode nos ensinar lições importantes (MAYERS, 2017, p. 4).

O *design* do lugar diz sobre como as pessoas estabelecem suas relações com as plantas, se essas são tidas como sujeitos ou são apenas instrumentais para outras funções, ou ainda, as duas coisas ou, talvez, outras possibilidades. Na caracterização do campo e no capítulo em que falo sobre a relação campo cidade, apresento sobre como a Horta se organiza em termos de desenho, ali preza-se pela mistura e interação entre plantas, flores, hortaliças, frutas... também existe um projeto pensado para usar as próprias plantas para tornar o ambiente mais propício a vida dessas, como, por exemplo, usando margaridão e bananeiras como quebra-vento. Alguns animais fazem parte do projeto, como minhocas, joaninhas, abelhas... e algumas escolhas são feitas, justamente, para que eles venham até a horta, como a presença das flores nos canteiros para atrair polinizadores.

No entanto, o *design* do dilúvio não foi pensado para a continuidade da vida de nenhum outro ser, além do humano. Se hoje ali vivem tartarugas, foi um acidente, um escape da vida por entre as frestas do projeto. Conforme diz Tsing, precisamos, se quisermos ainda ter chances, "aprender a ocupar até os espaços mais degradados da vida na Terra" (TSING, 2019, p. 87). Se quisermos ter chances de sobrevivência interespecífica, talvez, tenhamos algo a aprender com as tartarugas do Dilúvio e, mesmo, com os caramujos da Horta. No próximo item, refletirei sobre a horta como refúgio de humanos.

#### 4.4.2 As jovens na horta

Aqui é um refúgio para mim, eu esqueço os problemas que eu tenho lá e fica só eu e as plantas. Depois quando eu volto para lá, voltam os problemas, mas pelo menos de manhã eu fiquei tranquila (Karen, 37 anos, estagiária da horta, trecho retirado do diário de campo, fevereiro de 2022).

Desde que eu conheci a Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro percebo a movimentação de jovens que passam por lá - e alguns ficam como voluntários. Desde estágios, Trabalhos de Conclusão de Curso e voluntariado. As terças-feiras na horta se tornaram, a algum tempo, dias de encontros. A eleição da terça-feira se deu pela história de um grupo de senhoras da comunidade que se reunia na Horta nesse dia, todas as semanas. Algumas delas seguem frequentando o espaço. A partir delas foi instituído o almoço coletivo nas terças-feiras. Para o almoço cada um leva alguma coisa para compartilhar e somando-se tudo, quase sempre, há fartura de comida. As jovens que começam a frequentar a horta quase sempre se agregam ao trabalho nas terças-feiras também. Esse é um dia em que eu e a Cris, da saúde, estamos na horta e, assim também, fica mais fácil acolher as pessoas que vão chegando. Há pouco tempo, Ana, que é uma jovem voluntária que já frequenta a horta há anos, levou uma amiga, Layla. Layla faz psicologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e me relatou sentir-se um pouco deslocada no curso, uma vez que vem pensando bastante nas questões ambientais e de contato com a terra, mas que isso quase não é abordado na faculdade de psicologia. Eu como psicóloga formada na mesma universidade troquei com ela algumas impressões, indiquei algumas leituras e pessoas com quem ela poderia conversar sobre o assunto. No entanto, o que foi mais interessante é que Layla seguiu indo para a horta semanalmente. Além de também levar outros amigos e a família para conhecer o

espaço. Outro dia, perguntei a Layla o que a faz voltar e ela me diz que se sente muito feliz ali; entende que na horta as relações são diferentes do que ocorre no restante da cidade, que há abertura das pessoas em ver e ouvir, em construir de forma coletiva. Ana, por sua vez, diz que frequenta a horta porque quer estar próxima da terra, que gosta de ter um lugar em que possa plantar. Tem planos de ter uma terra própria em que possa viver das atividades que desenvolver, quer ter autonomia em relação à cidade.

As jovens costumam ter um ritmo muito tranquilo para o trabalho: levam chimarrão, tiram fotos, fazem vídeos, tocam violão. Quando eu consigo me contagiar por esse ritmo, me sinto feliz e satisfeita.

Às vezes, o trabalho na horta se dá de forma orquestrada, digamos assim. Várias pessoas trabalhando ao mesmo tempo, em funções diferentes. As pessoas quase não se enxergam, pois o espaço é grande, o sentimento é de que o trabalho está rendendo. Cada um vai fazendo as coisas no seu ritmo, com os seus pensamentos, quando sozinhos, e, quando em duplas ou trios, a conversa vai se intercalando com momentos de silêncio. Há momentos que são de trabalho conjunto, e esses, talvez, sejam os mais interessantes, como é, por exemplo, a separação e catalogação de sementes. Esse é um trabalho que se faz sentado, em volta da mesa, e que exige mais repetição manual do que empenho físico ou mental. Nesses momentos, a sensação é de compartilhamento e a conversa quase sempre flui bastante, para os mais diversos rumos. Quando as jovens estão presentes, nesses momentos compartilhados, a alegria toma conta do espaço: música, risadas, fotos e falas de esperança.

As falas de esperança são muitas vezes sobre construir formas de habitar o mundo diferente do que o capitalismo impõe. As jovens almejam poder ter autonomia sobre o tempo, sobre a alimentação, sobre seus produtos de higiene; possuem crítica ao modelo de exploração da terra e dos animais e relatam encontrar na horta outra forma de viver na cidade. Ana, uma das jovens, sempre está confabulando sobre como pode viver fora do capitalismo, um dos seus desejos mais fortemente colocados é ter uma terra em que a vida possa se reproduzir, sem necessidade de recursos de fora. Ana, sempre muito solidária e compreensiva, parece encenar no mundo o que ela deseja para ele.

A presença das jovens, faz acreditar que a horta pode ser refúgio, lugar de habitabilidade para humanos e não humanos, em meio às ruínas. Nas falas que as

jovens mulheres trazem como justificativa para estarem e permanecerem frequentando o espaço, estão elementos de reconfigurar o mundo e de acreditar nele. Deleuze (1992) coloca que o que mais nos falta é a possibilidade de acreditar no mundo que vivemos, fomos despossuídos por um sistema que nos coloca como espectadores. Nas suas palavras:

Acreditar no mundo é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, nos despossaram dele. Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volume reduzidos [...] É ao nível de cada tentativa que se avaliam a capacidade de resistência ou, ao contrário, a submissão a um controle (DELEUZE, 1992, p. 218).

Em março de 2022 fizemos uma pequena oficina de sabão caseiro na horta. Mariana, Mariane e Elenice possuem experiência em feitio de cosméticos naturais nas suas casas e, a partir disso e da história da horta em oficinas de sabão à base de óleo de cozinha reaproveitado, combinamos essa oficina. O feitio começou pela preparação de um chá à base de alecrim, lavanda e arruda colhidas da horta para servir como solvente da soda cáustica, utilizada para a saponificação. Enquanto o chá esfriava, fomos organizando o restante dos materiais: pesando o óleo e a soda para que a receita saísse como o previsto. Após o chá esfriar, foi juntado à soda, diluindo-a. Em um balde colocamos o óleo que recebeu, então, a solução de chá com soda. Após, o trabalho é manual, em que com uma colher de pau grande, íamos mexendo para que a mistura alcançasse o ponto certo para o sabão. Passamos a tarde toda mexendo a solução no balde, enquanto falávamos de nossas vidas, de relacionamentos, do que achávamos que precisávamos melhorar em nós mesmas. Foi um gesto pequeno, cinco mulheres reunidas, umas mais jovens, outras mais velhas, fazendo sabão, acreditando na potência de lidarmos com nossos resíduos de forma um pouco mais sustentável, suscitando, talvez, pequenos acontecimentos que engendram novos espaços-tempos, segundo Deleuze (1992).

Assim, a horta vai se fazendo, a cada dia, capaz de criar espaços de habitabilidade para humanos e não humanos e de, com o coletivo, criar gestos que ajudem aos humanos a acreditar no mundo, engendrando espaços-tempos outros, que não de acumulação ou competição, mas acolhendo diferenças. Diferenças com que é preciso lidar, não se livrando do problema, como o foi discorrido. Diferenças que acontecem quando sente-se o furor das formigas na pele, quando estamos diante do bote da aranha armadeira, quando é inevitável lidar com a morte de mudas



da estufa por causa do calor extremo, quando testemunhamos a morte do coelho do vizinho, ou, ainda, quando os fungos passam a atacar o hibisco até a sua desapareição. Um exercício de reconhecer constantemente a alteridade de cada um dos viventes desse espaço.

Neste capítulo refletimos sobre a alteridade e os encontros possíveis na horta e sobre a velocidade de perturbação que encontramos, em contraste com um outro ponto específico da cidade, o Arroio Dilúvio. As condições de habitabilidade divergem quando os projetos são desenhados apenas pensando em humanos, como no Arroio, ou quando, como na horta, é condição que outros seres sejam envolvidos, pois é na multiplicidade que a horta é capaz de existir (terra, sementes, bactérias, minhocas, fungos, caramujos), não existe desenho de horta sem abranger encontros interespecíficos.

**Imagem 23 - Oficina de Sabão 1**



Fonte: Imagem do acervo da autora (2022).

**Imagem 24 - Oficina de sabão 2**

Fonte: imagem do acervo da autora (2022).

**Imagem 25 - Jovens na horta**

Fonte: Imagem do acervo da autora (2022).

**Imagem 26 - Jovens na horta 2**



Fonte: Imagem do acervo da autora (2022).

## 5. COMER NA HORTA: RELACIONALIDADES A PARTIR DA ALIMENTAÇÃO

A narrativa dominante sobre os sistemas alimentares coloca o humano como produtor e transformador dos alimentos e comer, a cena final da cadeia, seria uma forma de apenas interagir com matéria inerte, produto das ações humanas, o que Sarah Elton (2019) vai questionar em suas elaborações. No entanto, outras histórias podem ser narradas sobre a capacidade dos não humanos agirem sobre as vidas humanas, Elton coloca que “todos os alimentos estão a agir sobre o humano, causando efeitos, e fornecendo muitas provas de agência não-humana” (ELTON, 2019, p. 6). Exemplo dessa capacidade, dos não humanos interferirem em nossas vidas, vem sendo, há mais de dois anos, televisionada permanentemente, independente da emissora televisiva, bem como jornais, revistas e sites de notícias, ocupam-se do assunto. Em função de um ser que nem sequer podemos enxergar, toda a nossa rotina foi alterada, rituais de limpeza foram inseridos no nosso cotidiano, máscaras tornaram-se item obrigatório ao sair de casa. Chegamos em um tempo em que talvez seja impossível negar que a “natureza” é inerte, precisamos admitir que ela permanentemente se coloca em relação e modifica a “cultura”.

Cultivar na horta tem o sentido de produzir comida, apesar de ter muitas outras conotações, o trabalho na horta é fortemente vinculado à alimentação. Experimentar sabores, conectar-se com aquilo que comemos, para além de uma relação de consumo. Na cidade a comida, basicamente, vem dos supermercados e, segundo Fischler (1995), parece reduzir-se a sua aparência, sempre deixando suspeitas sobre o que contém. Na horta, experimenta-se uma relação com a comida que passa por todos os sentidos e desperta novas *atenções*. Desde o *cuidado* com as sementes, a preparação do solo, o acompanhamento do crescimento das plantas, a colheita e a preparação das refeições. Diferentemente do que estamos acostumados nas cidades, em que a comida é, frequentemente, comprada pronta ou quase pronta, conforme aponta Contreras e Gracia (2004), dizendo que nos últimos quarenta anos, a cultura alimentar dos habitantes das cidades vem se transformando em ritmo frenético, marca das exigências dos ciclos econômicos de grande escala. Além da aproximação com o processo da produção dos alimentos, na Horta existem descobertas sobre novos alimentos, conforme coloca Luana.

Eu já comi muitas coisas diferentes do que eu já tinha comido em toda a minha vida, num espaço curtíssimo de tempo e eu sei que isso é só o começo. O potencial dessa horta é bem legal para a comunidade. Depois de conhecer ela é um dever meu também espalhar isso e tentar...não só o conhecimento sobre as plantas, sobre as PANC que eu to conhecendo mais aqui, mas sobre esse consumo que a gente tem, de só comer alface, tomate e repolho...o resto é comida assim: arroz feijão, massa e carne (Trecho do diário de campo, março de 2022).

Luana, voluntária da horta de 28 anos, mora em um apartamento na Lomba do Pinheiro, que fica muito próximo à horta, porém, faz poucos meses que ela descobriu que ali, perto de sua casa, há o projeto. Luana fala das diferenças que vê naquilo que experimentou em toda a sua vida e no que vem experimentando na Horta em um curto espaço de tempo. Enfatiza, assim, a variedade de gostos que não conhecia.

Para além da discussão sobre a necessidade de pensar a sustentabilidade das cidades nos anos vindouros, podemos problematizar o que as cidades, como hoje concebidas, inserem no cotidiano das famílias e quais as escolhas alimentares são feitas pelas pessoas que ali vivem, conforme coloca Luana.

Os modelos de cidade na modernidade ocidental afastaram as pessoas dos ciclos naturais e, conseqüentemente, da produção dos alimentos. Conforme aponta Machini (2018) o acesso aos alimentos no ambiente urbano dá-se principalmente através dos supermercados, o que leva a uma série de discussões sobre o modelo de produção de alimentos que se distancia dos consumidores finais, seja pela distância física ou mesmo pelo entendimento da cadeia de produção. As alternativas de comidas rápidas ganham espaço, também pela falta de elementos identitários no comer. A praticidade, na falta de outros imperativos, torna-se um marcador importante das escolhas alimentares (FISCHLER, 1990).

O afastamento das sociedades do cultivo e do preparo dos itens que compõem sua alimentação, está diretamente implicado com a industrialização e urbanização. Com a quase totalidade do tempo da vida destinado às atividades de trabalho, pouco resta para que as pessoas possam se relacionar de forma efetiva com a alimentação. Contreras e Gracia (2004) enfatizam que existem numerosas pressões econômicas e políticas para que os comportamentos alimentares das populações industrializadas venham a convergir e se assemelhar entre si, apesar de que, por outro lado, o mesmo argumento seja utilizado em favor da manutenção ou da restituição das cozinhas regionais.

Outro fator que colabora com a perda da dimensão simbólica da alimentação está no afastamento das práticas culturais e religiosas, que, outrora, regiam os tempos da vida e muitas das escolhas alimentares:

A nossa sociedade 'atual', que é mais industrial e assalariada do que agrícola e de subsistência, mais laica do que religiosa, concentrada nos núcleos urbanos cada vez maiores, não segue como antes a pauta dos calendários dos constrangimentos ecológico-climáticos (tempo de lavar, de semear, de colher etc.) nem as comemorações religiosas (Carnaval, Quaresma, Páscoa, Corpus Christi, Todos os Santos). A sociedade urbano-industrial 'secularizou', 'desnaturalizou' e 'desecologizou' as manifestações da vida coletiva. Os ritmos temporais, em função dos horários de trabalho, homogeneizaram-se consideravelmente, da mesma forma que os 'modos de vida', até certo ponto (CONTRERAS, 2005, p. 135).

Segundo Contreras (2005), a globalização é um processo progressivo de homogeneização e perda da diversidade ecológica e cultural, com o paulatino desaparecimento de manifestações e produções de caráter local. Em detrimento das expressões que vão desaparecendo, outras se expandem e se generalizam, dando espaço para que, em qualquer lugar do mundo, se comam coisas parecidas ou idênticas. Nas palavras do autor, "Atualmente, em qualquer país, o essencial de sua alimentação provém de um sistema de produção e de distribuição de escala planetária" (CONTRERAS, 2005, p. 132). No entanto, afirma o autor, os consumidores ainda baseiam suas representações sobre a alimentação na busca por produtos que sejam "naturais".

Na contramão da homogeneização, como aponta Contreras (2005), existem movimentos de valorização e resgate dos produtos vegetais e animais locais, bem como de ingredientes orgânicos. Nas palavras do autor:

De fato, estamos assistindo a uma eclosão da gastronomia, caracterizada pela valorização inédita do fenômeno culinário. Essa eclosão valoriza, simultaneamente, o aspecto hedonista da comida, o estético e criativo, o valor dos produtos e matérias-primas de caráter local e/ou tradicional e o nexos com um território e uma cultura determinados (CONTRERAS, 2005, p. 139).

No caso em estudo, a Horta oferece às pessoas que a frequentam uma diversidade de experimentações, através do paladar, de frutas e hortaliças que não estão nas gôndolas do supermercado, reforçando no sentido da contramão da homogeneização da alimentação, para a qual nos aponta Contreras (2005).

Em janeiro de 2022, começaram a surgir os primeiros melões de São Caetano, que foram semeados em agosto e setembro de 2021. Essa é uma fruta

que chama atenção pela sua forma, já que a casca é cheia de verrugas. O melão de São Caetano nasce de uma planta trepadeira, que vai subindo, agarrado ao que está à sua volta. A fruta, quando está madura, tem uma cor laranja por fora e a parte comestível é a polpa, de cor vermelho forte, que envolve as sementes. No primeiro dia em que se colheu melão de São Caetano, várias jovens estavam na horta. Os frutos foram sendo abertos e compartilhados, sendo comidos com muitas exclamações sobre a beleza e excentricidade das sementes. O gosto foi sendo igualmente narrado pelas pessoas que iam experimentando. Muitos celulares foram direcionados ao melão para registrar e compartilhar a novidade nas redes sociais.

**Imagem 27 - Melão de São Caetano**



Fonte: Imagem do acervo da autora (2022).

Outro acontecimento foi a descoberta do maxixe que, também com aparência exótica para as pessoas que circulam na horta, provocou curiosidade. Várias pessoas, inclusive eu, experimentaram pela primeira vez o fruto. O maxixe, no verão

de 2022, passou a figurar nas saladas que são feitas nos almoços na horta, sendo, frequentemente, comparado ao pepino, ao qual nosso paladar está acostumado. Essas foram duas importantes experimentações gustativas proporcionadas pela Horta, tanto para mim, quanto para as jovens e outros voluntários. Quando, se não na Horta, haveríamos de experimentar tais frutos? Nas redes de supermercado, mesmo as que trabalham com algumas frutas diferentes, como a fisalis ou mirtilo, nunca vi melão de São Caetano.

**Imagem 28 - Maxixe, um dos frutos curiosos**



Fonte: Imagem do acervo da autora (2022).

Os integrantes da horta, assim como, talvez, boa parte da população urbana, estão inseridos num contexto de dúvida sobre os alimentos oferecidos pelo mercado e imersos em uma pluralidade discursiva a respeito e caracterizando um estado de anomia diante da alimentação (FISCHLER, 1995). Segundo Fischler, em entrevista com Goldenberg:

Usei o conceito de gastro-anomia inspirado no que Durkheim escreveu no seu texto clássico sobre o suicídio. Ele mostrou a existência do suicídio



anômico, pessoas em estado de anomia. Faço um trocadilho com a ideia de gastronomia e de gastro-anomia. É um jogo de linguagem para chamar atenção para as dificuldades que as pessoas têm para lidar com a complexidade que se tornaram as práticas e representações alimentares na sociedade contemporânea (GOLDENBERG, 2011, p. 237).

Lurdes sempre coloca que os alimentos que compramos no supermercado “já vêm batizados”, com isso ela quer dizer que o que compramos no supermercado não é puro e existem aditivos químicos que são agregados aos produtos vendidos. Menasche (2009), entre seus interlocutores de pesquisa, encontrou, também, desconfiança sobre a presença de ingredientes *desconhecidos* em produtos vendidos no supermercado. Segundo Menasche:

Aquilo que se come cabe, desse modo, garantir a saúde do corpo. E, para isso, faz-se necessário garantir a pureza do alimento, sua integridade, dada pela ausência de elementos estranhos a sua constituição, comumente adicionados na produção ou processamento industrial (MENASCHE, 2009, p. 204).

A artificialidade que encontramos no mercado nos distancia de estarmos conscientes dos processos pelos quais passam os alimentos até chegarem à mesa, como descreve Contreras:

Atualmente, a artificialidade da alimentação suscita problemas para o consumidor. Produz tanto a ruptura com as regras ancestrais quanto a oportunidade de provocar a evolução no perfil do comensal, como um indivíduo consciente de seu passado cultural, autônomo (livre de suas eleições alimentares na abundância da oferta), responsável (formado pelo conhecimento das características dos alimentos) e promotor de sua própria riqueza alimentar (CONTRERAS, 2005, p. 136).

Goldman (2003) coloca que vivenciamos uma “virada da qualidade”, em que os consumidores estão mais atentos às escolhas e aos riscos que a produção alimentar em massa e as cadeias longas colocam. Passou-se a levar em conta um conjunto de elementos, tais como, transparência, identidade regional, modos de produção que preservam o meio ambiente (GOLDMAN, 2003). Segundo Scarabelot e Schneider:

As cadeias agroalimentares curtas surgem e ganham maior relevância no contexto da globalização e em um momento que as sociedades contemporâneas passam a conviver com o que o sociólogo Ulrich Beck (1995) chamou de “risco sistêmico”, que faz com que os problemas de saúde pública, do meio ambiente e da demografia assumam proporções nunca antes imaginadas (SCARABELOT; SCHNEIDER, 2012, p. 103).

Junto aos meus interlocutores, vejo que o preparo da alimentação é algo que se coloca no cotidiano. As escolhas alimentares que relatam, são perpassadas tanto

pela homogeneização que Contreras (2005) e Fischler (1995) apontam, como preservam características dos saberes aprendidos com os antepassados, o que também é apontado pelos autores. Não raro, alguém traz alguma memória de receitas que a mãe ou a avó faziam, como o caruru refogado, as panquecas de flor de abóbora, a salada de radicci com bacon. Segundo Monteiro (2014), o enfraquecimento da transmissão de habilidades culinárias entre gerações favorece o consumo de alimentos ultraprocessados. As pessoas mais jovens têm tido cada vez menos autonomia em relação ao preparo dos alimentos (2014) No entanto, no que eu observo entre as jovens da horta, essas prezam pelo feitio da própria comida. Já vi, por exemplo, Mariana, uma das jovens, com 24 anos, em uma terça-feira de almoço coletivo, fazendo uma receita de panqueca com flores de abóbora, o que não é muito simples, ao mesmo tempo, ela relembra e revela que aprendeu a receita com a mãe. A comida e as formas de alimentação guardam dimensões simbólicas e culturais, segundo Amon e Menasche “O quê se come, com quem se come, quando, como e onde se come, são definidos na cultura” (MENASCHE, 2008, p. 15). Além disso, muito das escolhas alimentares guardam um vínculo estreito com as memórias de nossos antepassados, com quem começamos a nos alimentar e que, muitas vezes, nos inseriram no universo da cozinha, como é o caso de Mariana que traz para a horta uma receita que aprendera com a mãe.

Ademais, alguns membros do coletivo procuram novos saberes sobre alimentação, no sentido de aproximarem-se daquilo que é natural conforme coloca Contreras (2005), afastando-se dos alimentos ultra-processados, incluindo em suas escolhas plantas alimentícias não convencionais, como a ora-pro-nóbis, a capuchinha, a pulmonária, o hibisco, entre outras. Sobre a pouca diversidade do que encontramos nos mercados, em relação ao que se encontra na horta, Luana segue sua reflexão:

Eu vejo que o jeito que a gente produz o alimento hoje é muito focado nas plantas tradicionais e conhecendo esse espaço aqui eu vi que é muito mais, o que dá para comer, é muito mais plural do que a gente está acostumado e a gente ainda tem muito o que aprender sobre o que dá para comer do que a gente tá acostumado a ver na mesa e comprar no supermercado, alguma coisa dá para cultivar, mesmo tendo pouco espaço (Luana, voluntária da horta - Trecho do diário de campo, fevereiro de 2022).

Conforme dito anteriormente, na horta, todas as terças-feiras, são realizados almoços coletivos. Após o trabalho, perto do meio-dia, começa-se a pensar sobre o

almoço. Para a composição dos pratos utiliza-se tanto alimentos colhidos na hora, como ingredientes não disponíveis, trazidos pelos participantes, como ovos, arroz, farinha de mandioca, feijão e lentilha. Os alimentos colhidos na horta e que compõem os pratos vão variar com a época do ano. No verão colhem-se abóboras, abobrinhas, maxixe, berinjela, hibisco. Já, no inverno, colhe-se couve, capuchinha, pulmonária, limões, bergamotas, laranjas. Outros cultivos são do ano inteiro, como a ora-pro-nóbis. Geralmente, o cardápio é pensado de acordo com o que se tem disponível.

Muitas vezes, entre os coordenadores do projeto, pensa-se sobre a importância dos almoços no sentido de trazer para o cotidiano das pessoas que participam, sejam elas de dentro ou de fora na comunidade da Lomba do Pinheiro, a possibilidade de cozinhar com plantas que não são encontradas no supermercado e que podem ser de fácil cultivo, como a ora-pro-nóbis, a azedinha, o maxixe, o caruru.

Em uma das terças-feiras, tivemos a visita de uma família que vive num terreno ocupado, atrás da horta, nas margens do Arroio Taquara, eles vieram almoçar conosco. Há muito tempo, vínhamos discutindo a importância de trazer essas famílias, das quais o cachorro Simba rouba as galinhas e coelhos, para a horta. Essa, então, foi a primeira vez que Suelen e seus filhos estiveram conosco, compartilhando uma refeição. O convite para o almoço tinha como intenção mostrar à mãe e às crianças possibilidades de comer, incluindo na refeição algumas PANC que são de fácil acesso para a família. Lurdes, que não costuma ficar para almoçar, pois nas tardes têm atividades na creche em que é coordenadora, envolveu-se na cozinha. Assim, foi preparado um arroz com as flores do feijão borboleta, que deu cor azul ao prato. Também foi feita uma farofa com PANC, onde entrou ora-pro-nóbis, caruru, capuchinha, alho nirá, além de ovos cozidos, sendo decorada com flores e folhas de ora-pro-nóbis. Refogamos berinjelas colhidas da horta com sépalas de hibisco, o que deu um toque avinagrado à berinjela. Na salada havia couve, abobrinha, hibisco, ora-pro-nóbis, caruru. O feijão foi trazido pronto da casa de Lurdes, feijão que ela mesmo havia plantado. Ao compartilhar a comida, conseguimos conversar e conhecer mais Suelen e seus filhos, duas meninas, uma de doze e outra de quatorze e dois meninos, um de oito e outro de um ano. Na conversa podemos saber a escola em que estudam, o que gostam de fazer. As meninas pareciam estar bem animadas com a visita, participativas da conversa e

interessadas no que íamos falando sobre a comida. Após o almoço, passeamos na horta, as crianças comeram carambolas e colheram hibisco conosco. Alexandro, uma das crianças, que antes havia torcido o nariz para o hibisco, já estava comendo as sépalas in natura.

**Imagem 29 - Farofa com diversas PANC, decorada com flores e folha de ora-pro-nóbis**



Fonte: Imagem do acervo da autora (2022).

**Imagem 30 - Salada com ora-pro-nóbis, alface, ervilha, caruru, hibisco, moranga**



Fonte: Imagem do acervo da autora (2022).

Segundo Bourdieu, o gosto é “propensão e aptidão à apropriação (material e/ou simbólica) de uma determinada categoria de objetos ou práticas classificadas e classificadoras, é a fórmula generativa que está no princípio do estilo de vida” (BOURDIEU, 1983, p. 2), ou seja, o autor toma a denotação de gosto enquanto conjunto de práticas adotadas por determinado grupo social e o conjunto de significados que essas práticas engendram no corpo social. Existe na Horta e entre os seus frequentadores uma construção social do gosto, nos termos de Seymour (2005), que se dá entre os pares que convivem ali, que cozinham e experimentam sabores novos juntos, mas que, também, possuem elementos identificatórios externos. Para Seymour “o que é capital simbólico valioso em um grupo pode não ter valor em outro, uma vez que as práticas são removidas do habitus específico que lhe confere valor” (SEYMOUR, 2005, p. 11). Uma das pessoas, apoiadoras do projeto, abriu, em 2021, um café no centro de Porto Alegre, chamado Café com PANC. No café, alguns dos ingredientes para os quitutes provêm da Horta Comunitária da Lomba, como o urtigão. No café, procura-se, através da gastronomia, difundir o uso das PANC no dia a dia das pessoas. Os participantes da horta costumam ir conhecer o café e sabem da ligação que os dois possuem. Assim, a cultura e o gosto construído socialmente na Horta, ultrapassa suas fronteiras de várias maneiras, uma delas, através do Café com PANC.

Lurdes, em vários momentos de fala, coloca que estamos em um tempo limite, um tempo em que a dúvida sobre o futuro está posta para todos. Diante disso, segundo ela, a diversificação em relação à alimentação dos habitantes da cidade é algo importante. Não depender das cadeias de produção de alimentos e reaprender a comer vegetais, que por algum tempo esquecemos que poderiam ser considerados comida, como é o caso, por exemplo, da capuchinha, da serralha, do maxixe, do inhame, etc. Como aponta DaMatta (1987), no contexto brasileiro, sabemos o que significa alimento, mas nem tudo que é alimento se torna necessariamente comida, e isso vai depender dos significados sociais atribuídos ao alimento e, ainda, o que é considerado comida, permite exprimir identidades.

Ribeiro, ao estudar a circulação das PANC em feiras de Porto Alegre, traz as seguintes considerações:

[...] o que torna uma espécie PANC ou comida é a cultura praticada. Desse modo, o que é PANC para as/os consumidoras/es das feiras, não o será, necessariamente, para as agricultoras e os agricultores. Algumas dessas plantas são, inclusive, percebidas pelas famílias rurais, interlocutoras deste estudo, como emblemáticas de sua cultura local. Outras constituem base de pratos que trazem à tona memórias afetivas, que se conectam a uma tradição. Existem também aquelas plantas que, quando consumidas, podem marcar posição de prestígio ou desprestígio (RIBEIRO, 2020, p. 7).

Para Lurdes, por exemplo, o caruru é uma planta que esteve presente na mesa desde a sua infância, quando morava na zona rural do Rio Grande do Sul. Ela atribui o uso da planta pela sua mãe à pobreza da família, já que precisavam se alimentar e utilizavam o que podiam para tal.

Segundo Lurdes, ainda, pensando sobre a possibilidade de utilização de plantas de fácil manejo, a capuchinha, considerada PANC pelos participantes da horta, por exemplo, é uma planta que não requer cuidados específicos para poder viver e alimentar pessoas. Mesmo em solos diversos, consegue-se, facilmente, uma produção considerável de capuchinha. O aproveitamento da capuchinha é praticamente integral, já que tanto as folhas como as flores são comestíveis. Diante das mudanças climáticas e da expansão do fenômeno da fome, reaprender a ter autonomia diante da alimentação, assim como aprendeu com a mãe diante da falta, seria, para Lurdes, uma estratégia de sobrevivência que urge ser aprendida por nós, habitantes da cidade, que somos tão dependentes das grandes redes de supermercados para nos alimentar.

Dessa forma, Lurdes coloca sob o olhar dos participantes da horta, também, críticas em relação aos sistemas alimentares hegemônicos, as formas que foram, também, influenciando as formas de alimentação da população e, diminuindo as possibilidades de ver alguns alimentos como comida.

Tsing diz que “as políticas alimentares estão sob observação; sistemas alimentares alternativos estão florescendo. Nós temos uma chance: ocupar a comida” (TSING, 2019, p. 87). Ocupar, segundo a autora, é “dedicar-se ao trabalho de viver juntos, mesmo onde as probabilidades estejam contra nós” (TSING, 2019, p. 87). Viver juntos diz respeito a viver com humanos, sair do apartamento e experimentar a comunidade, nesse caso a horta, mas, também, diz respeito a viver com a diversidade de outros seres que compõem o mundo conosco, entre eles as plantas. Quando Tsing (2019) fala sobre ocupar, ela está falando de ocupar ruínas. Ocupar a comida seria ocupar a ruína dos sistemas de produção alimentar de larga escala, e no meu entendimento, seria também ocupar a cidade com outras lógicas, para além de ater-se às escolhas alimentares que o supermercado oferece. Seria, talvez, encurtar cadeias produtivas a ponto de podermos nos alimentar do que floresce perto de nós, dar lugar para que esses outros (vegetais) possam viver conosco em cooperação, em coprodução de si e do mundo. Para Egger, “é importante que, em todo o mundo, possamos reduzir nossa dependência com relação à cadeia global de abastecimento alimentar, e sentir uma vez mais a íntima conexão que temos com a nossa comida” (EGGER, 2015, p. 96).

No sentido de viver com outros além dos humanos, ocuparmos a comida e colocarmo-nos a pensar sobre ela, além do consumo nos canais de abastecimento das grandes corporações, refletir-se-á no próximo item sobre a vida das plantas e sobre os emaranhados interespecíficos que a complexidade da vida impõe. Veremos os papéis de algumas plantas que, historicamente, se colocam como companheiras dos humanos, nos termos de Haraway (2021), como o caso das batatas, que têm um papel primordial na história da humanidade, e, particularmente, daquelas que têm sido espécies companheiras dos humanos da Horta, especialmente o hibisco.

## 5.1 ESPÉCIES COMPANHEIRAS COMO COMIDA

Emanuelle Coccia (2018) em *A vida das plantas*, traz o seguinte trecho:

A sobrevivência da quase totalidade dos seres vivos pressupõe a existência de outros viventes: toda forma de vida exige que já haja vida no mundo. Os homens precisam da vida produzida pelos animais e pelas plantas. E os animais superiores não sobreviveriam sem a vida que trocam reciprocamente graças ao processo de alimentação. Viver é essencialmente viver da vida de outrem: viver na e através da vida que outros souberam construir ou inventar (COCCIA, 2018, p.14).

Com essa reflexão Coccia (2018) faz pensar sobre a maneira como, nós humanos, somos constituídos por nossas relações com as plantas, além de outros não humanos. Sem elas, o mais elementar da vida dos animais superiores não seria possível. Entre os vários papéis que as plantas exercem aos seres humanos estão a respiração e a alimentação que, por sua vez, constituem-se como formas complexas de relação entre humanos e plantas, em que as últimas, em uma análise apenas de sustentação da vida, oferecem aos primeiros elementos de sua constituição (proteínas, vitaminas, sais minerais) para a sobrevivência.

Para Coccia (2018), a vida é antes um fato vegetal do que um fato animal. As plantas estão em tudo, ou quase tudo, de que precisamos para sobreviver, desde o ar que respiramos, os alimentos que ingerimos, até a madeira do lápis com que escrevemos ou da cama em que deitamos. As plantas estão a todo momento produzindo mundo.

As ciências naturais isolaram as espécies para estudá-las e o entendimento moderno sobre as relações existentes, empobreceu. A história moderna da vida terrestre é uma história de individuação, de ensimesmamentos específicos, de ensimesmamento, principalmente, humano. Para refletir sobre as proposições de Coccia (2018) e sobre as relações interespecíficas, trago o conceito de espécies companheiras de Haraway que afirma que "As espécies companheiras são a regra e não a exceção" (HARAWAY, 2021, p.13). Nessa frase, Haraway (2021) situa a história de simbiogênese da terra, pois para haver vida, as simbioses são necessárias. A simbiose não elimina os atores, eles necessitam-se para que a vida continue. Tudo que existe, existe porque é efeito de uma relação. Segundo Haraway (2021), nada preexiste à relação, a relação é a menor partícula da constituição da vida, os seres constituem-se a eles mesmos e aos outros na história da vida terrestre. Tudo que existe hoje, existe porque as histórias co-evolutivas permitiram.

Viver é viver da vida de outros (COCCIA, 2018) e os humanos não existiriam se as plantas não fizessem, diariamente, em cada encontro entre uma planta e o



sistema corpóreo humano, o exercício de doar as suas propriedades às células humanas. Por outro lado, há marcas humanas importantes na vida das plantas.

As histórias co-evolutivas não são sempre pacíficas, ser espécie companheira não significa ser amigo. Nas palavras de Haraway “*simbiogenesis no es sinónimo de bondad*” (HARAWAY, 2019, p. 163). No entanto, faz-se importante considerar a presença material semiótica carnal dos não humanos no corpo da tecnociência, com toda a sua complexidade histórica.

Tudo está ligado a alguma coisa, mas nenhuma coisa está ligada a tudo. Não são todos os outros que são significantes, mas existem alguns outros com quem fazemos laços co-constitutivos: encontros que fazem diferença. Por esse caminho, então, pergunto-me quais as plantas que se constituem como outridades significantes para a vida humana? E como isso se manifesta na horta estudada?

Uma lista grande poderia ser mencionada aqui, no entanto, me vêm a cabeça algumas espécies que parecem bastante significativas. Entre elas, as batatas, por exemplo, podem ser citadas como uma das espécies que co-evoluíram com a história humana. Pode-se pensar, inclusive, que foi a partir da introdução da batata na Europa que houve energia de trabalho humano suficiente, durante o século XIX, para a Revolução Industrial. Ainda, como perguntam Contreras e Gracia (2004), o que seria das *tortillas* espanholas se não fossem as batatas? Ou ainda o que teria sido da alimentação dos irlandeses ou dos europeus, em geral, sem as batatas?

Como já citado, nem todas as histórias co-evolutivas são pacíficas ou amorosas e não foi diferente com as batatas. O que quero dizer com isso é que a história moderna é constituída, de alguma forma, entre humanos e batatas. A história do Antropoceno não seria a mesma sem as batatas. Os primeiros indícios de domesticação da batata são registrados nos Andes, especialmente na região do Peru e, ainda hoje, é ali que a maior variedade genética de batatas podem ser encontradas. Com a colonização, os europeus levaram batatas para serem cultivadas na Europa, mas muito antes os indígenas andinos já tinham uma longa história de relação com elas. Parece injusto chamar a variedade mais comum de batata, de inglesa. Injusto com os povos andinos, injusto com as batatas que têm uma parte de sua história ocultada pela versão colonial e sua variedade genética reduzida. Assim como fazemos com todas ou quase todas as espécies vegetais, muito pouco sobre a vida das batatas foi levado a sério, ou seja, muito pouco se pôde se dizer sobre a vida das batatas, para além da condição de servir ao humano.

Humanos domesticaram batatas, mas também, num movimento de dupla captura, foram domesticados e tiveram sua história escrita em conjunto com o que as batatas foram capazes de oferecer.

Neste mundo, no entanto, existem outros mundos (ou outras ontologias) que colocam as plantas em condições diferentes das que nós as colocamos, como conta Joana Cabral de Oliveira (2020), em sua pesquisa, em que mostra como os Wajãpis e as mandiocas se co-constituíram ao longo dos anos. Co-constituição que é produto de longa e íntima convivência entre humanos e mandiocas, mas também de um emaranhado que envolve formigas, polinizadores, luz, nutrientes, entre outros. Assim, no relato de Oliveira (2020), os humanos agem sobre as mandiocas e as mandiocas agem sobre os humanos. Segundo os Wajapis, na voz de Oliveira (2020), as mandiocas seduzem as mulheres para que elas sigam plantando e ampliando sua diversidade, além de outras capacidades de ação que elas têm sobre os humanos. Os ritmos de vida Wajapi acompanham os ritmos de vida das mandiocas e vice-versa.

Como batatas e humanos puderam se afetar e ser afetados uns pelos outros, transformar-se uns com os outros? Há muito que os nutrientes da batata ocupam lugar na fisiologia humana e fornecem energia para que humanos façam coisas humanas, como a Revolução Industrial, o acúmulo de riquezas, o neo-extratativismo. Por esse ângulo, podemos dizer que as batatas são aliadas do homem moderno. A história da Revolução Industrial, a história da colonização do continente americano, e outras histórias, não são apenas humanas.

Recordo-me de algumas espécies de batatas que são cultivadas na horta: batata cará, batata doce branca, batata yacon, batata doce roxa, batata crem. Na horta existe reconhecimento de que batatas não são uma única espécie, uma multiplicidade de batatas são cultivadas. Reconhecer que existem batatas para além das inglesas pode ser uma história de justiça com as variedades que foram sendo deixadas de lado na história. Esse “deixar de lado” é, também, uma história da redução da biodiversidade no mundo, uma vez que apenas alguns cultivos foram ganhando espaço no mercado, enquanto outros foram sendo esquecidos e até mesmo desaparecendo da vida terrestre.

Para Lurdes as batatas inglesas são as que mais pedem cuidados: “*o solo precisa estar bem adubado*”. Pela dificuldade com a batata inglesa, optou-se por não cultivá-la na horta. Já as demais batatas citadas, cultivadas na horta, são mais

independentes e requerem menos cuidados humanos. A horta talvez seja um local em que a habilidade de responder de modo responsável às batatas possa ser um pouco mais digna do que, quando, por exemplo, elas são cortadas, ensacadas e congeladas na indústria e chegam em nossas casas quase que como um objeto a ser comido, sobre o qual nada ou quase nada sabemos.

Na horta, no entanto, pensa-se sobre o que as batatas precisam para crescerem: *“Os canteiros devem ser altos e fofos, assim se desenvolvem bem”*. *“Depois que chove é preciso recolocar terra que foi escoada com a água da chuva para que elas (as batatas) não fiquem à mostra, fora do solo, quando estão completamente dentro da terra elas crescem mais.”* (Lurdes) As batatas-doces são menos exigentes, mais valentes, segundo o ponto de vista de Flávio, elas aguentam bem o calor e a falta de chuvas. Na horta, observa-se todo o ciclo das batatas, ano após ano. Quando elas são colhidas, retira-se algumas ramas para o novo plantio, dando origem a um novo ciclo. Diferentemente do que a indústria faz, alienando o consumidor do processo produtivo, na horta a atenção dos humanos está voltada para todo o ciclo. Há compromisso em manter a vida das diferentes espécies, cuidando do que se faz necessário para o próximo plantio, para que não se perca a diversidade das batatas ali cultivadas. Na horta ou fora dela, as batatas seguem com papel importante na vida humana, sendo muito versáteis para a preparação de receitas, as batatas seguem dando energia aos humanos para seguirem fazendo coisas humanas. No próximo item pensarei sobre outra espécie que figura como companheira dos humanos, nesse caso, mais específico, para os humanos da Horta. O hibisco não é um não humano que figura de forma forte como as batatas figuram para toda a humanidade, mas para essa experiência localizada, ele tem sido importante e circula de modo a fazer circularem pessoas, saberes e fazeres na Horta. Como escreve Elton (2019), falando sobre a relação mais que humana que existe e pode ser vista quando estamos a comer ou preparar um prato: *“Aplicar uma perspectiva relacional ao cozinhar: a galinha capturada no Instagram é verdadeiramente a criação do chefe de cozinha que a cozinhou ou poderá ser uma colaboração multiespecífica?”* (ELTON, 2019, p. 11).

## 5.2 HIBISCO COMO ESPÉCIE COMPANHEIRA DOS HUMANOS DA HORTA

Dentre as espécies que podem ser pensadas como companheiras dos humanos da Horta está o hibisco (*Hibiscus sabdariffa*). Há mais ou menos oito anos, o hibisco tem um lugar importante na Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro. Todos os anos, começa-se a semeadura por volta de agosto ou setembro e cuida-se de todo o processo até a colheita, em fevereiro, março, abril e maio. Em junho, os últimos hibiscos são colhidos, mas já não é mais possível secá-los dada às condições climáticas impostas no Rio Grande do Sul, uma vez que o hibisco precisa de sol e calor para não mofar e o clima sul-rio-grandense é úmido e frio no inverno. Com o frio um fungo vai se proliferando nos pés de hibisco e, inevitavelmente, eles morrem. Nos últimos meses de colheita, como já não conseguimos mais secar, ele é usado na horta para o feitiço de geleia.

O hibisco é cuidado coletivamente pelas pessoas envolvidas na horta. As sementes são armazenadas de um ano para o outro. A semeadura é feita, primeiramente, em caixas coletivas: várias sementes são lançadas em caixas grandes, devidamente furadas para o escoamento da água e preenchidas com composto orgânico. Quando as mudas atingem cerca de 4 centímetros de altura, são mudadas das caixas coletivas para caixas (de leite) individuais, onde vão se desenvolver um pouco mais, até o momento de irem para o chão. Algumas, todavia, são semeadas diretamente no solo e quando atingem um tamanho de mais ou menos 10 centímetros já podem ser mudadas para o local definitivo. Para receber as mudas de hibisco, a terra precisa estar bem adubada. Após o transplante, cobre-se o solo com folhas secas ao redor da planta, para maior conservação de umidade no solo. Os hibiscos precisam ser bem irrigados e constantemente precisa-se renovar a camada de adubação. Os frequentadores da horta conhecem a importância que a planta possui para o espaço e destina, assim, atenção tanto na época do plantio, quanto da colheita. O hibisco traz uma dinâmica de regulação do tempo para os humanos da horta: está no tempo de semear, está no tempo de transplantar, não podemos esquecer de adubar, precisamos colher antes que chova, etc. Como ele é plantado em grande quantidade, ele passa a regular, durante a semeadura e a colheita, o que as pessoas fazem na horta. Não há quem vá à horta, nos meses de colheita do hibisco, que não se envolva com ele. Segundo Flávio, é interessante notar como os frequentadores da Horta já conhecem os processos do hibisco, diferente do que acontece com outras plantas: *“na época da colheita, as pessoas vão chegando, já pegam as ferramentas e vão para os canteiros colher”* (Flávio).

O hibisco tem sido fonte de renda para o espaço, conjuntamente com a venda de mudas. Pode-se dizer que o hibisco já é uma tradição na Horta e inclusive um símbolo, muita gente vai até o espaço para adquiri-lo. Segundo Schmitt, que estudou processos de aprendizagem na Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro: “o hibisco é não humano famoso no território da Lomba do Pinheiro” (SCHIMITT, 2020, p. 163).

A primeira vez que me deparei com a planta do hibisco foi na Horta, ainda antes de eu ser uma trabalhadora do local, quando realizamos o pré encontro regional de grupos de agroecologia, etapa Porto Alegre (pré ERGA – Porto Alegre). Esse foi um encontro preparatório para o Encontro Regional de Grupos de Agroecologia da região sul, que aconteceu em Maquiné, no final de abril de 2019. Antes do encontro, vários municípios organizaram encontros preparatórios com os atores da rede agroecológica do município e a Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro sediou o evento em Porto Alegre.

Nesse dia, várias atividades programadas foram realizadas em grupos de trabalho, de acordo com as necessidades da horta, e, concomitantemente, os participantes podiam aprender e trocar conhecimentos agroecológicos. Dentre os grupos de trabalho, eu fiquei com as pessoas que colheram hibisco e tiraram as sementes para posterior uso/venda dos frutos e estocagem das sementes para a próxima safra. O hibisco exerceu sobre mim um poder de sedução desde esse dia. Aquilo que parece flores, são frutos e têm uma estética que me hipnotiza. Frutos parecendo que modelados em cera, têm uma textura muito peculiar ao toque. Ainda, a atividade de separar a semente dos frutos é uma daquelas atividades que se faz em partilha, várias pessoas sentadas ao redor de uma mesa, fazendo um gesto repetitivo com as mãos e conversando sobre a vida.

**Imagem 31 - Hibiscos maduros**

Fonte: Imagem do acervo da autora (2022).

Pensando com Haraway (2009) o hibisco parece estar se tornando uma espécie companheira da horta, uma vez que existe uma história, ainda que curta, de co-evolução entre o hibisco e os humanos que frequentam o espaço. Quem sabe que história a horta e seus humanos teriam sem o hibisco? Ao mesmo tempo em que existe uma história do hibisco sendo construída pela horta, já que ele não seria conhecido da mesma forma que é entre essas pessoas, não protagonizaria receitas e não daria tantos frutos se não houvesse uma ação de humanos com eles, existe uma história complementar da Horta sendo construída pelo que o hibisco oferece aos humanos ali presentes. Parece ser essa uma história de humanos e plantas aliando-se às práticas de criar conjuntamente mundos co-constituídos que fazem da Horta possibilidade de refúgio. Cito aqui uma passagem sobre o milho que traz essa co-inscrição de histórias, trazendo elementos para pensar na relação entre hibisco e humanos na Horta:

Nesse longo processo co-evolutivo e, por que não dizer, de co-domesticação, o milho passou a depender dos humanos para poder garantir sua sobrevivência contínua, enquanto estes também passaram a depender dele, assim como muitas outras plantas cultivadas que mudaram a biologia humana e influenciaram importantes transformações sociopolíticas e culturais. Neste sentido, o processo de domesticação não é unidirecional, forjado pelo excepcionalismo humano que molda uma natureza antes selvagem (INGOLD, 2000) Podemos perceber, ao contrário, que nas interações entre humanos e cultivares ambos são constituídos e transformados, afetam e são afetados (LIMA, 2020, p. 249).

Assim como na reflexão sobre o milho que passou a depender de humanos para sua sobrevivência contínua e com isso teve condições de possibilidade de também alterar a biologia humana, entendo que os hibiscos e os humanos na horta se relacionam de forma similar, assim como humanos e outros vegetais.

Segundo Flávio, o hibisco veio para a horta há oito anos, através da Lurdes que trouxe sementes de um agricultor agroecológico da região extremo sul de Porto Alegre. Nessa caminhada da horta com o hibisco também houve papel importante dos professores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), apoiadores da horta, Ingrid e Wiest. Segundo Lurdes, Ingrid levava as sementes do hibisco para secar na UFRGS, onde tinha equipamentos ideais para a secagem das sementes e isso colaborou para que a cultura se tornasse tão importante para a Horta. Outro fator citado pelos interlocutores é que, como o professor Wiest orientava alguns trabalhos sobre as propriedades medicinais do hibisco, as conversas sobre ele ficaram mais frequentes. Quando pergunto ao Flávio como ele vê o hibisco, ele me diz o seguinte:

É uma planta que em função das conversas sobre ele, de toda a dinâmica de colheita em mutirão, depois o grupo que tem que estar descascando, tem todo um processo terapêutico por trás, do cultivo e da colheita. Ele virou uma planta símbolo da horta, um carro chefe, em função da venda do chá seco, entra um recurso para a horta. E as pessoas se apropriaram, na época da colheita, as pessoas já vem, já pegam o material para colher o hibisco, já trazem para cá. As pessoas aprenderam o manejo, o que tem que fazer, é uma planta que tá incorporada na cultura nos cultivos da horta, conhecida, falada, as pessoas sabem lidar com ela (Trecho do diário de campo, fevereiro de 2022).

É na dinâmica entre solo, sementes, pessoas, cuidado que se dá na Horta que a vida do hibisco sustenta-se. Se for época de colheita, sempre se sabe o que fazer. Pegar uma faca ou podão, uma bacia e sair pelos canteiros para a colheita. Também há quem fique em volta da mesa, descascando o hibisco e conversando.

Descascar envolve a separação da bolsa que envolve as sementes, em formato de caroço, das sépalas, que são a parte externa do fruto de cor vermelho forte.

**Imagem 32 - separação das sementes da fruta do hibisco**



Fonte: Imagem do acervo da autora (2022).

O hibisco está descrito no Guia de identificação de Plantas Alimentícias não Convencionais no Brasil (KINUPP; LORENZI, 2021) como nativo da África. É uma planta da família das Malváceas, de ciclo anual e pode ser cultivada pela sementeira ou por estaquia (KINUPP; LORENZI, 2021). Quando se pesquisa artigos científicos sobre o hibisco, inúmeros são os resultados descrevendo seus potenciais usos farmacológicos. Suas propriedades medicinais são bem descritas pela literatura e entre elas está a capacidade do hibisco de reposição de eletrólitos ao organismo humano, atuando como um isotônico natural. Também é diurético, atua controlando



a pressão arterial, pode ser usado como auxiliar no tratamento de doenças do fígado, entre outras propriedades. Segundo Almeida:

A família Malvacea, segundo pesquisas realizadas in vivo, in vitro e testes clínicos, apresenta em sua composição compostos polifenólicos e estes auxiliam em quadros de síndrome metabólica, obesidade, dislipidemias, hipertensão arterial entre outras (ALMEIDA, 2017, p. 5).

Além das propriedades medicinais, o hibisco é apreciado na cozinha da Horta, podendo dele se fazer chá, geleias, sucos, frisantes e pães. Tanto as folhas como os frutos são utilizados. As receitas com hibisco são inúmeras, porém a forma como ele é mais frequentemente preparado é como chá. Sempre que está na safra, as reuniões que acontecem no espaço contam com o chá do hibisco. Os frutos podem estar secos ou frescos e misturados à água vão para o fogo, geralmente em uma panela grande. Após alguns minutos de fervura, ele está pronto para o consumo. A panela é levada à mesa e serve-se o chá com uma concha.

**Imagem 33 - Chá de hibisco feito na Horta**



Fonte: Imagem do acervo da autora (2022).

As folhas são usadas algumas vezes nos almoços de terças-feiras. Ela pode ser acrescentada no arroz, na omelete, na farofa. O arroz também pode receber os frutos do hibisco e, assim, ganha uma cor avermelhada e um toque cítrico, deixando o prato nutritivo e saboroso.

A geleia de hibisco é feita com os frutos colhidos tardiamente, já que esses já não são mais possíveis de secar pelas condições climáticas que o inverno porto-alegrense coloca, já que o hibisco necessita de calor para a secagem. Assim, precisa-se aproveitá-los *in natura*, nesse momento faz-se oficinas de geleia de hibisco, em que a geleia é preparada coletivamente para que as pessoas aprendam a fazer e reproduzam em suas casas.

Em abril de 2022 aconteceu a uma edição da oficina de geleia de hibisco na horta e pelo sucesso que foi a primeira, em maio de 2022 foi realizada a segunda edição, fechando o ciclo do hibisco no ano. Em 2022, como pode-se notar, as oficinas foram mais cedo do que o comum, geralmente feitas em junho. Foi assim porque nesse ano o clima esfriou mais cedo, fomos observando que em abril começou a aparecer o fungo que vai fazendo com que a planta de hibisco morra, então antecipamos as oficinas. Não são os humanos que determinam o tempo, mas o clima e os indicativos que a própria planta dá sobre seu ciclo de vida.

As duas oficinas foram ministradas por uma voluntária da horta, Dona Neli, que, em 2022, tem 80 anos. Neli é bastante criativa com as receitas que ela mesmo elabora com os cultivos que tem em casa e com aqueles que é possível ter acesso através da horta.

As oficinas consistiram em um feitiço conjunto da geleia, desde a colheita dos frutos, até o envase da geleia. Num clima descontraído, entre várias mulheres que estiveram presentes nos encontros das oficinas, a geleia foi sendo produzida de forma tranquila, guiada pelos conhecimentos de Dona Neli. Com fogo no fogão a lenha, que fica ao lado da casa da horta, o hibisco, após a colheita e lavagem, foi levado a uma panela grande, sem retirar as sementes. Segundo Dona Neli, é a semente do hibisco que vai dar a textura gelatinosa para a base da geleia já que é rica em pectina. Após a fervura e o descolamento das sementes, pela ação do calor, separa-se o caldo, com uma peneira grande. O açúcar é adicionado ao caldo gelatinoso e segue-se a fervura até alcançar o ponto de geleia. Depois de esfriar o doce, vai para potes de vidro e são levados para a casa das pessoas que participaram da oficina. Os dois momentos de oficina foram muito interessantes do

ponto de vista das relações tecidas na Horta. Pessoas chegaram pela primeira vez por causa da oficina e outras retomaram a sua ida ao espaço no primeiro dia da oficina, como foi o caso de dona Celnira. Nos dois encontros, a continuidade entre os hibiscos e as mãos das mulheres envolvidas no preparo, foi elemento que se fez presente a todo o momento, desde a colheita, até o envase da geleia. Através da oficina, também, o hibisco conseguiu alcançar lugares para além da horta, como a casa da professora Renata Menasche, orientadora desse trabalho, fato que, tenho certeza, mobilizou outros humanos a falarem sobre hibisco, para além do espaço da Horta.

**Imagem 34 - Dona Neli mexendo com colher de pau a preparação da geleia**



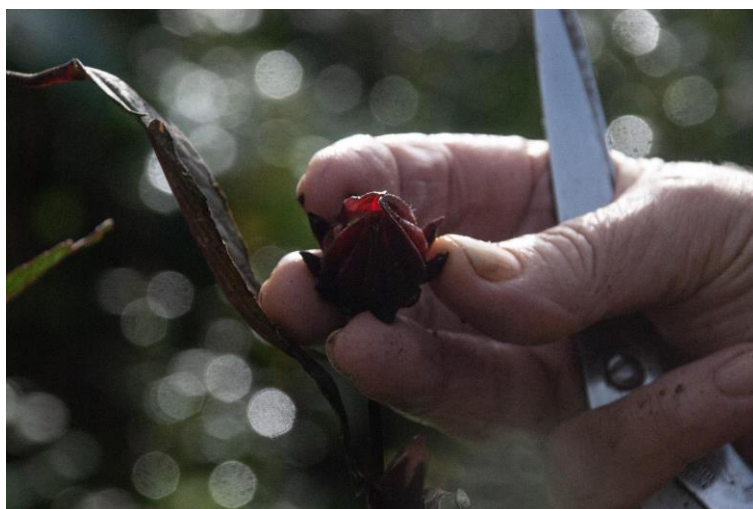
Fonte: Imagem do acervo da autora (2022).

**Imagem 35 - mãos de Dona Teresa lavando os hibiscos**



Fonte: Imagem do acervo da autora (2022).

**Imagem 36 - Mão da Dona Celnira colhendo hibisco**



Fonte: Imagem do acervo da autora (2022).

**Imagem 37 - Dona Celnira mexendo com colher de pau a preparação da geleia**



Fonte: Imagem do acervo da autora (2022).

Até chegar ao momento do feitiço da geleia, foram meses do coletivo de humanos, solo, sol, água, bactérias, dedicados à vida dos hibiscos. Nos dias das oficinas preparar o fogo, colher os hibiscos, lavá-los, uma série de práticas coletivas que precisam ser coordenadas para que a geleia seja possível. Podemos, na oficina, ver mulheres e plantas criando mundos juntas, em cooperação, as mãos e os hibiscos se colocam em continuidade. Existem, ainda, saberes das mulheres mais velhas que vão sendo passados às mulheres mais jovens. Nesse momento, o das oficinas, parece ser a finalização do ciclo do hibisco anual, em que ele passa de ser cuidado à ingrediente e transforma-se em comida, quando a geleia é finalizada, embalada e levada para a casa das pessoas para ser consumida. O hibisco na horta, assim como as batatas no mundo, escrevem histórias junto com humanos. Poder narrar essas histórias não sendo apenas humanas, mas dando lugar para que esses não humanos possam ter protagonismo é algo importante para esse trabalho, bem como demonstrar as formas de *atenção* e *cuidado* que são despertadas pela relação entre humanos e outros seres, nesse caso hibiscos.

### 5.3 COMER NA HORTA E DA HORTA: DISCURSOS SOBRE A POLITIZAÇÃO DO COMER E A VALORIZAÇÃO DO RURAL

Um *boom* culinário e gastronômico aconteceu no final de século XX, associado à valorização da cozinha como arte e que, em composição com a

homogeneização da alimentação, em que em grande parte do mundo é possível encontrar os mesmos produtos, há uma nostalgia em relação ao passado e uma valorização dos produtos locais (CONTRERAS, 2005). Também, a alimentação passa a ser expressão de um imaginário positivo sobre o rural, principalmente entre os moradores urbanos, “revelador de diluições e redefinições de fronteiras entre campo e cidade” (MENASCHE, 2018, p. 134).

Barbosa (2009) traz uma genealogia das práticas alimentares quando analisa os vários discursos presentes na sociedade acerca da alimentação. Discursos que vão se objetivando em práticas ao longo dos tempos e subjetivando-nos. Numa mesma garfada, podemos analisar, sob ângulos distintos, os diferentes discursos que compõem o campo semântico da alimentação na atualidade (BARBOSA, 2009). Estamos, segundo Barbosa (2009), entre vários discursos alimentares: a ciência dissecou os alimentos e transformou comida em “nutrientes” através da “medicalização da alimentação”, uma prática entre a medicina e a nutrição e que, a todo o momento, nos prescreve o que é ou não funcional para o organismo humano. Ao mesmo tempo, a “saudabilidade” concorre nesse cenário discursivo contemporâneo com preocupações ambientais e de sustentabilidade, implicadas nas práticas alimentares, com variações de apelos mais ou menos fortes contra a exploração animal, contra a exploração das pessoas na cadeia produtiva e contra a exploração da natureza. Da mesma forma, há discursos de valorização das práticas “tradicionais”, do campesinato e dos povos originários e de “volta às origens”, que caminham na contracorrente da globalização da alimentação. Tudo isso compõe o imaginário social acerca da alimentação contemporânea. Comer passou a implicar posicionar-se diante de questões bem mais amplas do que o próprio prato.

Comer, assim, deixa de ser apenas uma prática privada, familiar, passando para a esfera pública, ganhando um status macropolítico (BARBOSA, 2016). Um campo embutido de moral (SASSATELI, 2015), o comer pode, inclusive, ser concebido como posicionamento político (BARBOSA, 2009). Além disso, as escolhas relativas às práticas alimentares trazem consigo, hoje, talvez, mais do que nunca, uma dimensão que aponta para o estilo de vida e identidade. Não raro a frase “comer é um ato político” é proferida nas conversas que se tecem na Horta

As percepções sobre a alimentação na Horta são permeadas tanto pela “saudabilidade” da alimentação, colocando a alimentação orgânica como fonte de saúde e protetora de doenças, como também está presente, em algum grau,

principalmente entre as jovens, uma idealização sobre o mundo rural. Nos discursos que eu escuto, elas trazem a volta ao campo como uma possibilidade de solução para a vida das cidades e, também, como forma de manter uma vida mais autônoma em relação ao sistema capitalista.

Algumas pessoas que foram voluntárias da horta em anos anteriores, hoje são moradoras do espaço rural. Alguns migraram para o município de Maquiné no estado do Rio Grande do Sul, outros, ainda, para o interior de Garopaba no estado de Santa Catarina. Essas pessoas constituem espaços de interlocução com os atores sociais que compõem a Horta hoje. Quando estão em Porto Alegre, visitam a Horta, havendo um sistema de retroalimentação entre os espaços privados dessas pessoas no rural e as práticas da horta, com trocas de sementes, mudas, relatos de experiências e, inclusive, ida de pessoas da Horta para as propriedades desses amigos, para colaborar nos seus cultivos. Flávio que é trabalhador da Horta, frequenta as propriedades rurais dessas pessoas que eram voluntárias para ajudá-las no manejo dos seus espaços. Ele também expressa esse desejo, o de voltar para a vida no espaço rural:

Temos que voltar para a terra de forma agroecológica, não adianta continuar com o sistema que tá acabando com o ambiente. Mas existe, tem muita gente que tá buscando essa volta. Ter seu sítio, um espaço mais natural, com seus cultivos, mas até que ponto essa busca, essa parcela da sociedade que tá buscando isso, de forma natural, respeitando a natureza, até que ponto isso consegue se contrapor ao sistema que tá ai forte ainda, acabando com quase tudo, é uma dúvida que fica... Eu tenho um projeto meu de voltar a morar, de repente até em Maquiné (Trecho do diário de campo, fevereiro de 2022).

Acredito que parte da implicação dos membros da Horta com a possibilidade de produzir e consumir alimentos orgânicos, além da possibilidade de acompanhar o processo da vida das plantas que serão alimento, está implicado diretamente com a crítica ao consumo que carrega em si formas de exploração, humana e não humana. Além de também estar implicado com o compromisso de pensar o que está sendo apagado de nossa memória com a homogeneização da alimentação. Existem posicionamentos éticos e políticos que regem os discursos produzidos ali, como a alimentação livre de veneno, a não exploração de animais, o comércio justo. Segundo Sassatelli:

Diversas formas alternativas de consumo alimentar e seus discursos raramente referem-se apenas ao que se come: estão inseridos num contexto de questões mais amplas, implicados com noções de justiça,

propriedade, natureza, saúde, etc., que funcionam como códigos para justificação prática de ações (SASSATELLI, 2015, p. 19).

As motivações que levam as pessoas à Horta são distintas, há quem vá pela possibilidade de convivência com outros humanos e com as plantas, sem necessariamente uma crítica construída sobre os sistemas agroalimentares. No entanto, muitos possuem essa postura de buscar alternativas alimentares, que não passem pelas redes de supermercados e pela exploração de humanos e não humanos. Nas refeições elaboradas não são utilizadas carnes, a maioria dos participantes são vegetarianos, por possuírem críticas às formas que o mercado de carnes se coloca diante da vida dos animais e do planeta como um todo, como é o caso de desmatamento de florestas para a criação de animais de corte.

Os vegetais da casa de Ana, por exemplo, são provenientes da horta ou da feira orgânica do Bom fim, nenhum item *in natura* é comprado nas grandes redes de supermercados. Essa é uma postura comum entre as pessoas que compõem o grupo de voluntários da horta. Para Elton (2019) saudável é um conflito de tudo o que acontece ao longo da cadeia alimentar, entre as sementes e o solo, os insetos e o hidrológico, os nutrientes que circulam nos ecossistemas, o sol, e assim por diante. Essa complexa teia que descreve Elton (2019) sobre a concepção de saudável desde uma perspectiva pós-humanista parece estar colocado para alguns interlocutores do campo, na medida em que não apenas os nutrientes são levados em conta na alimentação, mas também os processos de produção dos alimentos, a relação que se coloca entre pessoas e cultivos, o cuidado com a saúde do ecossistema, a capacidade de ouvir pessoas, animais, solo, plantas, chuvas, ventos, temperatura e tudo o mais que se coloca entre o que é colocado na terra e o que vai para o prato.

#### 5.4 OCUPAR A COMIDA: PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS NO FIM DO MUNDO

Retomando a proposição de Tsing (2019) de ocupar as ruínas, ocupar a comida, ocupar as cidades, proponho aqui pensar sobre as Plantas Alimentícias Não Convencionais como espécies companheiras dos humanos para essa ocupação, para uma cooperação entre humanos e plantas. Como dito anteriormente, o uso das PANC na horta é corrente, bem como os discursos sobre a possibilidade de imaginar



futuros em que elas possam ser nossas aliadas, uma vez que, em geral, são espécies resistentes às diferentes condições climáticas e que, muitas vezes, nascem de forma espontânea, sendo, muitas delas, de fácil manejo. Segundo Kinupp e Lorenzi (2021):

Muitas plantas são denominadas “daninhas”, “matos”, “Invasoras”, “infestantes”, “Inços” e até “nocivas”, apenas porque ocorrem entre as plantas cultivadas ou em locais onde as pessoas “acham” que não podem ou não devem ocorrer. No entanto, muitas dessas espécies massacradas com pisoteio, com foices, enxadas, terçados, tratores e com os recentes (na história humana e na história da agricultura, mas atualmente onipresente) herbicidas, são espécies com grande importância alimentar. Contudo, desconhecidas ou negligenciadas por grande parte da população, e, inclusive pelos órgãos de fomento, de Ensino, de Pesquisa e Extensão e pelos Ministérios oficiais, enfim do poder público. Ou, ao menos, muito pouco tem sido feito nesses 500 anos pós-conquista para conhecermos efetivamente e usarmos este potencial (KINUPP; LORENZI, 2021, p. 13).

Kinupp e Lorenzi (2021) descrevem, na introdução do Livro das PANC, antes de descrever o que são as Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC), um universo de plantas que passam, muitas vezes, despercebidas pelos olhos humanos, ou, se percebidas, colocadas em um universo descritivo como indesejadas, mal vistas. O que, talvez, seja novidade é que tudo isso que tem sido demonizado pela agricultura tradicional, em geral, possui propriedades nutritivas e medicinais importantes. Muitas delas, de alto teor nutritivo, são plantas que demandam muito pouco cuidado e resistem a diversas condições climáticas, tornando-se abundantes quando cultivadas. Porém, além de serem potenciais cultivos, são também plantas que, em sua maioria, nascem de forma espontânea e podem ser encontradas em beiras de estradas, em terrenos abandonados, mesmo dentro das cidades. Segundo Ranieri, o cultivo das PANC por agricultores:

[...] ajudam a aproveitar áreas antes improdutivas; por possuírem exigências sazonais distintas, trazem uma oferta maior de alimentos ao longo do ano. Ao optar por espécies mais resistentes, essa oferta é menos afetada por excesso de chuvas ou por ondas de calor ou frio (RANIERI, 2017, p. 8).

Kinupp e Lorenzi (2021) vão cunhar o acrônimo PANC após descrever esse universo de plantas mal compreendidas, numa tentativa de dar conta de demonstrar a riqueza nutricional que temos em plantas que, na modernidade, não consideramos comida, ou que eram consideradas comida e que com o tempo foram perdendo espaço nas mesas das famílias que costumavam consumi-las. No entanto, para ser considerada PANC a planta deve ser potencialmente um alimento, mas não

convencionalmente consumida ou comercializada (RIBEIRO, 2019). Um exemplo disso são as folhas da beterraba, que convencionalmente são descartadas, mas que podem se tornar uma comida saborosa, se refogada. Essa característica da convencionalidade do consumo varia de região para região, aquilo que é PANC no Rio Grande do Sul nem sempre o é, por exemplo, no nordeste. Mastruz é um exemplo de PANC para os gaúchos que não é PANC no nordeste. Outro exemplo é o maxixe, já apresentado aqui, que é estranho aos gaúchos, mas familiar no nordeste brasileiro (KINUPP; LORENZI, 2021). Segundo Ranieri:

Entender a planta em seu contexto cultural nos proporciona, além de usos tradicionais já consagrados, entendimento e respeito a essas culturas, assim como o valor simbólico e de uso. Ainda nos ensina as melhores formas de aproveitar ingredientes, porque se eles são convencionais em algum lugar, é possível que nesta localidade haja várias formas de utilizá-los. É fundamental não desconectar o alimento da sua origem e do seu uso tradicional. Não existe cozinha sem cultura (RANIERI, 2017, p. 11).

Ao pensar sobre o trabalho dos acadêmicos, Tsing (2019) questiona se poderia haver uma antropologia das ruínas e “como isso se relacionaria com as formas de reconstituição histórica e paciente que nos empenhamos em oferecer?” (TSING, 2019, p. 173) Para essa autora, “para estudar as ruínas não é preciso se afastar de casa: a vida nas ruínas estão em toda parte à nossa volta” (TSING, 2019, p. 18). Assim como as ruínas, as PANC também estão por todas as partes à nossa volta, aliás, poderia-se dizer que as PANC são integrantes das ruínas, ruínas que estão na composição da urbanidade moderna. Segundo Tsing, “nós construímos nossas cidades através da destruição e simplificação, derrubando florestas para substituí-las por plantações para cultivo de alimentos ou para viver em asfalto e concreto” (TSING, 2019, p. 44).

Enquanto eu pesquisava as publicações sobre as PANC deparei-me com o conceito de plantas ruderais em Rainieri:

O termo plantas ruderais significa plantas que nascem em ruínas, ou seja, aquelas que acompanham os rastros do homem, nascendo em beiras de estrada, terrenos baldios e áreas sem manejo. Grande parte delas é comestível (RANIERI, 2017, p. 38).

Nesse momento, em que encontrei reverberação do meu pensamento em outros autores, tomei mais confiança no que eu vinha escrevendo. Inclusive, o autor traz o termo ruína para a descrição dos locais em que as PANC nascem

espontaneamente pela cidade, áreas que foram perturbadas fortemente pelo ser humano.

Dessa forma, parece-me que, entender as plantas alimentícias não convencionais como espécies companheiras para imaginar a ocupação das ruínas e a ocupação da comida, é um caminho possível. Poder perceber as PANC como espécies companheiras, diz sobre aprendermos sobre aquilo que desprezamos e que pode causar, inclusive, estranhamento visual, pois teimam em nascer em ambientes não previstos, questionando o controle humano sobre a natureza. As PANC estão sempre a colocar os *designs* em questão, se intrometem onde não foram planejadas. Torná-las aliadas parece ser importante para ocupar ruínas, pois elas estão onde talvez ninguém mais possa estar.

Muitas PANC descritas por Kinupp e Lorenzi (2021) são amplamente cultivadas e consumidas na Horta, como por exemplo, o hibisco, o maxixe, o caruru, o tomate arbóreo. No entanto, há aquelas um pouco mais marginalizadas, digamos, que não são cultivadas, e nascem espontaneamente. As espécies espontâneas interessam de forma peculiar, por uma série de fatores: elas nascem sem o planejamento humano, ocupam canteiros, lajes, estradas, prédios. Também são espécies que se colocam como pioneiras na sucessão ecológica, como dito anteriormente, sua vida existe para que outras vidas delas advenham. As espécies espontâneas guardam em si o devir da ressurgência Holocênica.

A tiririca é uma dessas espécies que podem, inclusive, causar sentimentos de aversão para agricultores, já que ela se prolifera facilmente e pode competir com outras espécies. Para qualquer lugar que você olhar, seja na Horta ou em um pequeno canteiro próximo do asfalto, dificilmente não vai ter tiririca. A tiririca é um ser quase que onipresente. Quando se digita na pesquisa do *Google*, um dos primeiros complementos que ele sugere é “tiririca planta daninha”. A maioria dos resultados obtidos na pesquisa no *site* de busca são sobre como combater essa espécie.

Imagem 38 - *PrintScreen* retirado do site Casa Vogue, em agosto de 2022



Fonte: Disponível em: <https://casavogue.globo.com/Smart/noticia/2021/11/tiririca-saiba-como-combater-planta-daninha-que-pode-destruir-o-seu-jardim.html> (2022).

Agamben, citado por Sussekind (2018), diz que as vidas que se colocam fora de qualquer dimensão política, que não são dotadas de qualquer valor intrínseco, são vividas como “vidas nuas”. “Vida nua” seria a vida apenas biológica e, portanto, vivida dentro de um estatuto em que a morte pouco importa. Defendo aqui que muitas PANC, como a tiririca, estão colocadas, na sociedade moderna e ocidental, a partir desse estatuto, de vida matável. As plantas, de forma geral, já figuram na modernidade como seres subalternizados, no entanto, existem plantas mais matáveis do que outras, vidas mais marginalizadas do que outras. Segundo Kirksey e Helmreich sobre a virada específica na antropologia:

Animais, plantas, fungos e micróbios, anteriormente confinados, nos relatos antropológicos, ao reino da zoe ou “vida nua” – aquilo que é matável –, começaram a figurar na companhia dos humanos, no reino da bios, como legíveis portadores de vidas biográficas e políticas. (AGAMBEN, 1998 apud KIRKSEY e HELMREICH, 2020, p. 274).

Sobre a vida das tiriricas podemos pensar em suas propriedades medicinais descritas, entre outras propriedades, como um repositório hormonal masculino. A parte comestível da planta são os tubérculos que ficam embaixo da terra e que são sua forma de proliferação. Apreciadas na Espanha, as batatas da tiririca servem como tira-gosto quando são assadas ao forno, ou ainda, podem servir para fazer bolos, farinha e uma espécie de suco, chamado na Espanha de *horchata de chufa* (KINUPP; LORENZI, 2021).

Na Horta, a forma como a tiririca é tratada é diferente do que vemos em geral sobre ela. Quando se capina a tiririca, procura-se retirá-la do solo com a sua batatinha e essas são destinadas à farmacinha da parada dez da Lomba do

Pinheiro, onde se produz tinturas e elixires de plantas. A farmacinha é um local que se situa geograficamente dentro do Centro de Promoção da Criança e do Adolescente São Francisco de Assis (CPCA), uma organização sem fins lucrativos que oferece cursos para crianças e adolescentes, ligado aos freis franciscanos, que já foram citados anteriormente e possuem uma forte atuação na Lomba do Pinheiro. A farmacinha foi fundada por uma freira à época, Rafinha, com incentivo do Frei Flávio Guerra que era Pároco da paróquia Santa Clara, na parada dez da Lomba do Pinheiro. Rafinha é enfermeira e possui mais de quarenta anos de experiência com fitoterápicos. Ali, na farmacinha, trabalham alguns voluntários, como o professor Flávio, trabalhador da horta, na fabricação manual de tinturas de plantas, que quando misturadas dão origem aos elixires, que são combinações que podem variar entre duas a oito tinturas. Os elixires são usados para tratamento de enfermidades. No local, também há aplicação de Reiki gratuito. As batatinhas da tiririca são usadas na fabricação de um elixir que serve como estimulante e repositivo hormonal masculino. Na horta, a vida da tiririca não é desprezível, ela é cuidadosamente capinada para posterior uso. Segue um fragmento do campo que demonstra como a tiririca vem sendo tratada na horta.

**Imagem 39 - Farmacinha e seus elixires**

Fonte: Imagem do acervo da autora (2021).

Um dia de verão, em 2022, eu cheguei na horta às oito horas da manhã, Lurdes e Flávio já estavam trabalhando e uma voluntária nova estava presente. Letícia, fisioterapeuta, começou a frequentar a horta naquele mesmo dia e, Flávio me indicou onde ela estava e o que estava fazendo. Ela estava coletando tiririca com suas batatinhas para que Flávio, à tarde, levasse para a farmacinha. Letícia estava lá, com a enxada, retirando as tiriricas do solo, tentando manter as batatas na planta, o que não estava sendo muito fácil. Flávio me diz que elas estão sem batatas ou as batatas estão muito pequenas e que está difícil coletá-las. Na Horta, as

tiriricas estão sendo olhadas de forma minuciosa e retiradas com cuidado do solo. *Atenção* e *cuidado* são colocados na relação, diferentemente do que vemos nas pesquisas do *Google* que indicam, na maioria dos resultados, como “exterminar essa praga”.

Em geral, o destino que se dá à tiririca na Horta é esse, como planta medicinal. A planta não é consumida ali, pelo menos eu nunca presenciei, apesar de os frequentadores conhecerem o seu uso. Também é corrente o discurso sobre a observação de onde a tiririca nasce, pois esse é um indicativo sobre a nutrição do solo: ela nasce onde o solo está pobre em nutrientes. Eu, particularmente, fico admirada com a capacidade dela de atrever-se a nascer onde a maioria das demais espécies não nasceria, elas “encontram vida lá onde nenhum outro organismo consegue” (COCCIA, 2019, p. 15). Na minha casa existe um pátio com laje, não raro uma tiririca nasce nas frestas da laje. Elas ocupam os lugares, ocupam as cidades, as casas, as calçadas, o asfalto; tiriricas são capazes de estar em muito do que a ruína do pensamento moderno construiu.

Outra dessas plantas espontâneas, não cultivadas, é a tripa de galinha ou morrião, como é chamada popularmente. Essa, por sua vez, é usada em saladas nos almoços da Horta durante o inverno, já que no verão não se vê tripa de galinha nos canteiros, uma vez que a planta precisa de umidade para crescer. Seu Manoel, frequentador do projeto há bastante tempo, idoso e aposentado, aparece, duas ou três vezes na semana, com uma sacola, para coletar a tripa de galinha. Essa é a principal inserção que ele tem no espaço. Quando Seu Manoel vai, conversa com as pessoas que ali estão, mas não se envolve com outras atividades além da sua coleta pessoal de morrião. Ele usa-o como alimento para as suas galinhas, que segundo ele, põem mais ovos quando alimentadas dessa forma. Segundo Kinupp e Lorenzi a tripa de galinha “é rica em Magnésio, fósforo, cobre, vitaminas A, C, B6, B12, D e Rutina, composto fenólico com ação antioxidante” (KINUPP; LORENZI, 2021, p. 300). Assim como a tiririca, a tripa de galinha é considerada uma praga para a agricultura convencional. Na Horta, além de ser vista como comida, a tripa de galinha é também um agregador de pessoas, serve de pretexto para as conversas que Seu Manoel tece com os demais voluntários. A tripa de galinha faz com que ele, quase que diariamente, saia de casa e entre na Horta com sua sacolinha plástica, em que deposita a coleta.

Em 2021 eu me afeiçoei muito com o picão preto, que é mais uma dessas espécies espontâneas e subalternizadas pela agricultura convencional e que nascem na Horta. No início eu achava incômodo, pois o picão, quando entramos em um espaço de mata, deixa inúmeras partes de si na nossa roupa, como pequenas agulhas que vão se prendendo aos tecidos. Um de seus nomes populares, por essa característica, é carrapicho-de-agulha. Com o tempo, entendi que essas são as sementes do picão e agarrar-se às nossas roupas é uma estratégia de sobrevivência da espécie, para que suas sementes se propaguem. Além dessa história, que acho muito boa sobre ele, também passei a tomar chá à base da planta. Descobri que seu gosto é muito parecido com o do chá preto e que fica muito gostoso gelado, com limão. Segundo Kinupp e Lorenzi (2021) é rico em proteína, fibras, magnésio e com alto teor de cobre, além de outras propriedades.

**Imagem 40 - Picão preto**



Fonte: Imagem do acervo da autora (2022).



Está na essência dessas espécies a coragem e a resistência, a capacidade de escapar por entre frestas dos projetos escaláveis. Aliamos às espécies espontâneas, que nascem inclusive no asfalto, nas lajes e nas paredes cegas dos edifícios, prestar *atenção* aos seus movimentos de vida, compreender que elas possuem uma riqueza que pode beneficiar humanos e parar de colocarmos essas plantas no lugar discursivo de pragas seria, quem sabe, poder levar a sério suas vidas. A agricultura convencional nos fez acreditar que apenas alguns cultivos são comida, aqueles que são colocados nas grandes cadeias de produção. Ocupar a comida é, talvez, nos desvencilharmos dessa narrativa hegemônica e podermos treinar nossa *atenção* para enxergar comida para além do que está posto nos supermercados.

Neste capítulo pensou-se sobre a alimentação que os participantes da Horta vão criando e experimentando, de forma coletiva, com a presença de plantas que não são usuais no cotidiano urbano. Um coletivo que vai inscrevendo suas construções sobre o gosto e criando formas de se relacionar com essas plantas. Esse é o caso do hibisco, planta símbolo da horta, que ganha diversos significados e usos durante todo o seu ciclo. Entendida aqui como espécie companheira (HARAWAY, 2009) dos humanos da Horta, o hibisco oferece suas propriedades aos humanos, seu sabor, sua versatilidade, enquanto os humanos cuidam para que a espécie permaneça existindo naquele espaço, ano após ano, guardando sementes e passando por todas as etapas, desde a semeadura até a colheita e seus usos culinários.

Esse coletivo também tem suas crenças e convicções diante da indústria alimentícia e, através das práticas da horta, vai se posicionando diante do cenário que essa indústria nos coloca. Um posicionamento que muitas vezes é silencioso e localizado e tende para a autonomia dos sujeitos em relação às grandes redes de alimentos, uma vez que deixa-se de comprar muitas coisas e passa-se a abastecer as casas com alimentos vindos da Horta: couve, alface, berinjela, bergamotas, laranjas, limões, hibisco, ora pro nobis, louro, peixinho da horta, capuchinha, picão preto, bertalha, batatas, Inhame, manjerição, alecrim, espinafre, abóbora, abobrinha, cebolinha, alfazema, carambola, pêssegos, fisális, maçã, pera, rabanete, repolho, e por aí vai...

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como apontado no prelúdio, essa é uma dissertação que não é limpa ou neutra. Todo o tempo em que estive em campo, compus o campo e me afetei com os afetos que por ali passaram: chegada de alguns, partida de outros, ciclos iniciando, ciclos fechando; chuvas e seca; caramujos nascendo e morrendo, O hibisco desde a semente até a geleia; As formigas que me picaram diversas vezes e me causaram dor; Cobras e aranhas que me deixaram com medo; cursos, reuniões, fórum e grupos de trabalho; Estagiários, estudantes de graduação elaborando trabalho de conclusão de curso. Fiz mudas, cortei caixinhas de leite, capinei canteiros, coletei folhas na mata, reguei a horta embaixo do sol quente, acolhi pessoas que chegavam, participei de reuniões, fui, junto com outros, ministrante de curso de formação.

Quais são as relações entre seres que uma horta (ou jardim) propaga? (MYERS, 2017). Acredito que, de alguma forma, pensando sobre essa experiência situada, a Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro, pode-se, nesta dissertação, criar algumas respostas para essa pergunta tão complexa que nos faz, Natasha Meyers. O *design* da Horta, projetado para agregar humanos e não humanos, possibilita uma série de encontros que produzem desestabilizações e restabilidades, para os diversos seres que ali habitam. *Design* que abre novas *atenções* e possibilidades de *cuidado*, no sentido de encontrar saídas cosmopolíticas para o que se coloca como cotidiano entre diferenças.

Como um pedaço de ressurgência de perturbação lenta na cidade, a Horta faz-se lugar de habitabilidade menos precarizada para humanos e não humanos. Caramujos podem encontrar abrigo, tiriricas podem ser vistas como remédio, formigas podem trazer mensagens, bactérias são bem-vindas, jovens podem experimentar a relação com a terra. Em uma estética que mistura flores e hortaliças, bichos, humanos e plantas, a horta tem podido ser refúgio, um pedaço com larga biodiversidade, em meio ao concreto urbano.

Também, pode-se pensar, aqui, em como formar alianças com plantas, como, por exemplo, é o caso do hibisco na horta, ou ainda algumas PANC, para que se possa ocupar a comida e ocupar os sistemas agroalimentares, nos termos de Tsing (2019), bem como ocupar a cidade com lógicas menos pavimentadas.

Nos anos em que a comunidade da Lomba, através dos voluntários da horta e simpatizantes, lutaram para que o projeto urbanístico de passar uma rua onde está localizada, não fosse efetuado e da mesma forma como é construído o cotidiano da Horta, em que, além de ser local de encontros entre humanos e não humanos, é também local de resistência frente a algumas pautas, como a agroecologia, a defesa das águas e a especulação imobiliária, vimos o trabalho de alianças sendo construídas entre esses seres para objetivos comuns. Aqui temos biodiversidade, aqui podemos com a ajuda desses não humanos variar cardápios humanos e diminuir a fome, aqui podemos dar abrigo para abelhas e beija-flores, aqui centenas de pássaros encontram do que se alimentar [...] são muitas as conexões do emaranhado de gentes e vidas que ali se sustentam juntas e que fizeram argumento político por alguns momentos.

Existem alianças formadas entre humanos e não humanos nesse espaço para que tais posicionamentos sejam possíveis. Se não houvesse uma horta, com todo seu complexo mundo vivo presente e, ainda, uma mata nativa no seu entorno, que abriga mais um universo de seres, talvez não houvesse argumento para ir contra a pavimentação do local, por exemplo. Mais uma rua, mais urbanização, mais progresso. Menos diversidade. Apesar do que as histórias urbanas nos fazem esquecer dos biomas que vivem sob elas, a vida sempre teima em escapar para além do desenho moderno que nos coloca em caixas de concreto. Mesmo o mofo que cresce atrás da sua cama, nos dias úmidos de inverno são a lembrança de que algo não está bem com a forma que estamos vivendo, pois ele nos lembra, que a todo tempo a vida está tentando ressurgir.

Essa e outras histórias são histórias mais que humanas. Marder (2020) nos fala sobre como humanos podem aprender a resistir (no sentido político) como plantas, sua fala, transcrita abaixo, remete à forma como a Horta tem podido se relacionar e seus humanos aprenderem com as plantas e outros não humanos:

Quando o ser humano cresce junto com as plantas, acompanha seu crescimento, reconhece e respeita suas possibilidades ontológicas (incluindo, mas não se limitando à possibilidade de se tornar uma fonte de alimentação) e direitos, então não mais consumimos seres vegetais como se eles não fossem mais do que depósitos de energia calórica, fontes de biocombustível ou aquecimento, tecidos ainda não tecidos, materiais de construção ainda não cortados, suportes em branco para escrita e impressão. Para resistir como as plantas, em uma frente comum, que não equivale a um confronto, precisaríamos aprender com elas, ser e conviver com elas, para deixar que algo delas floresça em nós (MARDER, 2012, p. 35).

Mayers (2017) chama atenção que há diversas formas de cultivar mundo e de cultivar hortas, ou jardins, e que os antropólogos devem estar atentos para esses locais “que encenam futuros habitáveis tanto para as plantas quanto para as pessoas” (MAYERS, 2017, p. 4). Segundo a mesma autora, esses projetos de solidariedade nos colocam que somos também um pouco planta e que nosso futuro depende da criação de futuros vivíveis com elas. Segundo Mayers:

Precisamos de uma antropologia planificada para documentar as ecologias afetivas que tomam forma entre as plantas e as pessoas, para que possamos aprender a ouvir suas demandas por terras não pavimentadas e, como nos lembra Maria Puig de la Bellacasa (2015), por um tempo fora dos ritmos de extração capitalista (MAYERS, 2017, p. 6).

Dessa forma entende-se que a Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro vem cumprindo um papel importante na cidade de Porto Alegre, no sentido de poder agregar humanos e não humanos, mais enfaticamente humanos e plantas e colocando-os a pensar juntos, a transformarem-se nos encontros não planejados, a resistirem aprendendo com a sabedoria dos vegetais e aliando-se na tarefa de fazer mundos conjuntos. A *atenção*, o *cuidado* e a *relacionalidade* são dispositivos presentes e fundamentais nessa tarefa de a Horta emaranhar-se com tudo o que a constitui e de produzir mundo permanentemente nesses emaranhados.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Danilo Sette de. Alguns princípios de sucessão natural aplicados ao processo de recuperação. *In*: ALMEIDA, Danilo Sette de. **Recuperação ambiental da Mata Atlântica** [online]. 3 ed. rev. and enl. Ilhéus: Editus, 2016, pp. 48-75. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 10 out. 2022.

AMON, Denise; MENASCHE, Renata. Comida como Narrativa da Memória Social. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v.11, n.1, p. 13-21, 2008.

BARBOSA, Andrea; CUNHA, Edgar Teodoro. **Antropologia e imagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

BARBOSA, Livia. Tendências da alimentação contemporânea. *In*: PINTO, Michele de Lavra; PACHECO, Janie K. (Org.). **Juventude, Consumo & Educação 2**. Porto Alegre: ESPM, 2009.

BAUTISTA, Rafael. **Del mito del desarrollo al horizonte del vivir bien: por qué fracasa el socialismo al largo del siglo XX?**. La Paz: Yo soy si Tú eres ediciones, 2017.

BELLACASA, Maria Puig de La. Nothing comes without its world': thinking with care. **The Sociological Review**, v. 60, n. 2, 2012. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1111/j.1467-954X.2012.02070.x>. Acesso em: 30 out. 2022.

BOURDIEU, Pierre. Gostos de Classe e estilos de Vida. *In*: ORTIZ, Renata (Org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p. 82-121.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. A presença do autor e a pós modernidade em antropologia. **Novos estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 21, p. 133-157, 1988.

COCCIA, Emanuelle. **A vida das plantas: uma metafísica da mistura**. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

CONTRERAS, Jesus. Patrimônio e Globalização: o caso das culturas alimentares. *In*: CANESQUI, Ana Maria; GARCIA, Rosa Wanda Diez (orgs) **Antropologia e nutrição: um diálogo possível**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005. p. 129-145.

COSTA, Alyne. **Cosmopolíticas da terra: modos de existência e de resistência no Antropoceno**. 2019. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

COUTINHO, Maura Neves; COSTA, Heloisa Soares de Moura. Agricultura Urbana: prática espontânea, política pública e transformações dos saberes rurais na cidade. **Geografias**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, 2011, p. 81-97.

DAMATTA, Roberto. O ofício do etnólogo, ou como ter *antropological blues*. *In*: NUNES, Edson de Oliveira. (org.). **A Aventura sociológica: objetividade, paixão**,

improvisado e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Editor Jorge Zahar, 1978. p. 25-35.

DEBAISE, Didier. O universo perspectivista: natureza e subjetividade na metafísica contemporânea. **DasQuestões**, v. 7, n. 7, p. 84-95, 2019.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de: PALBERT, Peter Pel. São Paulo: Editora 34, 1992.

DESPRET, Vinciane. **O que diriam os animais?** Tradução de: MEI, Letícia. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

DINIZ, Debora. Ética na pesquisa em ciências humanas: novos desafios. **Ciências e saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, pp. 417-426, 2008.

ELTON, Sarah. Posthumanism Invited to Dinner: Exploring the Potential of a More-Than-Human Perspective in Food Studies. **Gastronomica**, [S.l.], v. 19, n. 2, p. 6-15, 2019.

EMERSON, Robert.; FRETZ, Rachel; SHAW, Linda. **Writing ethnographic fieldnotes**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

FISCHLER, Claude. **El (h)omnívoro: el gusto, la cocina y el cuerpo**. Barcelona: Anagrama, 1995.

FORSTER, T; HUSSEIN, K; MATTHEISEN E. Sistema alimentares urbano - regionais: uma abordagem inclusiva e integrada para melhorar os sistemas alimentares e as ligações urbano–rurais. **Revista de Agricultura Urbana**, n. 29, p. 38-43, maio 2015. Disponível em: [https://ruaf.org/assets/2019/11/rau29\\_completo.pdf](https://ruaf.org/assets/2019/11/rau29_completo.pdf). Acesso em: 30 set. 2022.

GOLDENBERG, Miriam. Cultura e gastro-anomia: psicopatologia da alimentação cotidiana. **Horizontes Antropológicos**, n. 36, p. 235-256, 2011.

GOLDMAN, David. The quality ‘turn’ and alternative food practices: reflections and agenda. **Journal of Rural Studies**, v. 19, n. 1, p. 1-17, 2003.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. **ClimaCom – Vulnerabilidade** [Online], Campinas, v. 3, n. 5, 2016. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/rafa-carvalho-...e-uma-vergonha/>. Acesso em: 24 mar. 2022.

HARAWAY, Donna. **O manifesto das espécies companheiras** : cachorros, pessoas e alteridades significativas. Tradução de: MOREIRA, Pê. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.

HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7 - 41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 5 out. 2022.

HARAWAY, Donna. **Seguir con el problema:** generar parentesco en el chthuluceno. Tradução de: Torres, Hellen. Buenos Aires, 2019.

HARTWIG, Marisa. Migração campo cidade: trajetórias de vida, trabalho e escolarização de jovens trabalhadores. *In: SEMINÁRIO REGIONAL E FÓRUM DE EDUCAÇÃO DO CAMPO*, 1. 2013. **Anais[...]**. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/sifedocregional/images/Anais/Eixo%2001/Marisa%20Hartwig.pdf>. Acesso em: 29 out. 2022.

INGOLD, Tim. **Antropologia:** para que serve? Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2019.

JATOBÁ, Sérgio Ulisses. Urbanização, Meio Ambiente e Vulnerabilidade Social. **Boletim Regional, Urbano e Ambiental**, Brasília, n. 5, p. 141-148, 2011.

KAIOWÁ, Izaque João. As plantas ouvem a nossa voz. Cantos e cuidados rituais Kaiowá. *In: OLIVEIRA, Joana Cabral. AMOROSO, Marta., DE LIMA, Ana Gabriela Amorin., SHIRATORI, Karen, MARRAS, Stelio, EMPARAIRE, Laure. Vozes vegetais: diversidade, resistência e histórias da floresta.* São Paulo: Ubu, 2020.

KINUPP, Valdely Ferreira; LORENZI, Harri. **Plantas alimentícias não convencionais no Brasil:** Guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas. 2. ed. São Paulo: Jardim Botânico Plantarum, 2021.

KIRKSEY, Eben.; HELMREICH, Stefan. A emergência da etnografia multiespécie. **Revista de Antropologia da UFSCAR**. São Carlos, v. 12, n. 2, p. 273-307, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRONE, Evander Eloí; MENASCHE, Renata. Agregados e mulheres, o “queijo de final de semana” e o valor do trabalho. **Raízes: Campina Grande**, v. 26, n. 1, 2007.

LATOURE, Bruno. Para distinguir amigos e inimigos no tempo do Antropoceno. **Revista de Antropologia**. São Paulo, v. 57, n. 1, p. 11-31, 2009.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade.** São Paulo: Centauro, 2006.

LEFF, Enrique. Agroecologia e saber ambiental. **Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável**. Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 36-51, 2002.

LIMA, Ana Gabriela Morim de; KRAHÔ, Creuza Prumkwyj; ALDÉ, Verônica. Histórias e cantos do milho Krahô. As muitas vozes do Cerrado. *In: OLIVEIRA, J. C. AMOROSO, M., DE LIMA, A. G. A., SHIRATORI, K., MARRAS, S., EMPARAIRE, L. Vozes vegetais: diversidade, resistência e histórias da floresta.* São Paulo: Ubu, 2020. p. 246-256.

LOPES, Paulo Rogério; LOPES, Keila Cássia Santos Araújo. Agricultura urbana ecológica: o caso de Cuba. **Agriculturas**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 16-22, 2012.

LOVELOCK, James. **Gaia**: a new look at life on Earth. Oxônia: Oxford University Press, 2000.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, v. 22, n.3, p. 935-952, 2014.

MACHINI, Mariana Luiza Fioco. **Nas fissuras do concreto**: Política e movimento nas hortas comunitárias da cidade de São Paulo. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

MAIZZA, Fabiana. Especulações sobre pupunheiras ou como cuidar de parentes-planta. *In*: OLIVEIRA, Joana Cabral. AMOROSO, Marta., DE LIMA, Ana Gabriela Amorin., SHIRATORI, Karen, MARRAS, Stelio, EMPARAIRE, Laure. **Vozes vegetais**: diversidade, resistência e histórias da floresta. São Paulo: Ubu, 2020.

MARICATTO, Erminia. Questão Fundiária Urbana no Brasil e o Ministério das Cidades. 2015. Disponível em: [http://200.144.245.89/wp-content/uploads/2018/01/maricato\\_questaofundiaria.pdf](http://200.144.245.89/wp-content/uploads/2018/01/maricato_questaofundiaria.pdf). Acesso em: 29 out. 2022.

MARICATTO, Erminia. Urbanismo na periferia do mundo globalizado: metrópoles brasileiras. **São Paulo em Perspectivas**, São Paulo, v. 14, n. 4, p. 21-33, 2000.

MATZEMBECKER, Cleidiana Amaral. **Movimento neo-rural em Rolante/RS: novos atores, resgate e troca de saberes**. Trabalho de Conclusão (Graduação em Licenciatura em educação do Campo) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Tramandaí, 2019.

MAYERS, Natasha. Conversations on Plant Sensing Notes from the Field. **Nature Culture**, v. 3, p. 35-36, 2015.

MEIRA, Luciana Gotardo de. A Agroecologia na relação campo-cidade. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 2012, Uberlândia. **Anais[...]**. Uberlândia, 2012. Disponível em: [http://www.lagea.ig.ufu.br/xx1enga/anais\\_enga\\_2012/eixos/1222\\_1.pdf](http://www.lagea.ig.ufu.br/xx1enga/anais_enga_2012/eixos/1222_1.pdf). Acesso em: 30 out. 2022.

MENASCHE, Renata. Campo e cidade, comida e imaginário. Percepções do rural à mesa. **Ruris**, Campinas, v. 3, n. 2, p. 195-218, 2009.

MENASCHE, Renata. Tendências da alimentação contemporânea: percurso e elementos para uma agenda de pesquisa. **Campos**, Curitiba v. 19 n. 2, p. 133-154. 2018.

MONTEIRO, Carlos Augusto. **Guia alimentar para a população brasileira**. Brasília, 2014. Disponível em: <http://portalsaude.saude.gov.br/images/pdf/2014/novembro/05/Guia-Alimentar-para-a-pop-brasiliera-Miolo-PDF-Internet.pdf>. Acesso em: 10 set. 2022.



MOORE, Jason W.. The Capitalocene, Part I: on the nature and origins of our ecological crisis. **The Journal Of Peasant Studies**, [s.l.], v. 44, n. 3, p. 594-630, 2017.

NAKAMURA, Eunice. Algumas considerações antropológicas sobre o processo de urbanização e suas consequências na saúde mental das crianças. **Infanto- revista de de neuropsiquiatria Infantil e da adolescência**, v. 4, n.1, p. 52-56, 1996.

NOVAES, Silvia Caiuby. O silêncio eloquente das imagens fotográficas e sua importância na etnografia. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 3, n. 2, p. 56-57, 2014.

OBSERVAPOA. **Observatório da cidade de Porto Alegre**. Disponível em: <http://www.observapoa.com.br>. Acesso em: 07 set. 2021.

PAFUNDA, Rosana Akemi. **As novas ruralidades no debate paradigmático: Estudo de caso sobre os neo-rurais de Juquitiba**. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Geografia, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2016.

PRIMAVESI, Ana Maria. **Cartilha de inspeção do solo**: como reconhecer e sanar seus problemas. São Paulo, MST, 2009.

RANIERI, Guilherme Reis. **Guia prático de plantas alimentícias não convencionais**. São Paulo: Instituto Kairós, 2017.

RIBEIRO, Renata Tomaz do Amaral. **Novidade na feira**: um estudo etnográfico envolvendo plantas alimentícias não convencionais. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural. Universidade Federal do rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2020.

ROCHA, Jailson José Gomes. Direito, decolonialidade e o giro multiespécie. **Revista Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p 885 - 914, 2021.

ROSA, Alexandre dos Santos. **Lomba do Pinheiro - Porto Alegre**: um bairro em transformação, um olhar espacial ao período de 1960 à 2013. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós Graduação em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

SANTOS, Boaventura de Souza. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos Estudos CEBRAP**, [S.l.], n. 79, p. 71-94, 2007.

SASSATELLI, Roberta. Contestação e consumo alternativo: a moralidade política da comida. **Tessituras**, Pelotas, v. 3, n. 2, p. 10-34, 2015.

SCARABELOT, Maristela. SCHNEIDER, Sérgio. As cadeias agroalimentares curtas e o desenvolvimento local - um estudo de caso no município de Nova Veneza/SC. **Revista Faz ciência**, v. 14, n. 19, 2019. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/fazciencia/article/view/8028>. Acesso em: 30 out. 2022.

SCHIMITT, Lilian Alves. **Aprender (n)a horta urbana: práticas e experiências em comunidade**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

SCHNEIDER, Maurício; MENASCHE, Renata. Os estudos rurais à luz de outras possibilidades: pistas a partir da antropologia simétrica. **Tessituras**, Pelotas, v. 2, n. 2, 2014, p. 246-268.

SEIDMAN, Irving. **Interviewing as qualitative research**. New York: Teachers College Press, 1998.

SILVA, Fernando. **Fazer Filosofia em um planeta ferido. Whitehead, Stengers e uma filosofia ambiental**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

SILVA, Fernando. Pensar com Gaia. **Climacom** : fabulações Miceliais, Campinas, v. 6, n. 14, 2019.

Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/?p=10801>. Acesso em: 5 set. 2021.

SIMMEL, Georg - A Metrópole e a Vida Mental, *In*: SIMMEL, George; PARK, Robert; WEBER, Max; WIRTH, Louis; LAUWE, Chombart de. **O Fenômeno Urbano**, Rio de Janeiro, 1967.

SIQUEIRA, Paula.; FAVRET-SAADA, Jeanne. "Ser afetado", de Jeanne Favret-Saada. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 13, n. 13, p. 155-161, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50263>. Acesso em: 1 jan. 2023.

SOUSA, Francisco Geovani de. Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro e seus permanentes desafios. **Conselho Popular da Lomba do Pinheiro**, 2016. Disponível em: <http://cplombadopinheiro.blogspot.com/2015/12/horta-comunitaria-da-lomba-do-pinheiro.html>. Acesso em: 22 de fev. de 2021.

SOUZA, Vitória de Fátima dos Santos; TEIXEIRA, Jorge Luan. A agroecologia entre a técnica e a ética: experiências de trabalhadoras rurais em um assentamento no Ceará. **Revista de Antropologia da UFSCAR**, São Carlos, v. 2, n. 12, 2020.

STENGERS, Isabelle. A proposição cosmopolítica. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasília, n. 69, p. 442-464, 2018.

STENGERS, Isabelle. **No tempo das catástrofes**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

SUSSEKIND, Felipe. Sobre a vida multiespécie. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasília, n. 69, p. 159-178, 2018.

TSING, Anna Lowenhaupt. **The mushroom at the end of the world**. Princeton: Princeton University Press, 2015.

TSING, Anna Lowenhaupt. **Viver nas ruínas**: paisagens multiespécies no Antropoceno. Tradução de: CARDOSO, Thiago Mota *et al.* Brasília: IEB Mil folhas, 2019.

VAN DOOREN, Thon; KIRSKEY, Eben; LE MÜNSTER, Ursula. Estudos Multiespécies cultivando artes de atenção. Tradução de: DIAS, Suzana. **Climacom Cultura Científica** – pesquisa jornalismo e arte, [S.l.], v. 3, n. 7, p. 39-66, 2016.

VARGAS, Yara Tarragó. **Os neo-rurais**: capital humano estratégico de mudanças. Dissertação (Mestrado em Administração Pública) - Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2002.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. *In*: NUNES, Edson de Oliveira. **A aventura sociológica**: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987. p. 36-46.

WALDMAN, Maurício. Tempo, Modernidade e Natureza. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, v. 1, n. 16, p. 24-73, 1995.

WEDIG, Josiane Carine. **Agricultores e agricultoras à mesa**: Um estudo sobre o campesinato e gênero a partir da antropologia da alimentação. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

WOORTMANN, Ellen. Práticas eco-agrícolas tradicionais: ontem e hoje. **Retratos de Assentamentos**, Araraquara, v. 14, n. 2, p. 15-32, 2011.

WOORTMANN, Ellen; WOORTMANN, Klaas. **O Trabalho da terra**: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa. Brasília: Editora da UnB, 1997.